

WORLD'S CHILDREN'S PRIZE MAGAZINE #70/71 2023

THE Globe

GLOBEN LE GLOBE EL GLOBO OGLOBO
DER GLOBUS द ग्लोब विश्व گلوب



WORLD'S CHILDREN'S PRIZE
FOR THE RIGHTS OF THE CHILD

PRIX DES ENFANTS DU MONDE
POUR LES DROITS DE L'ENFANT

PREMIO DE LOS NIÑOS DEL MUNDO
POR LOS DERECHOS DEL NIÑO

PRÊMIO DAS CRIANÇAS DO MUNDO
PELOS DIREITOS DA CRIANÇA

DER PREIS DER KINDER DER WELT
FÜR DIE RECHTE DES KINDES

बाल अधिकारका लागी
विश्व बाल पुरस्कार

बाल अधिकारका लागी
विश्व बाल पुरस्कार

بچوں کے حقوق کے انعام کا عالمی پروگرام

Prêmio das Crianças do mundo pelos Direitos da Criança



► Vincent e Tadiwanashe em Muhrewa, Zimbábue exibem orgulhosamente seu cartaz em apoio aos direitos das meninas.

Thanks! Tack! Merci! ¡Gracias! Danke! Obrigado! CÂM ON ດັບໂດຍ: شکریه: !

Rainha Silvia da Suécia | Loteria Sueca do Código Postal
ForumCiv/Sida | Fundação da Rainha Silvia Care About the Children | Filantropias Survé | Fundo Memorial da Princesa Margareta | Fundação do Banco de Poupança Rekarne | Fundação de Angariação de Fundos da Família Bergqvist | Fundação Peace Parks | Rotary District 2370

Todos os patrocinadores dos direitos da criança e doadores | Microsoft | Google | DecideAndAct ForeSight Group | Twitch Health Capital PunaMusta | Gripsholms Slottsförvaltning Svenska Kulturmässan | ICA Torghallen | Strängnäs UN Association | Arkitektkopia/Strängnäs Kopia Skomakargården | Lilla Akademien

Olá!

A revista O Globo é para você e todos os demais jovens que participam do programa do Prêmio das Crianças do Mundo. Aqui, você vai conhecer amigos de todo o mundo, aprender sobre seus direitos e receber dicas de como o mundo pode ser um pouco melhor!

As pessoas que estão nesta edição de O Globo vivem nesses países:



Seja agente de mudança	4
O programa do WCP em imagens	6
O que são os direitos da criança?	8
Como estão as crianças do mundo?	10
Júri infantil do Prêmio das Crianças do Mundo	12
Você Eu Direitos Iguais.....	25
Geração de Paz e Mudança	37
Metas globais.....	42
A terra se aquece & suas pegadas	44
O caminho para a democracia	48
Heróis dos direitos da criança deste ano	51
Mohammed Rezwan, Bangladesh	52
Cindy Blackstock, Canadá.....	68
Thích Nu Minh Tú, Vietname	84
Prepare o Dia do Agente de Mudança	98
Dia do Agente de Mudança (Changemaker Day)	100
Votação Mundial	100
Minha voz por mudanças	103
Volta ao Globo por mudança	104
Missão Agente de Mudança	106
Embaixadores dos direitos da criança mudam	109
Conferência de Imprensa das Crianças do Mundo	113
Nós apoiamos o Prêmio das Crianças do Mundo	113
Cerimônia do Prêmio das Crianças do Mundo	114
Viggo e Samra conhecem Malala.....	114
Seja delator(a)	115



Diretor de redação e editor responsável: Magnus Bergmar
Colaboradores no nº 70/71: Andreas Lönn, Johan Bjerke, Carmilla Floyd, Erik Halkjaer, Jesper Klemedsson, Charles Drawin, Christine Olsson, Kim Naylor, Bo Öhlén, Faisal Anayat, Alfredo Cau, Yubraj Pokhrel **Tradução:** LingoNorden (inglês, francês), Glenda Kölbrant (português) **Editoração & reprodução:** Fidelity
Foto da capa: Magnus Bergmar **Impressão:** PunaMusta Oy

Seja agente de mudança



Quer participar do esforço para aumentar o respeito pelos direitos da criança onde você mora, no seu país e no mundo? Por meio do programa do Prêmio das Crianças do Mundo (WCP) e da revista O Globo, você pode experimentar como os/as corajosos(as) embaixadores(as) dos direitos da criança, heróis/heróinas dos direitos da criança e crianças de todo o mundo que lutam por um mundo melhor para as crianças. Seja você também um(a) agente de mudança!

APRENDA SOBRE OS DIREITOS



O programa do Prêmio das Crianças do Mundo ocorre de 1º de Fevereiro a 1º de Outubro de 2023

Volta ao mundo pelos direitos

Caminhe ou corra 3 km com suas mensagens em cartazes e faixas, para que sejam vistas por mais pessoas. Em conjunto com crianças de muitos países, vocês dão volta após volta ao redor do globo, por uma sociedade local, um país e um mundo melhores.

Veja nas páginas 102-105



Direitos da criança

A convenção dos direitos da criança aplica-se a todas as crianças, em todos os lugares. Ela é cumprida onde você mora, por exemplo, em casa e na escola? Meninas e meninos têm direitos iguais? Você consegue fazer ouvir sua voz sobre questões que afetam a si e a seus amigos? Como as coisas podem melhorar para as crianças onde você mora, no seu país e no mundo? Descubra como estão as crianças do mundo e conheça as crianças do júri do WCP, as embaixadoras dos direitos da criança e crianças por quem elas lutam.

Veja nas páginas 8-36



CHANGE-MAKER DAY

Votos pelos direitos

Celebre os direitos da criança e conte-nos que mudanças você deseja ver para aumentar o respeito aos direitos da criança, para toda a escola e talvez até para convidados.

Obtenha ideias nas páginas 102-105



Missão direitos

Agora você sabe mais sobre os direitos da criança, a democracia e como as crianças podem participar para mudar. Conte aos outros o que aprendeu, se quiser, e contribua para aumentar o respeito aos direitos da criança onde você mora, em seu país e no mundo, agora e no futuro! Boa sorte!

Obtenha inspiração de outros agentes de mudança nas páginas 33-41 e 106-113

MISSÃO DIREITOS





46 milhões de crianças participaram do programa anual do WCP, um dos maiores programas educacionais anuais do mundo sobre os direitos da criança.

Metas globais

Aprenda sobre as metas globais da ONU para o desenvolvimento sustentável e como elas se relacionam com os direitos da criança. Os países do mundo prometeram alcançar as metas até o ano 2030 para reduzir a pobreza, aumentar a igualdade e deter as mudanças climáticas.

Leia sobre mudanças climáticas, crianças, animais e natureza nas páginas 37–47



Heróis dos direitos da criança e agentes de mudança

Três heróis dos direitos da criança são candidatos na votação deste ano, na qual você e milhões de outras crianças escolhem quem ganha o Prêmio das Crianças do Mundo pelos Direitos da Criança em 2023. Todos os três fizeram contribuições fantásticas para as crianças.

Leia sobre o trabalho de cada um deles e as crianças por quem lutam nas páginas 51–97



**CRIAR
PARA
MUDAR**



Democracia

Conheça a história da democracia e aprenda sobre os princípios democráticos antes da Votação Mundial.

Acompanhe a história nas páginas 48–50.

Votação Mundial

No Dia do Agente de Mudança, você e seus colegas fazem ouvir suas vozes por seus direitos. Sinta-se à vontade para convidar familiares, políticos locais e a mídia! Comece organizando sua própria votação global democrática pelos direitos da criança: a Votação Mundial.

**Inspire-se
nas páginas
100–101**



**CHANGE-
MAKER DAY**



Com base em novos conhecimentos e percepções, você e outras crianças preparam seu dia do Agente de Mudança, fazendo tudo, desde cartazes até urnas e cabines de votação.



A grande revelação

Quando os votos de milhões de crianças, incluindo o seu, estiverem somados, será revelado qual dos heróis dos direitos da criança nomeados recebeu mais votos. Todos os heróis dos direitos da criança são homenageados em uma cerimônia no Castelo Gripsholm, em Mariefred, Suécia.

Páginas 114–116



Este ano marca a 20^a vez que milhões de crianças participam do programa do Prêmio das Crianças do Mundo. Você e seus amigos aprenderão sobre os direitos da criança, que meninas e meninos têm os mesmos direitos, e que o seu país prometeu garantir que os seus direitos sejam sempre respeitados. Vocês também conhecerão os heróis dos direitos da criança, votarão na Votação Mundial e, assim como os próprios heróis, poderão ser agentes de mudança!



Comecem aprendendo sobre os direitos da criança e como eles são respeitados no seu país. Com base nas suas próprias experiências, vocês podem discutir como as coisas podem melhorar para as crianças onde vocês moram. **Pp. 8-9 e Folheto Informativo.**



Em seguida, é hora dos direitos da criança no mundo. Conheçam as crianças do júri do WCP, que têm experiências como crianças-soldados, escravizadas por dívidas e sem-teto. **Pp. 10-24.**



Meninas e meninos têm os mesmos direitos, mas os direitos das meninas são violados com mais frequência. Discutam como vocês, assim como os meninos da foto, podem defender os direitos das meninas. **Pp. 25-41.**



Vocês também podem usar a revista O Globo para aprender sobre as Metas Globais da ONU para o Desenvolvimento Sustentável e sobre as mudanças climáticas. **Pp. 42-47.**



Antes de todos participarem da grande Votação Mundial, vocês precisam aprender mais sobre a democracia. **Pp. 48-50.**

Hora de aprender tudo sobre os três heróis dos direitos da criança e sobre as crianças por quem eles lutam.



Mohammed Rezwan. **Pp. 52-67.**



Cindy Blackstock. **Pp. 68-83.**



Minh Tú. **Pp. 84-97.**



Agora, o Dia do Agente de Mudança deve ser preparado. E as urnas, as cabines eleitorais e as listas de eleitores são fabricadas e as cédulas são cortadas. **P. 98.**



Os discursos devem ser escritos e cartazes e faixas devem ser confeccionados. **P. 99.**



Finalmente, chegou a hora do Grande Dia, o Dia do Agente de Mudança, que, após a abertura, começa com a Votação Mundial. **Pp. 100-102.**



Após a Votação Mundial, todos se reúnem para o *Minha voz por direitos e mudança* com seus discursos e cartazes...



...talvez pais, políticos e jornalistas tenham vindo vivenciar o dia com vocês. **P. 103.**



Até agora, as crianças com seus cartazes caminharam, correram e dançaram 5 milhões de quilômetros na Volta ao Globo por Direitos e Mudança, que encerra o Dia do Agente de Mudança. **Pp. 104-105.**



Todos vocês que participam do programa do WCP podem ser agentes de mudança e contar aos seus amigos, familiares, vizinhos e outras pessoas onde vocês moram sobre os direitos da criança. Não se esqueçam da igualdade de direitos das meninas...



...Vocês também podem conversar com os seus líderes locais e pedir a jornalistas que façam mais reportagens sobre os direitos da criança e que os entrevistem sobre as mudanças que vocês desejam ver. **Pp. 106-112.**

Celebre os direitos da criança!

Celebrate
the Rights of
the Child

Fira
barnets
rättigheter!

Célèbre
les droits de
l'enfant

Você e todas as outras crianças têm direitos específicos até completarem 18 anos. É a Convenção da ONU sobre os Direitos da Criança que confere seus direitos.

Todos os países, com exceção dos EUA*, ratificaram (se comprometeram a seguir) a convenção. Portanto, eles devem sempre priorizar o que é melhor para as crianças e ouvir o que vocês têm a dizer.

Os princípios básicos da convenção da criança são que:

- Todas as crianças são iguais e têm os mesmos direitos.
- Você tem direito a ter suas necessidades básicas atendidas.
- Você tem direito à proteção contra abusos e exploração.
- Você tem direito de expressar suas ideias e ser respeitado(a).

O que é uma convenção?

Uma convenção é um acordo internacional entre países. A convenção dos direitos da criança é uma das nove convenções sobre direitos humanos da ONU.



Neste dia, em 1989, a Convenção da ONU sobre os Direitos da Criança foi adotada. Um dia para comemorar!



A Convenção dos Direitos da Criança contém uma ampla gama de direitos que se aplicam a todas as crianças. Ela é dividida em partes chamadas artigos. Aqui, resumimos alguns desses 54 artigos.

Artigo 1

Estes direitos se aplicam a todas as crianças menores de 18 anos, no mundo inteiro.

Artigo 2

Todas as crianças são iguais.

Todas as crianças têm os mesmos direitos e não devem ser discriminadas. Ninguém deve te maltratar por sua aparência, cor de pele, gênero, idioma, crença e opinião.

Artigo 3

Quando adultos decidem sobre coisas que interessam às crianças, eles devem pensar nos “melhores interesses da criança”. Políticos, autoridades e tribunais devem considerar como suas decisões afetam as crianças, quer se trate de uma ou muitas crianças.

Artigo 6

Você tem direito à vida e a poder se desenvolver.

Artigo 7

Você tem direito a um nome e a uma nacionalidade.

Artigo 9

Você tem direito a viver com seus pais e crescer na companhia deles, desde que isso não seja prejudicial a você.

Artigos 12–15

Você tem o direito de dizer o que pensa. Suas opiniões devem ser respeitadas em todas as decisões que te dizem respeito; em casa, na escola, em órgãos governamentais e tribunais.

Artigo 18

Seus pais têm responsabilidade conjunta pela sua educação e desenvolvimento. Eles devem sempre pensar primeiro no que é melhor para você.

Artigo 19

Você tem direito à proteção contra toda forma de violência, contra negligência, maus-tratos e abusos. Você não pode ser explorado(a) por seus pais ou outros responsáveis pela sua tutela.

Artigos 20–21

Você, que foi privado(a) do convívio familiar, tem direito a receber proteção especial.

Artigo 22

Se for refugiado(a), você tem direito a proteção e assistência. Você tem os mesmos direitos que todas as crianças no novo país.

Se tiver fugido sozinho(a), você deve obter ajuda para se reunir com sua família.

algum grupo minoritário, tem direito à sua língua, cultura e crença.

Artigo 23

Toda criança tem direito a uma vida digna. Se você tem uma deficiência, tem direito a apoio e auxílio extras.

Artigo 24

Caso fique doente, você tem direito a receber ajuda e o tratamento médico necessários.

Artigos 28–29

Você tem o direito de ir à escola e adquirir conhecimentos importantes, como, por exemplo, o respeito pelos direitos humanos e por outras culturas, sobre a igualdade de todos e sobre a natureza. Você deve se desenvolver o máximo que puder na escola.

Artigo 31

Você tem direito a brincar, a descansar, ao tempo livre e a um ambiente saudável.

Artigo 32

Você não pode ser forçado(a) a realizar trabalhos perigosos e prejudiciais à saúde, ou que prejudiquem seu desempenho escolar.

Artigo 34

Ninguém deve sujeitar você ao abuso ou obrigar-lo(a) a se prostituir. Se você for maltratado(a), tem direito a ajuda e proteção.

Artigo 35

Ninguém tem direito a raptá-lo(a) ou vendê-lo(a).

Artigo 37

Ninguém deve punir você de forma cruel e humilhante.

Artigo 38

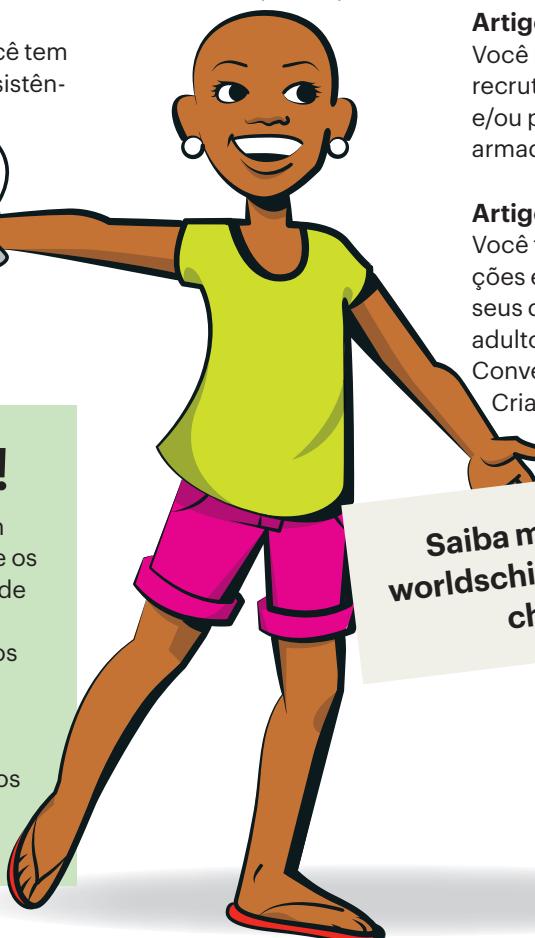
Você nunca deve ser recrutado(a) como soldado e/ou participar de conflito armado.

Artigo 42

Você tem direito a informações e conhecimento sobre seus direitos. Pais e outros adultos devem conhecer a Convenção dos Direitos da Criança.

O direito de reclamar!

Crianças cujos direitos tenham sido violados podem enviar queixas diretamente ao Comitê da ONU sobre os Direitos da Criança, se não tiverem recebido auxílio de seu próprio país. Isso foi possibilitado graças a um adendo relativamente novo à Convenção dos Direitos da Criança. Deste modo, crianças de países que aprovaram o adendo agora têm melhores oportunidades de fazer ouvir suas vozes sobre seus próprios direitos. Seu país ainda não o fez? Você e seus amigos podem entrar em contato com políticos e exigir que eles aprovem este adendo.



Saiba muito mais em
[worldschildrensprize.org/
chidrights](http://worldschildrensprize.org/chidrights)



Como estão as crianças do

Todas as nações que ratificaram a Convenção da Criança se comprometeram a respeitar os direitos da criança. Entretanto, violações aos direitos da criança são comuns em todos os países.

Sobrevivência e desenvolvimento

Você tem o direito à vida e a um desenvolvimento saudável. Também tem o direito de se sentir bem e de obter ajuda se estiver doente. A falta de comida, água limpa e boa higiene afetam a saúde de muitas crianças. Cerca de dois milhões de crianças morrem antes de nascer ou no nascimento, geralmente porque a mãe não recebe os cuidados adequados, pré-natais ou durante o parto.

Cerca de 1 em cada 7 crianças com menos de cinco anos no mundo estão subnutridas. Isso afeta seu desenvolvimento por toda a vida. Muitas crianças, uma média de 15.000 por dia, ou seja, uma criança a cada seis segundos, morrem antes de completar cinco anos. Em países de baixa renda, pelo menos metade das crianças morrem de doenças evitáveis, como pneumonia, diarreia, tétano e AIDS. Apenas 6 em cada 10 crianças infectadas com malária recebem cuidados, e só metade das crianças pobres nos países onde há malária têm redes mosquiteiros sob as quais dormir. Porém, muitas coisas melhoraram: Desde 1990, a mortalidade infantil no mundo caiu para menos da metade!

Nome e nacionalidade

Ao nascer, você tem o direito de receber um nome e ser registrada(o) como cidadã(o) de seu país natal.

A cada ano, cerca de 140 milhões de crianças nascem no mundo. Destas, 1 em cada 4 crianças não são registradas antes

de completar cinco anos de idade – 237 milhões de crianças menores de cinco anos não têm prova escrita de sua existência. Isso pode dificultar o acesso à escola ou ao atendimento médico, por exemplo!

Crianças com deficiências

Você que tem uma variação funcional, por exemplo, deficiência visual ou auditiva, TDAH ou síndrome de Down, deve ter as mesmas liberdades e direitos que todas as outras crianças, e direito a apoio para que possa ter uma vida digna. Porém, crianças que apresentam alguma variação funcional (que também é chamada de deficiência) hoje estão entre as mais vulneráveis da sociedade. Em muitos países, elas não podem frequentar a escola, brincar ou participar da vida social nas mesmas condições que outras crianças. Trata-se de pelo menos 93 milhões de crianças no mundo, mas as estatísticas são incertas e provavelmente há muito mais.

Trabalho infantil nocivo

Você tem direito à proteção contra a exploração financeira. Você não pode fazer um trabalho que prejudique sua saúde ou impeça que você frequente a escola. O trabalho é proibido para todas as crianças menores de doze anos.

O número de crianças forçadas a trabalhar aumentou nos últimos anos para 160 milhões, 1 em cada 10 crianças.

Nos países mais pobres, cerca de 1 em cada 4 crianças trabalham. Para 79 milhões de crianças, o trabalho é muito prejudicial à segurança, saúde, desenvolvimento e escolaridade. Acima de tudo, meninas são exploradas no comércio sexual, e cerca de 300.000 crianças são usadas na guerra, como soldados, carregadores ou cavadores de minas. Devido à pandemia de Covid-19, mais 9 milhões de crianças correm o risco de serem forçadas a trabalhar em 2022. Há mais meninos que trabalham do que meninas, e mais crianças em áreas rurais que trabalham em comparação às cidades. E, de todos os milhões de pessoas exploradas no tráfico de pessoas todos os anos, estima-se que um terço sejam crianças.

Educação

Você tem o direito de frequentar a escola. O ensino básico deve ser gratuito para todos. Quase 9 em cada 10 crianças no mundo frequentam o ensino básico. Atualmente, o número de crianças que começam a educação formal é maior do que nunca. Contudo, muitas são obrigadas a parar antes de concluírem seus estudos. Cerca de 7 em cada 10 crianças nos países mais pobres não concluem o fundamental, e 8 em cada 10 não concluem o ensino médio. Entre aquelas que não frequentam a escola, mais de metade são meninas.

Era digital

O acesso à tecnologia e à internet está aumentando no mundo e tem proporcionado oportunidades de encontrar informações, fazer ouvir suas vozes e influenciar a



mundo?

sociedade. Contudo, o acesso à internet não é igualitário. Hoje, muitas crianças fazem ouvir suas vozes pela internet, mas distante de todos. Embora a exclusão digital esteja diminuindo mais rapidamente que no passado, menos de 1 em cada 10 crianças em países de baixa renda têm acesso à internet em comparação com 9 em cada 10 crianças em países ricos. Crianças que vivem em áreas rurais têm o pior acesso à internet.

Liberdade

Cerca de 7 milhões de crianças no mundo são privadas de liberdade, muitas vezes em prisões ou em condições semelhantes às de prisões. Destas, 330.000 são mantidas em campos de refugiados e 19.000 crianças estão encarceradas com um de seus pais. De acordo com a Convenção da Criança, você só pode ir para a prisão como o último recurso, e pelo menor tempo possível. Crianças que cometem crimes devem receber assistência e tratamento, e nunca devem ser punidas com prisão perpétua nem com a pena de morte. Nenhuma criança deve ser submetida à tortura ou a qualquer outra forma de tratamento cruel, mas a violência, o isolamento e outros abusos contra crianças privadas de liberdade são comuns.

Refugiadas

Crianças refugiadas têm os mesmos direitos que qualquer outra criança. Trinta e sete (37) milhões de crianças no mundo estão em fuga ou são refugiadas atualmente, esse número é muito maior que há poucos anos. Algumas estão fugindo de

guerras e conflitos, outras devido a perseguições ou desastres naturais. A maioria das pessoas forçadas a fugir de seu país se instalaram em um país vizinho. Crianças refugiadas geralmente não podem frequentar a escola, e muitas vezes sofrem de problemas de saúde mental e física.

Minorias e povos autóctones

Crianças de grupos minoritários ou de povos autóctones têm direito a ter seu próprio idioma, cultura e crenças. Exemplos de povos autóctones, os primeiros habitantes de seus respectivos países, são os aborígenes da Austrália e os inuits, na Groenlândia, por exemplo. Crianças de povos autóctones e de minorias frequentemente são submetidas a injustiças. Parte delas não podem falar seus idiomas. Outras não podem praticar sua fé ou amar quem quiserem. Muitas são discriminadas e não têm as mesmas possibilidades que as demais crianças, por exemplo, em relação à assistência médica.

Meio ambiente

As mudanças climáticas podem causar mais seca, mais inundações, ondas de calor e outras condições climáticas difíceis. Crianças morrem e são feridas, mas as catástrofes naturais também podem aumentar a escassez de alimentos e água potável, e aumentar a propagação da diarreia e da malária, que afetam gravemente as crianças. Estima-se que cerca de 7 milhões de crianças vivam como refugiadas devido ao clima extremo e desastres naturais, como inundações. Ao mesmo tempo, meio milhão de crianças com menos de cinco anos morrem anualmente devido à poluição do ar, e um número muito maior sofre danos nos pulmões e no cérebro.



Violência

Você tem direito à proteção contra qualquer forma de violência, negligência, maus-tratos e abusos, mas muitos países permitem castigo físico nas escolas, e apenas 63 países proibiram todas as formas de punição corporal de crianças. Uma em cada 3 crianças são submetidas a assédio moral (bullying) e/ou tratamento abusivo na escola. Crianças também são submetidas a crimes de ódio ou abuso sexual na internet. Meninas são particularmente vulneráveis à violência. Estima-se que aproximadamente 1 em cada 3 meninas no mundo sejam expostas à violência física ou sexual em algum momento de suas vidas, muitas vezes por alguém próximo a elas, como um parente, vizinho, professor ou parceiro. Algumas crianças são expostas a informações falsas, crimes de ódio e abuso sexual on-line.

Uma vida digna

Você tem direito a uma boa casa onde possa se desenvolver, sentir segurança e bem-estar, e obter ajuda com seus estudos. Crianças de famílias de baixa renda têm menos acesso a tudo isso do que crianças de famílias de alta renda. Cerca de 400 milhões de crianças no mundo vivem na pobreza e o número deve aumentar devido à pandemia de Covid. Milhões de crianças vivem em situação de rua, algumas moram sozinhas ou junto com outras crianças na rua.

**Sua voz
deve ser
ouvida!**

Você tem direito de dizer o que pensa sobre todas as questões que te dizem respeito. Os adultos devem escutar as opiniões das crianças sobre todas as questões relativas a elas e sempre levar em consideração o melhor interesse da criança.

Fontes: Unicef, Banco Mundial, OIT, ONU.





Crianças
do júri!

Os membros do Júri Infantil do Prêmio das Crianças do Mundo são especialistas em direitos da criança por meio de suas próprias experiências. Cada criança do júri representa, principalmente, todas as crianças do mundo que têm experiências semelhantes às dela. Elas também representam as crianças do seu país e do seu continente. Sempre que possível, crianças de todas as partes do mundo e das principais religiões são incluídas no júri.

Conheça as crianças do júri!

As crianças do júri compartilham suas histórias de vida e sobre quais direitos da criança elas sofreram violações e/ou lutam. Deste modo, elas ensinam milhões de crianças em todo o mundo sobre os direitos da criança. Elas podem fazer parte do júri até o ano em que completam 18 anos. Anualmente, o júri infantil selecção os

três candidatos finalistas do Prêmio das Crianças do Mundo pelos Direitos da Criança entre todos os indicados.

As crianças do júri são embaixadoras do Prêmio das Crianças do Mundo nos seus países de origem e no mundo. O Júri Infantil preside a cerimônia anual do WCP em Marieberg, Suécia.



Dario, 17, Romênia

Representa crianças que crescem em orfanatos e crianças que são discriminadas por causa da pobreza e/ou porque pertencem a uma minoria.

Dario cresceu em Ferentari, em um galpão de madeira que seu pai construiu na calçada, sem aquecimento, casa de banho ou água corrente. Sua mãe fazia tudo para que as crianças tivessem uma boa situação, mas o pai gastava todo o dinheiro da família com bebidas alcoólicas.

— Aos nove anos, eu e minha irmãzinha e tínhamos que ir às ruas conseguir dinheiro para comprar comida. A polícia nos prendeu e nos obrigou a ir morar num orfanato. No começo, foi muito difícil. Sentíamos falta de nossa mãe e chorávamos todos os dias. Contudo, após algum tempo, quando fizemos amigos, as coisas melhoraram. No orfanato, várias crianças, incluindo Dario, são de famílias rom. Os rom são a minoria mais discriminada da Europa há centenas de anos.

— Se eu pudesse decidir, limparia todo o lixo e tiraria todas as drogas do meu bairro, para que as pessoas fossem mais gentis umas com as outras. E todas as crianças teriam permissão para crescer com suas famílias.



Kim, 18 Zimbabwe

Representa crianças que são empoderadas para defender os direitos da criança, especialmente a igualdade de direitos das meninas.

Kim é embaixadora dos direitos da criança do WCP e fundou seu próprio clube dos direitos da criança na escola. Ela já forneceu a milhares de crianças conhecimento sobre seus direitos, engajando-as na luta por um mundo melhor para as crianças.

— Quando era pequena, eu não sabia que as crianças têm direitos. Eu ficava triste quando via crianças que não fre-

quentavam a escola, que eram espancadas e expostas ao abuso sexual e casamento infantil. Agora, sou uma voz para as crianças que não têm coragem de denunciar, ou que não sabem que têm direitos. Luto especialmente por meninas, por exemplo, para que o casamento infantil seja impedido e para que as meninas tenham sua própria casa de banho na escola. Ser embaixadora dos direitos da criança do WCP é uma glória. Isso significa tudo para mim. E sei que minha geração fará uma mudança para melhor na vida das crianças do mundo”.



Omar, 18, Palestina

Representa crianças que crescem sob ocupação e que querem o diálogo pela paz.

Omar frequenta a escola perto de uma barreira com soldados armados. Muitas vezes há conflitos lá, e o gás lacrimogênio vaza para a escola. Ele faz os olhos ardem e deixa Omar estressado.

– A melhor coisa para mim, então, é ouvir música ou tocar piano, isso me

deixa feliz. Tenho um teclado que gostaria de levar para a escola, mas é muito perigoso. Preciso carregá-lo em uma grande bolsa preta, que as pessoas podem pensar que é uma arma. Os soldados israelitas suspeitam de coisas assim. Minha mãe teme que eu possa ser baleado. Vivi sob ocupação durante toda a minha vida, e isso afeta tudo. Os soldados tratam a mim e a outros palestinos como se não pertencêssemos aqui. Isso me tristece e enfurece. No meu coração, sinto que isso é errado. Este é o meu país, e eu deveria ter o direito de circular livremente. Em vez disso, parece que estamos vivendo numa prisão. Às vezes, é fácil perder a esperança, mas tento acreditar na mudança.



Zohar, 16, Israel

Representa crianças que crescem em áreas de conflito e que buscam o diálogo pela paz.

– Para mim, é importante estar atenta, saber o que está acontecendo no mundo e tentar ajudar no que puder. Eu participo do conselho estudantil e de uma organização juvenil. Nos últimos anos, participei de muitos protestos pelos direitos das meninas, pelos direitos LGBTQ+ e contra o bullying e a corrupção.

À medida que a violência e os disparos de foguetes aumentavam dramaticamente no conflito entre Israel e a Palestina em 2021, Zohar e seus amigos ficaram estressados e assustados. Ela mesma conheceu crianças palestinas pela primeira vez recentemente, embora viva na cidade de Haifa, que tem uma população mista.

– Claro que eu sabia que há palestinos morando aqui, mas não conhecia ninguém pessoalmente. No ano passado, comecei a frequentar atividades extracurriculares com meninas que falavam árabe. Também criamos um grupo misto onde aprendemos programação juntas. As meninas palestinas eram muito legais, e foi interessante aprender sobre sua cultura, sobre a qual eu sabia muito pouco. Apesar de sermos vizinhas, não nos conhecemos. Acho que é mais fácil para as pessoas odiarem o outro lado quando não sabem nada sobre a vida ou a história um do outro.

Quando nos conhecemos, descobrimos que somos todos humanos e bastante semelhantes. Se toda a sociedade pudesse aprender isso, a chance de alcançar o entendimento mútuo aumentaria. Não importa quantas vezes o processo falhe, ou quantos territórios Israel tenha que ceder. Devemos continuar tentando encontrar uma maneira de viver juntos em paz.



Jhonmalis, 16, Brasil

Representa crianças pertencentes a povos indígenas e que lutam por seus direitos, crianças que foram vítimas de violência e que sofrem com a destruição do meio ambiente.

Jhonmalis vive na Amazônia brasileira e pertence ao povo indígena Guarani. Sua família luta há mais de 40 anos para recuperar terras que empresas florestais e políticos corruptos roubaram. O próprio

avô de Jhonmalis foi assassinado por causa da sua luta.

– Ele era muito corajoso, e é um grande exemplo para mim. O pior dia da minha vida foi quando alguém atirou na nossa casa, pensei que eu seria morta. O povo guarani agora vive em acampamentos improvisados perto das principais estradas, onde não podem pescar nem caçar. Isso faz com que os adultos, como o pai de Jhonmalis, se sintam mal, bebam, usem drogas e briguem. Ele desapareceu após atacar a mãe com uma faca. Agora, Jhonmalis tem que trabalhar na plantação todas as manhãs antes de ir à escola, para ajudar a família a sobreviver.

Tenho orgulho da minha mãe, que luta muito por nós, crianças! Meu sonho é acabar com a violência contra crianças e mulheres.



Durante a semana do WCP, o júri infantil realiza reuniões em que compartilham experiências e discutem questões importantes.



Ameaça de armas e da água

– Continuarei a frequentar a escola. Mate-me se quiser, disse Rizwan ao homem que apontava uma espingarda para sua cabeça. O homem queria obrigá-lo a abandonar a escola e, em vez de estudar, trabalhar nas machambas do proprietário das terras, junto com as crianças escravizadas por causa de dívidas. A história da coragem de Rizwan se espalhou e encorajou outras famílias a mandar seus filhos à escola.

Quatro anos depois, Rizwan foi resgatado durante a grande inundação, causada pelas mudanças climáticas, que destruiu a casa da família e matou seus animais.

“ Meu avô paterno, Shamla, nasceu escravo por dívida, porque meu bisavô fez um empréstimo ao proprietário da terra. É assim que alguém se torna escravo por dívida e, neste caso, o proprietário de terras pode obrigar toda a família a trabalhar nas suas machambas. Porém, quando cresceu, meu avô conseguiu livrar nossa família das dívidas.

O proprietário da terra não permitia que nenhuma criança da aldeia freqüentasse a escola, por isso meu pai teve que começar a estudar na aldeia da minha avó paterna. Meu avô também ajudou outro menino da aldeia, Naveed, a ingressar na mesma escola. Depois, Naveed voltou para a aldeia e fundou uma escola. Quando soube disso, o proprietário da terra veio aqui em seu Jeep com homens armados e disse:

Os irmãos foram ameaçados

Dois homens com espingardas ameaçaram Rizwan e seu irmão mais velho, Sami Ullah, quando estavam a caminho da escola. Desde a inundação, eles vivem nas tendas atrás dos irmãos.



Paredes desabaram

Quando o sol nasceu, Rizwan viu a primeira parede sendo demolida pelas massas d'água.

– Fechem a escola!

Naveed teve apoio dos aldeões, e o proprietário da terra estava muito zangado ao partir.

Após um ano, um homem matou Naveed a tiros, bem na frente dos alunos. Muitos aldeões ficaram com medo e não permitiram mais que seus filhos fossem à escola. Mas meu irmão e eu começamos a estudar em uma escola a cinco quilômetros de distância.

Vá trabalhar!

Foi no ano seguinte ao assassinato do professor, e eu tinha dez anos. Havíamos acordado às quatro horas e caminhamos para buscar água, antes de irmos à mesquita rezar. Após o café da manhã, com pão e batatas, partímos para a escola.

De repente, dois homens com espingardas nos pararam. Meu irmão mais velho não esperou um segundo antes de sair correndo, mas eu quis saber o que eles

queriam. Um dos homens agarrou meu braço e o outro colocou a espingarda na minha cabeça e disse:

– Se você não for trabalhar na machamba, vou fazer um buraco na sua cabeça. Você está arruinando outras crianças para nós.

– Eu apenas frequento a escola, e continuarei a fazê-lo. Mate-me se quiser, eu disse. Várias pessoas se juntaram ao nosso redor, então os homens foram embora e eu segui para a escola. Quando cheguei à casa, meu irmão perguntou:

– Por que você não fugiu? Achei que eles o matariam.

Meu pai e outros homens da aldeia foram juntos falar com o proprietário da terra, mas ele fingiu não conhecer quem nos ameaçou.

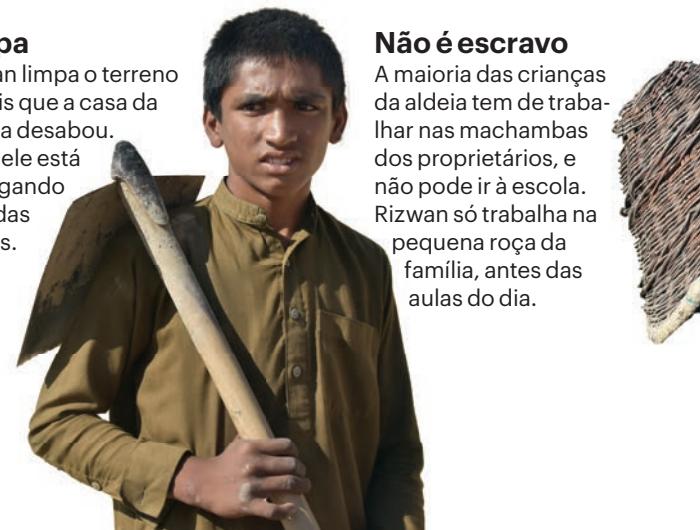
Nunca será livre

Todas as outras famílias da nossa aldeia, incluindo a do meu tio, são escravas por dívida ao proprietário da terra. A ideia



Limpa

Rizwan limpa o terreno depois que a casa da família desabou. Aqui, ele está carregando uma das portas.



Não é escravo

A maioria das crianças da aldeia tem de trabalhar nas machambas dos proprietários, e não pode ir à escola. Rizwan só trabalha na pequena roça da família, antes das aulas do dia.



Rizwan, 14, Paquistão

Representa crianças cujos direitos são violados em decorrência das mudanças climáticas e outras destruições ambientais.

O MELHOR QUE JÁ ACONTECEU:

Frequentar a escola.

NÃO GOSTA: De como os proprietários das terras tratam os pobres.

A PIOR COISA: A grande inundação.

MEU OBJETIVO: Quero ajudar minha família a ter um bom futuro.

das ameaças a mim e ao meu irmão era para nos obrigar a parar de estudar, para que as outras crianças não percebessem que podiam ir à escola.

Proprietários de terra são muito cruéis. Muitas vezes, quebram os braços ou as pernas de seus trabalhadores. Se alguém protestar, o proprietário de terra manda o capataz atirar nessa pessoa. Ninguém ousa denunciá-lo, porque é perigoso. E não há polícia aqui. Os pobres não têm direitos. Não gosto nem um pouco disso. Eles também maltratam mulheres e meninas.

O proprietário de terras tem milhares de hectares de terra, mas as famílias escravas por dívida só recebem trigo e arroz, e muito pouco dinheiro, por isso nunca conseguem se livrar de suas dívidas.

A água vem...

Fiz meu dever de casa antes do pôr do sol, não temos eletricidade aqui. Minha mãe



Salvo com tambores

Rizwan e onze outros membros da família foram salvos, assim como as crianças na foto, de se afogar sentando-se em dois grandes tachos de estanho, em que se faz açúcar.



FIDA HUSSAIN/AFP

tinha feito pão com cenoura no jantar.

Acordei no meio da noite com meu pai gritando. Havia água por toda parte. Pensei que as massas d'água nos matariam. A água continuou subindo e meu tio disse que tínhamos que salvar nossas famílias. Minha mãe chorou e disse:

– Mas como podemos salvar a todos?

Meu pai nos pediu ajuda para carregar dois grandes tachos de estanho até a porta. Nós os usamos ao fazer açúcar a partir da cana. Sentamos sete pessoas num barril e cinco noutro. Meu pai e tio conseguiram entrar na água e empurrar os tachos à sua frente.

Vi como uma parede desabou. Pensei em nossos animais, e que nosso cachorro também morreria. Minhas lágrimas rolavam.

Dormiu na estrada

Meu pai e tio empurram os tachos conosco por quatro quilômetros, até uma estrada que fica num lugar alto. Nas duas primeiras noites, apenas nos sentávamos e olhávamos para a água ou dormíamos na estrada. Durante o dia, fazia calor sob o sol e, à noite, grandes mosquitos nos picavam. Deram-nos duas tendas e

alguns cobertores. Portanto, na terceira noite, pudemos dormir em tendas. Ficamos na estrada por 22 dias.

O tempo todo, eu tinha muita vontade de ir à escola, e me lembro do quanto tive que esperar, foram dois meses e oito dias!

Tínhamos 10 galinhas, 24 frangos, 3 cabras, 2 cordeiros e 2 vacas. Quando voltamos a casa, todos haviam se afogado e sido levados pela água.” ☺

As geleiras estão derretendo

O Paquistão é muito atingido pelas mudanças climáticas, que afectam fortemente as geleiras do Himalaia. As mais de 7.000 geleiras do Paquistão estão derretendo rapidamente. Como o país fica a jusante do Himalaia, sofre graves inundações. Em 2022, um terço do país foi inundado, e as chuvas das monções pioraram as inundações. Na província de Sindh, choveu 680 mm em 24 horas.

1.700 pessoas morreram na enchente e 33 milhões foram afectadas.



Despesa de arroz

Rizwan busca arroz na despensa no quintal. Na enchente, toda a comida da família foi destruída.



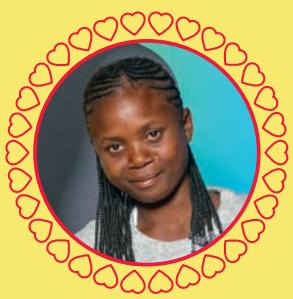
Desafia o proprietário da terra

O proprietário da terra quer que todas as crianças trabalhem nas suas machambas, mas Rizwan vai à escola todas as manhãs.



O cachorro sobreviveu

As 10 galinhas, 24 frangos, 3 cabras, 2 cordeiros e 2 vacas da família foram arrastados pelas águas. Mas o cachorro sobreviveu.



Alcina, 16, Moçambique

Representa meninas que foram submetidas ou correm o risco de serem submetidas ao casamento infantil e serem forçadas a abandonar a escola.

Alcina volta a so



Alcina cresce na aldeia de Malhacule, perto do Parque Nacional do Limpopo, em Moçambique. Seu pai sustenta a família como caçador furtivo.



Porém, quando guardas armados começam a proteger os animais selvagens, ele para de caçar furtivamente. Isso torna a família ainda mais pobre.



**Crianças
do júri!**



Alcina frequenta a escola, mas não tem tempo para brincar. Ela tem que juntar lenha, buscar água, cozinhar, lavar ...



Embora o homem já seja casado, os pais de Alcina a obrigam a se casar com ele. Contra sua vontade, ela teve que abandonar a escola e se mudar para a aldeia do marido.



Alcina fica desesperada. Ela perdeu seus sonhos futuros e não sabe o que fazer da vida. Ela fica ocupada o dia todo com os trabalhos domésticos.



Ao completar catorze anos, Alcina dá à luz seu filho, Peter.



Em novembro de 2021, o director da escola de Alcina, Ricardo, participa de um curso (p. 37) onde ele e quatro dos seus alunos aprendem sobre os direitos da criança.

– Antes do curso, eu não sabia que as meninas têm os mesmos direitos que os meninos. Agora, os direitos das meninas são sempre incluídos na minha sala de aula, diz o director, escrevendo sobre eles no quadro.



Alcina sonhar com o futuro



Um mês depois, Alcina vai até sua aldeia natal para pedir milho aos pais. Ela encontra seu diretor, que pergunta por que ela não está na escola. Alcina conta tudo de terrível que aconteceu na sua vida.



Quando o diretor conta aos pais de Alcina que as leis moçambicanas proíbem o casamento infantil, eles concordam em deixá-la retornar a casa com o filho, e voltar a estudar.



Alcina encontra as amigas da escola e aprende sobre seus direitos. Ela ajuda em casa e cuida do filho, mas fica feliz por poder voltar a sonhar com um futuro.



Alcina torna-se embaixadora dos direitos da criança e integra o júri infantil do WCP. Sua mãe cuida de Peter quando ela vai à escola e durante sua viagem para a Suécia.



Em Maio de 2022, Alcina, junto com Kim, do Zimbábue, acompanha a Rainha Silvia à cerimônia do Prémio das Crianças do Mundo no Castelo de Gripsholm, em Mariefred, Suécia.

Durante a cerimônia, ela conta ao microfone que, no júri, representa todas as meninas que foram submetidas ao casamento infantil e forçadas a deixar a escola.



Alcina participa do projeto *Meus Direitos & Meu Futuro* do WCP, para meninas em Moçambique e no Zimbábue, que ensina meninas sobre seus direitos e as ajuda a voltar à escola.



Escravizado aos cinco

Kwame, tinha cinco anos e não sabia nadar quando saiu com seu senhor de escravos pela primeira vez na canoa, para lançar redes. Ele era obrigado a ir para o lago todos os dias e todas as noites, recebendo apenas uma refeição e bebendo apenas água do lago. Contudo, um dia, após três longos anos, o barco chegou ...

Quando Kwame tinha cinco anos, um casal foi até sua casa em Winneba, Gana. Eles pediram para levar Kwame com eles, e disseram que ele poderia ir à escola. O casal deu algum dinheiro aos pais. Quando acordou na manhã seguinte, no carro do casal, Kwame estava na cidade de Yeti, no grande lago Volta.

– Pegamos um barco para uma ilha. Quando o casal me entregou a um homem, ele disse que eu tinha que acompanhá-lo na canoa e pescar. No começo, foi muito difícil e eu não sabia nadar, conta Kwame.

Agora ele era escravizado, trabalhando dia e noite sem esperança para o futuro.

– Mas, quando cresci, comecei a sonhar que um dia seria rico e que minha família comemoraria quando eu chegassem em casa.

Duas horas de sono

Todos os dias, às seis horas da tarde, Kwame arrumava suas redes e partia para o lago com seu senhor de escravos, o Irmão Abbam.

– A lua e as estrelas nos ajudavam, mas também usávamos lanternas. Quando o tempo estava ruim, era difícil enxergar, e eu ficava com medo.

– Primeiro, jogávamos a rede, que seria puxada de manhã bem cedo. Depois, jogávamos outra rede e a arrastávamos atrás da canoa por várias horas, até voltarmos para casa, à meia-noite, explica Kwame. Ele dormia na canoa por algumas horas antes da hora de voltar ao lago para puxar a rede.

Quando chegava em casa pela manhã,

Pancada com remo

O senhor de escravos frequentemente batia em Kwame com o remo ou com o fio de aço que usavam para consertar a rede.

Kwame costumava se jogar na água para se limpar. Durante o tempo em que foi escravizado, ele nunca podia lavar a si mesmo ou suas roupas com sabão.

Quando levava o peixe que haviam pescado para a esposa do senhor de escravos, ele a ajudava a defumar o mesmo. À tarde, Kwame voltava



Crianças
do júri!



à canoa para esvaziá-la e consertar as redes até as seis horas, quando era a hora de sair novamente para o lago.

Trabalho perigoso

Muitas crianças escravizadas morreram afogadas enquanto pescavam no Lago Volta.

– Uma vez quando, o Irmão Abbam queria que eu mergulhasse para soltar uma rede que estava presa, respondi que não tinha coragem. Então, ele me empurrou e segurou debaixo d'água. Achei que fosse morrer.

– Quando ficava com raiva, ele me batia com o remo, diz Kwame, mostrando uma cicatriz na testa. Ele também me batia com o fio de aço que usavam para fazer as redes, e me chamava de burro.

As filhas do Irmão Abbam recebiam

três refeições por dia. Elas pegavam peixe e molho para comer com seu kenkey (papa de farinha de milho) e banku (papa de mandioca) e, às vezes, refrigerante. Mas, durante a minha estada com eles, eu só bebia água do lago. Eu comia uma vez por dia, e nunca havia nada para acompanhar a papa.

Resgate

– Ouvi dizer que tinha gente que vinha buscar crianças. Mas o Irmão Abbam e outros senhores de escravos nos assustavam dizendo que aqueles que vinham queriam nos roubar, e que devíamos correr e nos esconder.

Quando tinha oito anos de idade e havia sido escravizado por três anos, Kwame estava parado na praia cuidando



Pescadores escravizados

Os pescadores escravizados são chamados de "Os meninos que foram para Yeti". É no Yeti que a maioria acaba antes de serem enviados para vários senhores de escravos. A escravidão infantil é comum em Gana. As crianças são vendidas pelos seus pais ou parentes. Geralmente, por mães solteiras que não têm condições de alimentar seus filhos. Também é comum pessoas pobres pegarem dinheiro emprestado de um trafi-

cante de escravos para o funeral, quando alguém morre. Se não puderem pagar, o traficante de escravos leva seus filhos. Os adultos recebem cerca de 20 dólares, e as crianças devem trabalhar duro por pelo menos dois anos, geralmente muito mais. Como Gana tem uma lei contra a escravatura infantil, a Challenging Heights pode levar a polícia para ajudar, ao libertar crianças.

das redes quando viu uma lancha se aproximar.

– Achei que era minha mãe que tinha vindo me buscar, então não fui.

No lar protegido

Kwame veio para o Lar Protegido da organização Challenging Heights para crianças escravizadas libertas.

– Eu só tinha que me levantar de manhã, fazer a cama, tomar banho, matabichar, ir à escola e ir para a cama à noite. E ninguém me espancava ou me deixava passar fome.

– Eu desenho muito, mas nunca pinto motivos do tempo em que fui escravizado. Isso só me lembraria de todas as coisas horríveis.



Kwame agora tinha amigos, três refeições por dia e podia assistir TV no Lar Protegido. Quando um ano se passou, as pessoas começaram a falar que ele devia se reunir com sua família. Kwame tinha muitas saudades, mas havia algo que ele não queria perder antes de ir para casa:

– Eu queria experimentar o Natal no Lar Protegido mais uma vez. Ensaiamos canções de Natal e danças, e eu era um dos dançarinos. Ganhamos roupas de Natal, doces, biscoitos e refrigerantes. A ceia de Natal foi tão boa, com frango e arroz.

Finalmente em casa

Foi quase como Kwame havia sonhado.

Ele não voltou rico para casa, mas quando sua família o viu, todos comemoraram e choraram.

– Durante o tempo no Lar Protegido, eu pensava muito nos meus pais, e os reconheci imediatamente quando os vi. Meu pai me levantou no ar!

– Estou feliz agora. A Challenging Heights me dá roupas e divide as propinas escolares com meu pai. Agora estou na sétima classe. ☺

Nunca podia dormir

Kwame trabalhava sete dias por semana e só dormia poucas horas por noite.



Não fugiu

O senhor de escravos dizia que aqueles que vinham buscar as crianças eram maus, e que Kwame devia fugir. Porém, Kwame ficou de pé quando o barco da Challenging Heights chegou e o levou para o Lar Protegido para crianças libertadas.





Kwame, 16, Gana

Representa crianças trabalhadoras e crianças submetidas ao tráfico humano e à escravatura.

MELHOR EXPERIÊNCIA: Véspera de Natal no lar protegido.

PIOR EXPERIÊNCIA: Quando o senhor de escravos me segurou debaixo d'água.

MOMENTO MAIS FELIZ: Quando voltei para minha família e meu pai me levantou no ar.

O QUE SEI FAZER MELHOR: Pintar quadros.



É salva do pesadelo

Bindu acredita que a parente distante é sua amiga, mas a mulher a atrai para a Índia, onde Bindu é trancada em uma casa com muitas outras raparigas ...

Bindu, que tem doze anos, e sua mãe frequentemente são visitadas por Karuna, uma parente distante. Ela sempre sugere que Bindu viaje para novos lugares. Bindu recusa, mas fica curiosa com o que ouve.

Quando Bindu é mordida por um cachorro, Karuna está passando por ali.

– Vou acompanhá-la ao hospital para tomar a vacina antitetânica, diz ela.

A caminho de casa após a vacinação, Karuna diz:

– Sua mãe sempre a repreende. Como você lida com isso? Aqui no Nepal existe apenas um colégio interno, deixe-me levá-la para lá, para você estudar.

A viagem tem início

Mais tarde naquele dia, Bindu sai quando ouve Karuna chamá-la. Quando Bindu se aproxima, Karuna a puxa para perto e cobre sua boca com um xale. Ela sai com Bindu por um beco. Quando elas chegam a uma ponte, um homem estranho as aguarda ali.

– Ele vai te levar para o internato, explica Karuna.

O homem leva Bindu para um quarto de hotel. Antes que ela adormeça, o telefone do homem toca. É Karuna, que quer falar com ela.

– Eu contei à sua mãe que você está em segurança.

**Crianças
do júri!**



Bindu vem de uma família pobre, e mal frequentou a escola antes de ser levada à Índia. Ansiosa para aprender, ela foi rapidamente promovida para o segundo ano na escola da Maiti, a Teresa Academy, no Nepal.

– Quero ver minha mãe, responde Bindu.

– O que você vai contar a ela?

– Tudo.

– Se fizer isso, matarei você e sua família, avisa Karuna.

O homem toma bebida alcoólica, e seu ronco mantém Bindu acordada durante a noite. Na manhã seguinte, ele manda Bindu entrar em um minitáxi. Eles viajam o dia todo e continuam no dia seguinte.

Onde estou?

Ao chegarem a Delhi, na Índia, depois de três dias, Bindu é levada para uma casa onde conhece a irmã de Karuna. Bindu entra em uma sala e vê muitas garotas, que estão seminuas.

– O que as meninas fazem aqui, pergunta Bindu.

– Elas vendem roupas e fazem algumas coisas diferentes, é a resposta que recebe.

Quando Bindu pergunta se é uma escola para onde ela foi trazida, como Karuna prometeu, as outras meninas riem dela.

– Todas essas meninas que dormem aqui trabalham no nosso bordel, explica a irmã de Karuna.

– Você não tem vergonha de vender raparigas assim, diz Bindu ao perceber onde foi parar.

– Eu não matei ninguém, então por que deveria ter vergonha, responde a mulher. Em breve, haverá trinta novas garotas.

– Por favor, deixe-me viajar de volta para casa, Bindu implora, chorando.

– Não deixaremos você sair daqui de jeito nenhum, responde a irmã de Karuna.

Bindu foi levada à Índia num minitáxi, mas ela mesma não sabia para onde estava indo.

Uma mordida de cachorro foi o começo para Bindu ser atraída para longe de casa por uma mulher que ela conhecia.





Ser livre e ter amigos é como um sonho para Bindu, depois das experiências na Índia.

Bindu é transferida para outra casa, onde cuida dos filhos pequenos das meninas e mulheres mais velhas por um mês. Todos os dias, Bindu recebe um remédio, mas ela não tem ideia do motivo pelo qual o toma, e que a irmã de Karuna quer fazê-la crescer mais rápido, para que ela pareça mais velha.

O resgate chega

Bindu é levada para outra casa, que também é comandada pela irmã de Karuna. Bindu é mantida trancada em um quarto enquanto os dias passam. Ela chora diariamente e tem saudades de casa, mas não tem mais esperança de ser livre.

Em casa, no Nepal, a mãe de Bindu foi à organização Maiti Nepal e contou que sua filha estava desaparecida. A Maiti, que

trabalha contra o comércio sexual infantil, entra em contato com uma organização india e com a polícia, em Delhi.

Depois de ficar no quarto por uma semana, Bindu de repente ouve vozes determinadas do lado de fora da porta, que logo se abre. Há policiais e algumas outras pessoas que ela não conhece. Agora tudo ocorre rapidamente. As roupas de Bindu são colocadas em uma sacola e logo ela está em um carro a caminho de casa, no Nepal.

Ansiosa para aprender

Quando retorna ao Nepal, Bindu vai morar no orfanato protegido da Maiti Nepal. Ela não frequentou a escola por muito tempo, então começa o primeiro ano na escola da Maiti, a Teresa Academy,



Bindu, 15, Nepal

Representa crianças que foram submetidas ao tráfico humano e que foram exploradas no comércio sexual infantil.

O PIOR QUE JÁ ACONTEceu:

Quando fui levada para a Índia.

O MELHOR QUE JÁ ACONTEceu:

Voltar a encontrar minha mãe.

FOI DIFÍCIL: Contar à polícia.

GOSTA: De pintar e cantar.

QUER SER: Assistente social e ajudar os outros.

com as crianças mais novas. Mas sua ânsia de aprender faz com que ela logo seja promovida para o segundo ano. A maioria dos colegas de classe de Bindu são crianças órfãs ou outras crianças pobres que também moram na casa da Maiti.

O homem que sequestrou Bindu foi preso e acusado de tráfico humano, mas ainda não foi condenado. Embora Bindu tenha conseguido ser libertada antes de ser submetida a qualquer abuso, o homem receberá uma longa sentença de prisão. ☺

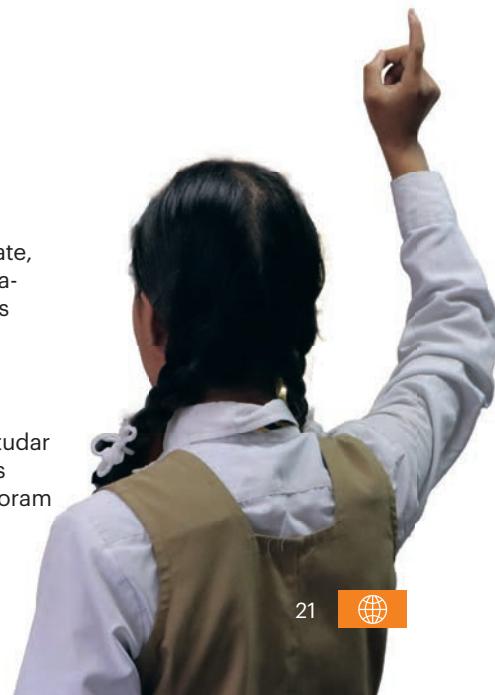


Bindu acaba de ser libertada pela polícia e por assistentes sociais, e está a caminho de sua casa, no Nepal.



A família de Bindu é muito pobre. Para poder frequentar a escola, após o resgate, ela mora na organização Maiti Nepal, mas sua mãe Rajita a visita.

Bindu quer estudar e ajudar outras crianças que foram maltratadas.



Voltou para casa após três anos

Espoir chorou durante toda a caminhada pela floresta. A camisa estava encharcada de lágrimas, como se tivesse chovido. Se parasse, o soldado batia nele com um pedaço de pau. Espoir não parava de pensar em sua mãe e pai, e achava que nunca mais os veria ...



Esپoir, cujo nome significa Esperança, vem da província de Kivu do Sul, na República Democrática do Congo. Esta é a história de três anos da sua vida:

“Eu tinha dez anos, quase onze. Todos os dias, me levantava cedo para trabalhar de manhã, principalmente carregando lixo e em colheitas das machambas. Por meio dia de trabalho, eu ganhava 2000 CDF (USD 1) ou um quilo de mandioca.

Eu ia à escola no período da tarde. Depois das aulas, jogávamos futebol com uma bola que fazíamos com plástico. Todas as quartas e sábados, eu ensaiava com o coro da igreja. À noite eu fazia o trabalho de casa à luz do fogo.

Eu tinha ouvido falar de meninos nas aldeias vizinhas sendo sequestrados e forçados a tornarem-se crianças-soldado. Sempre me preocupava que um dia eu também fosse raptado. Porém, como minha família é muito pobre, não podíamos fazer nada a respeito. Não podíamos nos mudar para a cidade, que seria uma forma de ter mais segurança.

Coisas terríveis acontecem...

Acordei cedo como sempre, comi uma batata doce fria, tomei um copo d'água e comecei a caminhar para a escola com dois amigos. A caminhada até a escola leva uma hora, e costumávamos conversar sobre coisas engraçadas.

De repente, um grupo de homens armados saiu de um arbusto e parou diante de nós, no caminho. Eu estava com tanto medo que fiquei petrificado. Pensei na morte imediatamente, mas, com a ajuda de Deus, não fui morto.

Chorávamos e tremíamos de medo.

– Por favor, deixem-nos voltar para nossas famílias, imploramos.

– Ora, eles disseram nos batendo com paus enquanto nos arrastavam para longe, para a floresta.

– Não tentem escapar! E não parem! comandou um deles.

Carregávamos nossas mochilas escolares e sacos pesados de comida, que eles haviam roubado em algum lugar.

Comia mandioca crua

A floresta me assustava. Eu temia que animais selvagens nos matassem e nos comessem. No início da caminhada, tentamos fugir. Então, nos colocaram à sua frente, e um deles disse com voz rouca:

– Tolos, apenas ousem tentar fugir. Os ajudaremos a encontrar seus ancestrais mortos onde estão agora. E não sentiríamos pena de vocês.

Caminhávamos dia e noite, comíamos mandioca crua dos sacos que éramos obrigados a carregar, e bebíamos água das fontes. Quando estávamos muito cansados e ficávamos para trás, eles nos batiam com suas varas para nos apressar.

Achei que nunca mais veria minha mãe e meu pai ou meus irmãos e irmãs. Eu via a cena de como seria morto pelos soldados, que me espancavam como se eu fosse uma cobra.

Eu chorava o tempo todo. Minha camisa ficava encharcada de lágrimas, como se tivesse chovido.

A guerra na R.D. do Congo, que ocorre desde 1998, é uma das guerras mais brutais da história mundial. Mais de 6 milhões de pessoas morreram em combates, ou de fome e doenças como resultado da guerra. No ponto máximo, havia mais de 30.000 crianças-soldado no país; hoje talvez sejam 15.000. Mais de 7 milhões de crianças não frequentam a escola.



Ao chegar ao centro de recepção da organização BVES, as crianças-soldado queimam seus uniformes, como sinal de que agora deixarão seu tempo como criança-soldado para trás. "Uniforme militar nunca mais" e "Escola Sim, Acampamento Militar Nunca Mais" estão escritos em dois dos cartazes.

Tentou ajudar crianças

No início, tivemos que passar por um rito de iniciação, com drogas e fetiches, itens que levaríamos para a batalha para nos proteger de sermos atingidos pelos projéteis. Depois, aprendemos a atirar. Levei três meses para conseguir usar bem as armas. Primeiro, a carabina automática AK47 e, depois, a metralhadora PKM.

Depois, participei de batalhas contra outros grupos armados e contra o exército do nosso país.

Uma noite, bebemos kanyanga, que me embriegou. Dei alguns tiros para o ar e o comandante da companhia mandou que eu pagasse CDF 40.000 (USD 20) pelos projéteis, mas pagar tanto era impossível para mim. Então, ele ordenou que meus companheiros me dessem 15 chicotadas. Fugí naquela noite e parti para minha aldeia natal. Mas encontrei outro grupo armado e fui torturado até concordar em me juntar a eles. Roubávamos nas machambas e casas e cometemos roubos de veículos à tarde e à noite.

A bolsa da BVES

Todas as crianças que estiveram no centro para crianças em situação de rua da BVES recebem uma bolsa com coisas para facilitar a vida ao voltarem para suas famílias.

Nunca me envolvi em rapto de crianças. Quando meus colegas traziam novas crianças, eu tentava ensiná-las a fugir e escapar de um destino como o meu.

Finalmente livre

Eu queria visitar minha família e, uma noite, parti. No caminho, fui preso por um soldado do governo que me levou a uma prisão. Fui colocado em uma pequena cela com homens, que me maltrataram. Eles pegavam minha comida, que vendiam para comprar cigarros com o dinheiro. Estava tão lotado que, durante a noite, tínhamos que nos revezar entre ficar em pé e dormir no chão.

— A organização BVES veio visitar minha cela. Quando viram que eu era criança, pediram ao carcereiro que me entregasse a eles. Pude ir para o centro da BVES para crianças-soldado libertadas, e tive a chance de me recuperar lá até sentir-me pronto para voltar para casa.

Espoir, 14 anos, R.D. Congo

Representa crianças que foram forçadas a tornarem-se soldados e crianças que vivem em conflitos armados.

TEM SAUDADES: Da minha família.

A COISA MAIS DIVERTIDA: Jogar futebol e cantar no coral.

A PIOR COISA: Ser sequestrado e torturado.

A COISA MAIS IMPORTANTE:

Frequentar a escola.

DISCIPLINAS FAVORITAS: Francês, história, educação moral e sobre a sociedade.

QUER SER: Professor e salvar crianças.



De volta a casa!

Então, chegou o dia que tanto desejei desde que fui raptado, o dia em que me reuniria com minha família. Ficamos muito felizes e todos nós choramos. Depois de alguns dias, o medo começou a tomar conta de mim. Desde então, sempre tenho medo de voltar a ser raptado se os grupos armados descobrirem que estou de volta à aldeia. Também temo ser pego novamente pelos soldados do governo.

Voltar à escola significa muito para mim. Sinto que isso me ajuda a poder preparar meu futuro e o da minha família. Meu objectivo é me tornar professor. Mas também quero lutar pelos direitos da criança e evitar que crianças sejam levadas por grupos armados e separadas de suas famílias.” ☺

A bolsa contém:



Rádio

Toalha

Sapatos
Cobertor

Cobertor

Escova de dentes e
creme dental

Roupas novas



Sabonete



Crianças
do júri!

A família e dois gatos compartilham uma cama de casal. Dahlia e Marsadez têm, cada uma, um mural onde penduram suas fotos e desenhos



"Perdi toda a esperança"

Um dia, aos doze anos de idade, Marsadez descobre que a família tem poucos dias para deixar sua casa. De novo.

Marsadez mora com a mãe, Stephanie, e a irmãzinha, Dahlia, em um pequeno quarto de estudante. Contudo, desde que se envolveu em um grave acidente de carro, a mãe, não consegue trabalhar ou estudar, portanto, agora não pode mais morar ali.

Às cinco da manhã, Marsadez carrega roupas, livros e brinquedos em uma van alugada. A família não tem para onde ir, e precisa dormir no carro por quase uma semana.

– Não havia lugar para deitar-se, então nos sentávamos e dormíamos nas cadeiras, lembra Marsadez. De manhã, usávamos o banheiro de lojas e do McDonalds para escovar os dentes e nos lavar.

Marsadez já havia passado pela situação de sem-teto várias vezes, mas esta era a pior até agora, pois elas tiveram que morar no carro.

– Foi assustador, diz Marsadez. Pela primeira vez, perdi toda a esperança. Achei que nunca teria minha própria casa.



Marsadez faz o dever de casa na mesa de jantar, enquanto a irmãzinha Dahlia, 8, escolhe os lanches.

Que nada jamais seria bom novamente.

Após quase uma semana, a família mudou-se para um motel convertido em abrigo.

– Depois, nos mudamos muitas vezes, até chegarmos ao motel onde moramos agora, numa sala comum. Vivemos aqui há dois anos. Todos que moram aqui também são sem-teto. Mamãe prefere que não saímos do quarto depois da escola. Ela sempre tentou nos proteger da melhor maneira possível, diz Marsadez.

Hoje, mais de dois milhões de crianças nos EUA estão sem-teto, às vezes, porque os pais desempregados não podem pagar o aluguel. Noutras, as mães fogem de um parceiro violento. A infância e juventude da mãe de Marsadez foram muito difíceis. Às vezes, ela ainda fica tão mal por causa disso, que não consegue trabalhar se sustentar.

Ninguém pode saber

Os colegas de escola de Marsadez não sabem onde ela mora.

– A maioria das pessoas na escola tem uma situação muito boa. Se soubessem que eu estou sem-teto, a imagem que eles têm de mim mudaria completamente. Em vez de ser um ser humano, uma amiga, eu seria apenas uma sem-teto para eles, não uma pessoa. Não quero que ninguém sinta pena de mim ou me trate de forma diferente.

Durante a Covid, Marsadez e Dahlia tiveram aulas à distância pela internet por muito tempo. Era difícil ficar trancada no quarto do motel quase 24 horas por dia, 7 dias por semana, tentando acompanhar a escola. Nesse período, Marsadez obteve ajuda com o trabalho escolar da organização School on Wheels, fundada pela heroína dos direitos das crianças do WCP Agnes Stevens.

– Hoje me saio bem sozinha e também consigo ajudar minha irmãzinha. ☺



A mãe não quer Marsadez e Dahlia andando pelo motel, porque algumas das pessoas que moram lá têm problemas com drogas e podem ficar violentas. Mas a maioria é gentil, dizem as irmãs.



Marsadez, 15 anos, EUA

Representa crianças sem-teto e que defendem outras crianças que vivem em situação de rua.

GOSTA: Da escola
AMA: Dançar, principalmente hip hop.
DETESTA: Não ter casa própria e nunca poder me sentir segura.
QUER SER: Bióloga marinha



VOCÊ EU DIREITOS IGUAIS

"A educação das meninas torna o mundo melhor", afirma o cartaz da menina. Meninas e meninos têm os mesmos direitos, e o nome do projecto do qual ela participa diz exactamente isso: Você Eu Direitos Iguais. Os direitos dos meninos e das meninas são violados, mas os direitos das meninas costumam ser mais violados. A menina que segura o cartaz quer que mais meninas frequentem a escola e que nós entendamos que uma menina educada ajuda não apenas a si mesma, mas também melhora a vida da sua família e do seu país. E, como a Heroína dos Direitos da Criança da Década, Malala, diz:

– Existem 127 milhões de meninas que não têm permissão para frequentar a escola. Essas meninas têm sonhos, assim como nós!

Nas páginas 26–36 você pode ler sobre os direitos das meninas no Benin, no Senegal e em Burkina Faso, onde 1.200 meninas e meninos de 300 escolas receberam treinamento de embaixadores dos direitos da criança. Junto com seus professores, que também foram treinados, eles ajudaram 150.000 crianças nas suas escolas a participar do programa do WCP e a aprender mais sobre os direitos das meninas por meio do projecto Você Eu Direitos Iguais.



HM DROTTNING SILVIAS STIFTELSE

CARE ABOUT THE CHILDREN

O **Toi Moi Mêmes Droits** é apoiado pela Fundação da Rainha Silvia Care About the Children. O projecto é realizado pelas organizações parceiras da Fundação Prêmio das Crianças do Mundo: a ONG JEC no Benin, ESPDDE no Senegal e ASEF em Burkina Faso. Ele é apoiado pelos ministérios da educação de todos os três países: Ministère des Enseignements Secondaire, do Benin, Ministère de l'Education Nationale, do Senegal e Ministère de l'Education Nationale et de l'Alphabétisation, de Burkina Faso.



Você Eu Direitos Iguais – pelos d

Todas as meninas e meninos têm os mesmos direitos e devem ter possibilidades para uma vida digna. Isso está na Convenção da ONU sobre os Direitos da Criança, que quase todos os países do mundo prometeram seguir. Além de prometer que os direitos da criança devem ser respeitados, seu país também se comprometeu a trabalhar para alcançar a meta global 5 da ONU, por maior igualdade. Mas como é isso para você em casa, na escola e em seu tempo livre? Os direitos das meninas são respeitados em seu país?

A Convenção da ONU também tem direitos que se aplicam exatamente a você e a todas as crianças. Ela é dividida em partes, chamadas artigos. O Artigo 2 estabelece que ninguém deve ser discriminada nem ser tratada pior por ser menina. Eis alguns exemplos do que os artigos da ONU dizem sobre os direitos das meninas:

Artigo 31: Você tem direito a brincar, a descansar e a tempo livre

Todas as crianças têm os mesmos direitos de brincar e descansar. Como as meninas frequentemente precisam ajudar mais em casa que seus irmãos, elas têm menos tempo de lazer. Enquanto limpam, lavam roupas, cozinham e cuidam das irmãs e irmãos mais novos, seus irmãos muitas vezes têm tempo livre. Em muitos países, as meninas também caminham muitos quilômetros para buscar água em um poço. Quando elas finalmente terminam suas



tarefas, já anoiteceu. Quem não tem eletricidade em casa pode ter dificuldade para fazer o dever de casa.

Artigo 19: Você tem direito à proteção contra todas as formas de violência

Ninguém pode espancar ou machucar crianças, mas adultos expõem as crianças à violência mesmo assim. Meninas, e até mesmo suas mães, são particularmente vulneráveis. Meninas também são expostas à violência fora de casa, por meninos da mesma idade e homens. Se as meninas tentam denunciar ou procurar proteção, muitas vezes são desacreditadas e não recebem ajuda.

Artigo 24: Você tem o direito de ser o mais saudável possível e a tratamento, se adoecer

Quando meninas adoecem, geralmente recebem cuidado pior que os rapazes, especialmente em famílias pobres, onde as meninas também precisam trabalhar mais duro. Às vezes, elas recebem menos comida que seus irmãos, se houver escassez de alimentos. Meninos pobres são vacinados com mais frequência contra doenças perigosas do que meninas. Em países onde falta igualdade de gênero, morrem

mais meninas que meninos antes de completarem cinco anos. Nos países ricos, ao contrário, mais meninos morrem antes dos cinco anos.

Todas as crianças têm o direito de sentirem-se bem e confortáveis consigo mesmas. Porém, meninas costumam ser mais pressionadas que meninos a ter uma aparência e a se comportar de determinada maneira. Isso pode ter a ver com tudo, desde como se vestir, sonhos para o futuro e passatempos favoritos. Algumas meninas não podem cavalgar, dançar ou correr, só por serem meninas.



Artigos 28-29: Você tem direito a uma boa educação

Todas as crianças têm direito à educação, porém, mais meninos que meninas no mundo ingressam na escola, e muitas meninas são forçadas a parar prematuramente. Às vezes, é porque os pais querem ter as filhas ajudando em casa. Outros temem que homens



Celebre e defenda os direitos das meninas

A Organização das Nações Unidas, ONU, estabeleceu um dia internacional das meninas, que é celebrado no 11 de outubro de cada ano. Você e seus amigos podem organizar uma manifestação em que lutam pela igualdade de direitos das meninas e lembram a todos ao seu redor que os direitos das meninas devem ser respeitados! É importante que as meninas não fiquem sozinhas na luta por direitos iguais.

Direitos das meninas



ataquem as meninas a caminho da escola e as machuquem. Alguns acham que a educação de uma filha é um desperdício, porque ela passa a pertencer a outra família quando se casa. Se a escola não tem toalete separado para meninas, muitas ficam em casa quando menstruam. Elas perdem aulas, e aquelas que não conseguem recuperar o atraso abandonam a escola. Outras meninas param porque um adulto na escola as maltrata. Há até mesmo professores e diretores que tentam forçar as alunas a fazer sexo, ameaçando-as com notas baixas e reprovação.

Uma menina que recebe educação casa-se mais tarde e tem menos filhos, e mais saudáveis. Para cada ano a mais que uma menina vai à escola, sua renda futura aumenta em até um quinto! Isso é bom para ela e sua família, mas também para todo o país.

Artigo 32: Você tem direito à proteção contra o trabalho prejudicial e/ou perigoso

De acordo com a Convenção sobre os direitos da criança, ninguém pode trabalhar antes

de completar doze anos de idade, e você não pode trabalhar dias longos com trabalho pesado ou perigoso antes dos 18 anos. No entanto, muitas crianças são forçadas a começar a trabalhar cedo e executar tarefas prejudiciais. Meninas frequentemente têm os empregos mais mal pagos e mais perigosos. Elas trabalham na agricultura, em fábricas, em canteiros de obras e como empregadas domésticas, ajudantes em casas particulares. Às vezes, sequer recebem um salário, mas apenas um pouco de comida.

Artigos 34–35: Você tem direito à proteção contra o abuso, e contra ser sequestrada e/ou vendida

Você não pode ter que se casar enquanto é criança, ou seja, com menos de 18 anos de idade. Contudo, meninas, em particular, são forçadas ao casamento infantil. Doze milhões de meninas se casam todos os anos, são 23 meninas por minuto, quase uma menina a cada dois segundos. Às vezes, meninas são obrigadas a se casar porque a família precisa do dinheiro ou do gado que a família do homem dá em troca de uma esposa. Isso geralmente é descrito como comércio com crianças.



das a se casar porque a família precisa do dinheiro ou do gado que a família do homem dá em troca de uma esposa. Isso geralmente é descrito como comércio com crianças.

Meninas que são obrigadas a se casar têm muitos de seus direitos violados. Elas frequentemente são forçadas a abandonar a escola e estão expostas mais frequentemente à violência por seus maridos do que quando mulheres adultas se casam. Também pode ser fatal para uma menina dar à luz antes do seu corpo estar totalmente desenvolvido. Lesões ocorridas no parto hoje são a causa mais comum de morte de meninas pobres entre 15 e 19 anos no mundo.

Artigo 37: Ninguém deve submeter-lhe a tratamento cruel

Ninguém tem o direito de prejudicar-lhe, mesmo que seja para seguir tradições antigas. Há muitas tradições que são boas para crianças e adultos, mas também existem algumas que são ruins. Muitas das tradições antigas que prejudicam as meninas estão associadas ao casamento. Por exemplo, alguns acreditam que uma



menina não pode se casar antes de ser submetida à mutilação genital. A tradição de circuncidar os genitais das meninas é muito dolorosa e também pode causar infecções graves e lesões que afetam o resto da vida da menina.

Artigos 12–15: Você tem o direito de dizer o que pensa e ser ouvida

Meninas e meninos têm o mesmo direito de dizer o que pensam e de se envolver e decidir sobre as questões que as preocupam. Frequentemente, é mais difícil para as meninas que para os meninos fazerem ouvir a sua voz e serem ouvidas na família, na escola e na sociedade. Elas têm menos oportunidades de decidir sobre si mesmas e seus próprios corpos. Meninas na zona rural em países pobres geralmente têm oportunidades piores de ir à escola e ter uma vida digna do que meninas que moram em cidades. ☺

Que diferença isso faz?

Obviamente, direitos e oportunidades iguais para uma vida digna fazem diferença para toda criança, seja menina ou menino. Também é bom para toda a sociedade que meninas e mulheres tenham direitos iguais aos de meninos e homens. Se as meninas recebem educação e maior igualdade de gênero, isso leva a menos pobreza e uma vida melhor para todos.



– Quero ver mudanças para que as meninas não sejam mais tratadas como escravas. Quero que nós, meninas, tenhamos os mesmos direitos que os meninos, e possamos estudar por mais tempo antes de casar. E é preciso ouvir a nós, meninas, pois temos ideias que podem resolver os problemas, afirma Anita, 14, no vilarejo de Nakamtenga, em Burkina Faso.

“ Quando estava na pré-escola, eu tive uma doença que afetou minha perna esquerda e a coxa direita. Após alguns meses em casa, tive uma ferida na perna esquerda. O médico disse que precisava operar. Quando comecei o pri-



Anita ajuda em casa, mas os irmãos ajudam na mesma medida nas tarefas domésticas.

“Ouçam a nós, meninas!”

meiro ano, o médico fez uma radiografia da minha coxa direita e disse que precisava operar também. Sempre tive dificuldade para andar, mas tenho muito orgulho por meus pais me apoiarem e não me mandarem para outro lugar, embora sejamos agricultores pobres.

Direitos das amigas violados

É importante conhecer os direitos da criança, para poder denunciar quem nos viola, e também para ensinar a quem não conhece os direitos da criança que eles existem.

Os direitos das meninas não são respei-

tados aqui. Minha amiga Alice foi dada em casamento pelo pai quando tinha quatorze anos. Ela recusou, mas seu pai a obrigou. Ela chorava o tempo todo. Alice queria fugir, mas seu marido impossibilitou que ela o fizesse. Aos quinze anos, ela teve seu primeiro filho.

«Nós, meninos, também devemos lavar a louça»

«É culpa dos pais que as meninas sempre tenham que ouvir que são inferiores a nós, meninos. E nós, meninos, ficamos longe das tarefas domésticas e deixamos todo o trabalho para as meninas. Isso não é justo. As meninas lavam a louça, cozinharam e lavam as roupas de seus irmãos. Em geral, elas abandonam a escola para tornarem-se empregadas domésticas na casa de outra pessoa. Nós, meninos e homens, também devemos fazer as tarefas domésticas para que haja igualdade. Não devemos tratar a esposa ou a menina como uma escrava em casa.»

Abdoul Fatao, 14, Burkina Faso

«Filhas são tratadas vergonhosamente»

«Sou menino, mas lavo a louça e varro a casa, e tenho orgulho por minha mãe ter me ensinado isso. Na família, a menina não tem o direito de falar e meninas não têm o direito de herdar. Ouvi um pai dizer que é um desperdício de dinheiro matricular uma menina na escola, porque ela vai se casar e se mudar para a casa do marido. Acho muito vergonhoso e mesquinho pensar na própria filha como se uma estranha tivesse nascido na família. Meninas têm o direito de ir à escola e as raparigas que se saem bem podem ajudar seus pais. Os pais falham em defender os direitos da criança. É por isso que o Prêmio das Crianças do Mundo confia em nós, crianças, para lutar em defesa de nossos direitos.»

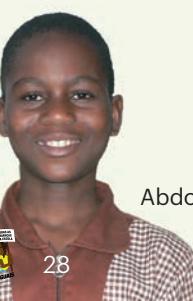
Daouda, 11, Burkina Faso

«Vai educar um pai»

«Conheço um par de gémeos, um é menino e a outra é menina. O pai pagava as propinas escolares do menino, mas a menina ficava em casa para trabalhar como empregada doméstica de outra família. O pai dela está violando seus direitos, então vou educá-lo para respeitar os direitos das meninas.» Hayfa, 10, Burkina Faso

«Deve educar os pais»

«Em quase todas as famílias, são as meninas que lavam a louça, lavam a roupa e varrem o quintal, enquanto os meninos podem estudar ou brincar. Os pais usam as meninas como escravas e os meninos são como governantes em



Abdoul



Daouda



Hayfa



Aminata



– Nós, meninas, deveríamos poder estudar por muito tempo, antes de precisarmos nos casar, afirma Anita, à direita, na sala de informática do Collège Yennenga Progress, na aldeia de Nakamenga.

Outra amiga minha, Ami, teve que abandonar a escola. Seus pais disseram que uma menina não precisa ir à escola, que deve cuidar da casa. Seu pai parou de pagar as propinas escolares, então ela teve que parar no quarto ano. Ami chorava e chorava, implorando aos pais que a deixassem continuar na escola, mas eles não concordaram. Quando ela completou quinze anos, seu pai a obrigou a se casar com um velho.

Quero ver mudanças, para que as meninas não sejam mais tratadas como escravas. Quero que nós, meninas, tenhamos os mesmos direitos que os meninos, e possamos estudar por mais tempo antes de casar.

Meus irmãos concordam

Converso com meus irmãos, pais, avós e amigos sobre como é importante que todos conheçam os direitos da criança e,

casa. A culpa é dos pais e das tradições, que sempre colocam a filha em último lugar. Para acabar com isso, precisamos educar os pais, para que entendam que a menina tem os mesmos direitos que o menino. A maioria dos direitos das meninas são violados aqui. Eu educo meus pais e vizinhos para que respeitem os direitos da criança.»

Aminata, 11, Burkina Faso

«Só meus irmãos na escola»

«Fugimos da nossa aldeia para escapar de ataques terroristas. Quando uma organização procurava crianças refugiadas para matriculá-las na escola, meu pai se recusou a dar meu nome. Ele apenas lhes deu os nomes dos meus irmãos, que puderam voltar a frequentar a escola. Minha mãe também quer que eu fique em casa e faça todas as tarefas. Todas as manhãs, eu busco



Salamata

água a dois quilômetros de distância com uma carroça. Encho oito latas de 20 quilos. Lavo as roupas dos meus irmãos e, se me recusar, eu apanho. Sou como uma prisioneira condenada a trabalhar constantemente, sem descanso. As meninas são tratadas como máquinas, que sempre devem funcionar. Os líderes do nosso país devem proibir isso absolutamente..»

Salamata, 12, Burkina Faso

«Minha tia materna tenta me vender»

«Meu professor me engravidou quando eu tinha dezesseis anos. Nossas tradições fizeram com que eu fosse excluída da minha família e tivesse que morar com minha tia. Meus irmãos não tinham permissão para falar comigo. Acho que temos que acabar com os velhos costumes que violam os direitos da criança. Não entendo por que um menino que engravidou uma menina não é condenado ao ostracismo ou punido pela família. Por que apenas as meninas são afetadas assim?»

principalmente, os direitos das meninas. Não devemos ser expostas a abusos, e devemos receber educação, não devemos ser enviadas para casar e devemos ter o direito de falar livremente. Devemos ter os mesmos direitos que os meninos.

Meus irmãos, irmãs e amigos dizem que acham normal que seja assim. Porém, os mais velhos da minha família, como meus avós, acham que não adianta educar uma menina. Ela se casou cedo porque esse é o nosso costume aqui. Eles também afirmam que uma menina não tem o direito de dizer o que pensa, que só os meninos têm esse direito. Acho que é preciso ouvir as meninas, porque às vezes temos ideias de como resolver problemas.

Na minha família, meninos e meninas cumprem as mesmas tarefas em casa, pois meus pais entenderam que os direitos das meninas são importantes, e que todas as crianças devem ser tratadas com igualdade. Acho que eles fizeram uma boa escolha, porque meninos e meninas devem ter os mesmos direitos.

É importante ser embaixadora dos direitos da criança, pois assim podemos divulgar o conhecimento sobre os direitos da criança. É muito bom poder falar, junto com outras crianças, sobre as mudanças queremos ver». ☺

Não posso mais ir à escola, e minha tia quer me obrigar a casar com um homem mais velho. A tia me enganou para ir à casa do homem. Quando ela saiu, ele me agrediu. Eu gritei alto. Então, ele me amordaçou com um lenço e amarrou minhas mãos com uma corda. Quando minha tia voltou, eu chorei e contei a ela que o homem havia me estuprado. Ela me bateu, e o homem deu dinheiro a ela. Sou como uma mercadoria que minha tia está tentando vender. Nunca mais poderei ir à escola, mas também farei com que não haja casamento.

O governo deve trabalhar para impedir casamentos forçados e estupros.»

Ornela, 17, Burkina Faso



Ornela

“Nossos pais precisam entender”

- Quero que nossos pais entendam que nós, meninas, temos o direito de falar e nos expressar livremente sobre coisas que nos dizem respeito, diz Djiba. Ela não foi registrada ao nascer, foi submetida à mutilação genital, precisa fazer muitos trabalhos em casa, e seu direito de se fazer ouvir não é respeitado.

Desde que o programa do Prêmio das Crianças do Mundo chegou à aldeia de Djiba, no Senegal, ela atua no clube dos direitos da criança do WCP e no grupo do clube, onde as crianças podem falar sobre violações de seus direitos às quais foram submetidas. Djiba e seus amigos ouvem. Em seguida, elas contam aos líderes locais na escola e na aldeia, e tentam chegar a uma solução que seja boa para a criança.

“Perdi minha mãe quando tinha sete anos, e moro com meu pai e sua nova esposa. Não sou tratada da mesma forma que os filhos da minha madrasta por não ser filha dela. Eu faço todo o trabalho doméstico, debulho painço, milho e amendoim. Assim que volto da escola,



tenho que preparar a comida. Preciso terminar de lavar a louça e a roupa mais cedo, para pegar lenha na floresta e voltar para casa antes do anoitecer. Se eu não lavo as roupas dos meus irmãos e pais, sou punida.

Gosto muito de ir à escola, pois lá posso esquecer as tarefas domésticas e descansar. Perdi o exame de admissão no ano

passado, mas esse ano vou dar tudo para conseguir, porque quero ser professora, como a nossa diretora.

Viagem perigosa

Temos parentes aqui no Senegal e no país vizinho, Guiné. Quando eu tinha nove anos, fomos, como sempre, para a Guiné nas férias de verão. Eu não fazia ideia do

Meninas pela mudança

As amigas Aïcha, Antoinette, Rachel e Blandine são embaixadoras dos direitos da criança. Todas elas também fazem parte de um grupo ao qual as crianças da aldeia podem recorrer se sentirem que seus direitos foram violados.

Quando as amigas ouvem crianças que foram maltratadas, elas se reúnem com a liderança da aldeia ou da escola, para, juntas, tentar encontrar uma solução que seja boa para a criança.

“Aqui, o destino das meninas da minha idade é determinado pela tradição. Você deve se casar cedo, se não frequentar a escola. Para nossos pais, o mais importante não é a escola, mas encontrar um marido para a filha o mais rápido possível. Eu não tenho direito de falar, e eles deci-

dem o que fazer, se não, sou espancada.

Eu queria ser médica para ajudar crianças, mas também quero ser advogada e defender os direitos de meninas, meninos e mulheres, porque muitas vezes

não são ouvidos e todos são obrigados a fazer o que os homens decidem”.

Aïcha, 16, embaixadora dos direitos da criança, Senegal



que me aguardava naquele ano. Quando chegamos à aldeia, encontrei várias meninas da minha idade.

No dia seguinte, houve uma festa com tam-tam e dança na aldeia. Minha tia me levou para uma cabana, onde as três mulheres estavam esperando. Elas são chamadas de mulheres circuncidadoras.

– Não grite, porque senão as outras vão rir de você por ter sido a única que gritou, uma delas me disse, ao tapar minha boca.

Acho que é pela honra dos pais, para que encontrem um marido para a filha, e é por isso que somos submetidas à mutilação genital feminina (MGF). Se não tiver sido cortada, você não pode cozinhar em festas e cerimônias, é considerada uma vergonha para sua família e

não é respeitada. Em nossa aldeia, a maioria das meninas da minha idade são cortadas. Mas não acho nada normal fazer isso conosco, meninas. Algumas raparigas ficam doentes quando voltam para casa. Muitas têm dificuldade para andar e sentar. Às vezes, as meninas morrem. Somos levadas para a Guiné, porque no Senegal os pais podem ser presos pela polícia se for descoberto que expuseram suas filhas à mutilação genital.

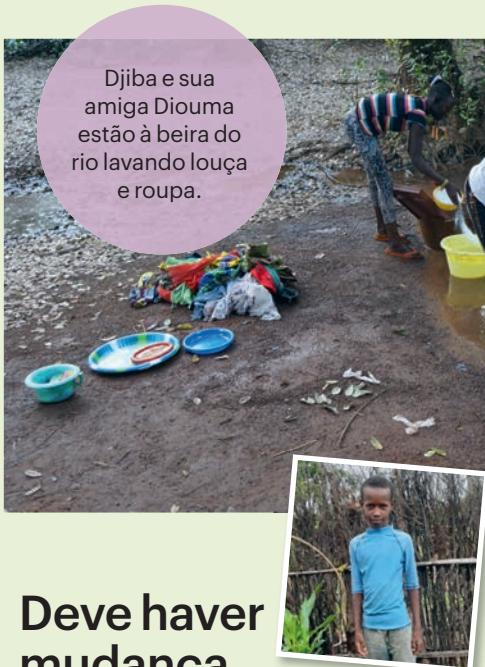
Direito de falar livremente

Acredito que nossos pais devem conhecer os direitos da criança, para que possamos acabar com a MGF e resolver outras questões. Por exemplo, que nós, crianças, temos o direito de dizer o que pensamos e

de ser ouvidas. Aqui, nenhum adulto escuta as crianças, e principalmente nós, meninas, não temos direito de falar. Quero que meus pais entendam que tenho o direito de falar livremente. Se os adultos não permitem que nós, crianças, digamos o que pensamos, então nós, crianças, apenas seguimos as decisões dos adultos como uma ovelha cega chocalhada.

Quero continuar estudando, para poder ajudar meninas e mulheres a viver melhor e participar das decisões. Uma menina não deve ser forçada a se casar com um homem que ela mesma não escolheu para ser seu marido.”

Djiba, 13, embaixadora dos direitos da criança, Senegal



Deve haver mudança

“As meninas da nossa aldeia fazem todo o trabalho doméstico. Elas cozinham, apanham lenha, debulham painço, milho e amendoim, lavam roupa e louça no rio. Elas buscam água no poço e cultivam. As meninas trabalham mais que os meninos. Deve haver uma mudança. Ajudo minhas irmãs lavando as panelas e pegando água do poço em latas de 20 litros. Eu não desejaría ser uma menina. Muitas delas são levadas para uma aldeia na Guiné para a mutilação genital, e sofrem muito com isso. Eu apoio todas as mudanças que significam que os direitos das meninas sejam respeitados e que elas tenham as mesmas chances na escola que nós, meninos, e tenham mais tempo livre do que têm agora”.

El Hadji, 12, da mesma aldeia que Djiba, no Senegal



Descobrimos os direitos da criança

“Eu estava no quinto ano quando recebemos a revista O Globo na nossa escola. Foi então que descobrimos os direitos da criança e entendemos que vários dos nossos direitos são violados. A pior forma de abuso contra meninas é a mutilação genital feminina. Fizemos uma peça teatral no nosso clube dos direitos da criança do WCP, mostrando como a mutilação genital feminina é ruim para as meninas e sua saúde. Apresentamos a peça para nossos pais.

Nós, que somos embaixadores dos direitos da criança, temos um grupo que recebe sinais de alerta das crianças. Elas podem nos contar sobre

violações de seus direitos. Depois, abordamos a questão com a administração da aldeia. A atitude de nossos pais começou a mudar, e continuaremos lutando até que todas as formas de violação dos direitos da criança finalmente acabem”.

Pierre, 14, embaixador dos direitos da criança da mesma aldeia de Aïcha, Senegal





Escola para todas as meninas

- Quero ver mudanças para que todas as meninas possam ir à escola, diz Grâce.
Ela própria foi forçada a deixar a escola para trabalhar como escrava doméstica e balconista de loja por sete anos.

Eu tinha oito anos quando, de repente, meu pai disse que eu seria enviada para uma mulher em Cotonou. Minha mãe queria que eu ficasse na aldeia, mas ela não tinha poder de decisão. Eu queria continuar na escola, e chorei.

– Para onde vamos e o que vou fazer lá, perguntei ao meu pai no ônibus. Quando ele me deixou com a mulher para quem eu trabalharia, chorei durante dias, e queria voltar para minha família.

Levantava-me às seis, para limpar a casa e lavar a louça. Eu não ia à escola. Em vez disso, trabalhava o resto do dia na loja da mulher.

Sonhos destruídos

Após alguns meses, a mulher me levou para sua irmã, em Gana, onde eu cuidaria das crianças e dos afazeres domésticos. Como cumpria bem

minhas tarefas, eles queriam que eu começasse a estudar. Porém, quando meu pai ouviu isso, ele recusou e disse que eu devia voltar para casa. Então meu sonho de ir à escola foi destruído.

Depois, meu pai me mandou para outra mulher, com quem morei por vários anos. Meu pai sempre recebeu todo o meu salário, de 15.000 CFA mensais (cerca de 25 dólares americanos). Ele usava todo o dinheiro para comprar bebida. Quando meu pai soube que a mulher queria me deixar ser aprendiz de costureira, ele protestou e me levou para casa, na aldeia. Pela segunda vez, meu sonho de ter uma educação foi destruído. Meu pai se recusou a me deixar ser aprendiz porque, segundo o acordo feito com a mulher, ela não teria que enviar dinheiro para ele se eu pudesse ir à escola ou praticar como aprendiz. Meu pai só pensa em dinheiro.

Quer ver a mudança

Minha mãe ficou feliz em voltar a me ver, mas ela não podia fazer nada por mim nem pela minha irmã, que compartilha meu destino. Contudo, minha irmã fugiu da mulher para quem trabalharia. Hoje estou de volta à cidade, ajudando uma nova mulher com sua loja.

Eu nunca pude dizer uma palavra nas decisões sobre a

minha vida. Quando penso nos meus irmãos, que puderam ir à escola, fico triste e choro. Não sei ler nem escrever, mas desejo poder saber um dia. Quero que tudo mude, e que todas as raparigas possam ir à escola.»

Grâce, 15, Benin

Luta pelos direitos das meninas

«Onde eu moro, há meninas que são escravas domésticas como empregadas domésticas, outras são submetidas ao casamento forçado e à violência. Minha amiga Prisca teve que se casar, contra a vontade, com um velho rico que prometia coisas boas aos seus pais. Foi por isso que decidi lutar contra esses hábitos, para que as meninas passem a ser tratadas da mesma forma que os meninos.»

Carlo, 16, Bénin



Ele defende os direitos das meninas

Oque me faz levar muito a sério o meu papel de embaixador dos direitos da criança são as muitas violações dos direitos da criança que vejo no meu bairro e que eu mesmo vivenciei. Vejo a pequena Marie, de dez anos, trabalhando numa mercearia. A encarregada de Marie a maltrata e insulta o dia todo. Marie parece estar sempre triste, e nunca sorri.

Ao lado desta loja, uma menina de seis anos é aprendiz num salão de cabeleireiro. Uma manhã, quando fui lá cortar o cabelo, vi a pequenina subindo num banquinho para colocar as coisas nas prateleiras, que eram muito mais altas do que ela conseguia alcançar. Quando o gerente chegou, ele repreendeu a menina

porque ela ainda não havia varrido o local, e bateu no olho dela. Eu fiquei muito indignado.

Influencia os amigos do futebol

Meus colegas gostaram quando eu os ensinei sobre o casamento forçado e o abuso de meninas. Agora, eles ouvem quando falo sobre os direitos das meninas. Quando conto a eles, uso a revista O Globo e o livreto Você Eu Direitos Iguais.

Fora da escola, influenciei um vendedor de pães a parar de bater na sua filha. Também converso muito com meus amigos do clube de futebol sobre o programa e os direitos das meninas. A princípio, muitos deles pensaram que eu estava inventando coisas. Também aproveito para ensinar meus amigos a fazer o trabalho de casa. Estou feliz por ser embaixador dos direitos da criança.

Francine



Archille

minha mãe saíam para procurar restos de comida deixados para trás e restos nas panelas do vendedor de arroz.

Comecei a estudar muito tarde, aos nove anos de idade. Os meus pais tinham dificuldade para pagar minhas propinas escolares e, portanto, eu sempre era expulso da minha classe. Isso me deixava muito envergonhado.

Hoje eu moro com meu tio paterno. Mesmo na casa dele, muitas vezes falta comida. Mas isso não me impede de estudar e dar o meu melhor. Quero ter sucesso na minha vida."

Archille, 15, embaixador dos direitos da criança, escola Ekpè, Benin



"Você e eu direitos iguais", diz o cartaz do rapaz em Parakou, no Benin.



O curso me deu a arma

"Eu sabia dos direitos da criança e da violação dos direitos das meninas, mas nunca tive coragem de falar com ninguém. Fiquei sabendo do programa do WCP pelo meu director. Foi ele quem sugeriu que eu fizesse o curso Você Eu Direitos Iguais. Fiquei muito feliz, porque desta vez consegui as armas necessárias para poder defender os direitos da criança perante uma pessoa que os viola. Fui encorajada por Kim e Hassan, embaixadores dos direitos da criança do WCP no Zimbabwe, que vi em um vídeo. Este programa significa muito para mim.

Isso me permite educar meus amigos sobre os direitos das meninas. Eu uso muito a revista O Globo e o livreto Você Eu Direitos Iguais.

Após o curso, eu discuti a igualdade de gênero com a minha irmã gêmea, minha avó, meu tio e minha tia. Eles querem me apoiar na defesa dos direitos das crianças órfãs, dos filhos adotivos e de outras crianças."

Francine, 17, embaixadora dos direitos da criança, escola Tohouè, Benin

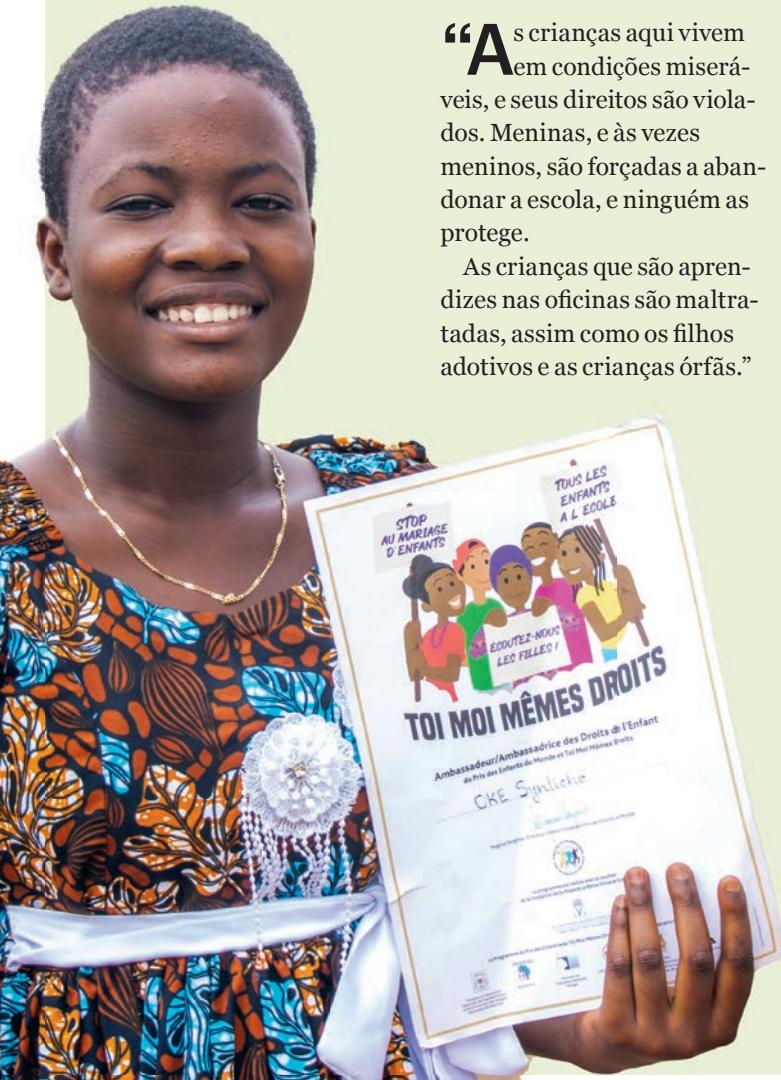


Educa os amigos e os pais

- Eu sabia que as meninas têm direitos que não são respeitados. Embora não tivesse poder para fazer nada a respeito. Mas agora, depois deste curso, posso trabalhar por mudança, diz Syntiche, 16, em Zinvié, no Benin. Ela é uma das mais de mil crianças treinadas como embaixadoras dos direitos da criança e especialistas na igualdade de direitos das meninas durante os cursos de dois dias.

As crianças aqui vivem em condições miseráveis, e seus direitos são violados. Meninas, e às vezes meninos, são forçadas a abandonar a escola, e ninguém as protege.

As crianças que são aprendizes nas oficinas são maltratadas, assim como os filhos adotivos e as crianças órfãs.”



Dois irmãos perto da minha casa são maltratados pela madrasta, e podem passar um dia inteiro sem comer. Às vezes, quando a minha mãe permite, dou-lhes comida.

Meninas pequenas trabalham

Muitas circulam sobre montes de lixo. Elas procuram detritos para vender e comprar comida com o dinheiro. Uma menina de nove anos trabalha em um ateliê de costura. Os seus pais não podem mandá-la à escola e a enviam para ser aprendiz. Ao mesmo tempo, ela trabalha como empregada doméstica na casa do patrão. As meninas muitas vezes são maltratadas nas oficinas onde são aprendizes, e são jovens demais para estar lá. A maioria dessas meninas são órfãs. Outras são

Syntiche exibe orgulhosa o diploma que mostra que ela é uma embaixadora dos direitos da criança formada.

mandadas para trabalhar porque seus pais não têm dinheiro.

Quando o pai da minha amiga Aminata morreu, ela foi parar numa casa perto de mim, porque sua mãe não tinha dinheiro. Ela contou que fazia todo o trabalho doméstico no seu lar adotivo, e que trabalhava o resto do dia na loja da sua mãe adotiva. Aminata estava sempre triste, e não tinha nenhuma alegria na vida. Eu a consolava dizendo que, mais cedo ou mais tarde, a sua situação



Hora de lutar!

"Nesses dois dias de curso, aprendi mais sobre os direitos da criança do que na minha vida toda. Aprendi como podemos fazer com que os outros respeitem os direitos das meninas e de todas as crianças, e como podemos proteger o meio ambiente. Agora eu sei que

Ganimath fala com seus colegas de escola sobre meninos e meninas terem os mesmos direitos.

as meninas devem ser tratadas da mesma forma que os meninos em todas as áreas, e que as meninas não devem precisar sofrer.

Comecei por percorrer todas as salas de aula, junto com os outros embaixadores dos direitos da criança, para obter o apoio dos outros alu-

nos e envolvê-los no programa. Durante as reuniões com os responsáveis de todas as turmas, conversamos muito sobre a igualdade entre meninas e meninos, o assédio sexual a que as meninas são expostas, a gravidez precoce e também sobre as mudanças climáticas. Agora, estamos começando a ver mudanças positivas no comportamento dos nossos amigos e dos adultos, por exemplo, menos assédio sexual.

mudaria. Mas, um dia, sua família adotiva mudou-se do meu bairro e nunca mais a vi.

Orgulho de ir à escola

O meu pai morreu quando eu tinha doze anos, então agora moro com a minha mãe e os meus três irmãos. Em casa, ajudo os meus irmãos nos trabalhos de casa, faço as tarefas domésticas e ajudo a minha mãe a cozinhar.

Eu percorro um longo caminho até a escola. Levo 45 minutos para chegar lá. Eu queria ter uma bicicleta ou condições para pagar um zem, que é um mototáxi. Nem sempre tenho os livros escolares necessários. Às vezes, desejo que a minha mãe tivesse dinheiro suficiente para comprar os livros e mais roupas e sapatos bonitos, como o meu pai fazia. Mas eu absolutamente não quero morar com mais ninguém. Prefiro sofrer junto com a minha mãe e os meus irmãos.

Sinto-me feliz e orgulhosa de ir à escola. Como filha mais velha e única menina, tenho a obrigação de fazer o meu melhor. Quero deixar os meus pais orgulhosos, principalmente meu pai, mesmo que ele não esteja mais vivo. Ensino aos meus irmãos os valores que os meus pais me ensinaram. Eu quero que eles

se tornem homens que defendem os direitos iguais das crianças.

O curso me capacitou

Antes mesmo de fazer o curso Você Eu Direitos Iguais, eu sabia que Aminata tinha direitos que não eram respeitados. Embora não tivesse poder para fazer nada a respeito. Mas agora, depois deste curso, posso trabalhar por mudança. Mesmo que não saiba se os adultos que têm outras crianças trabalhando para eles querem me ouvir, eu digo a eles para tratar essas crianças da mesma forma que tratam seus próprios filhos. Essas crianças também têm o direito de ir à escola e de não apanhar.

Contei aos meus amigos do bairro sobre o que aprendi no curso. Decidimos educar nossos pais e outros pais sobre os direitos da criança, e que deve haver igualdade entre meninas e meninos.

Nós quatro da minha escola, treinados como embaixadores dos direitos da criança, selecionamos dois alunos em cada uma das 30 classes. Nós os treinamos para que possam nos ajudar a disseminar as informações na nossa escola.”

Sinto que agora tenho mais força e coragem para lutar para que os direitos da criança sejam respeitados, principalmente os direitos das meninas. Agora é a hora de lutar contra as violações dos direitos das meninas! As mudanças que eu exijo vão muito além da minha escola e da minha cidade. Quero que as meninas de todos os lugares sejam mais respeitadas e apreciadas.”

Ganimath Adame, 14,
escola Akassato, Benin



Ganimath, à direita, com seu cartaz onde diz não à mutilação genital das meninas.



Syntiche fez vários cartazes sobre os direitos das meninas, que ela usa em diversas ocasiões. Aqui, ela mostra os cartazes que dizem “Meninas e meninos têm os mesmos direitos” e “Você e eu direitos iguais”.



“O destino da minha amiga me fez começar a lutar”

Aprendi que deve haver igualdade entre meninas e meninos, e que todas as crianças têm direito à educação. Tenho orgulho de ser embaixadora dos direitos da criança. Para mim, isso é ser uma professora que ensina a quem não conhece os direitos da criança. Como embaixadora dos direitos da criança, pretendo aumentar o conhecimento dos líderes tradicionais sobre os direitos da criança e as consequências do casamento infantil. E fazê-los entender que deve-

mos acabar com práticas nocivas, como a mutilação genital feminina e o casamento forçado.

A revista O Globo, o livreto Você Eu Direitos Iguais e Hassan, no vídeo sobre o Prêmio das Crianças do Mundo, deram-me força e coragem para a tarefa que me foi confiada. É uma missão nobre.

Quero ver as coisas muda-

rem, para que as meninas não sejam mais tratadas como escravas. Foi o destino de uma das minhas amigas que me fez começar a lutar contra as violações dos direitos das meninas:

Aissa abandonou a escola quando tinha onze anos. Seu pai a forçou a começar a trabalhar na casa de outras pessoas. Seu salário era usado para pagar os estudos do

irmão. Quando ela tinha quatorze anos, o pai de Aissa a forçou a casar com um homem de 50 anos. Ela recusou, mas não teve escolha. Quando Aissa tinha quinze anos, ela engravidou. No momento do parto, ela e seu bebê morreram.

Yasmina, 15, embaixadora dos direitos da criança, escola Tanghin Barrage, Burkina Faso



Yasmina, Ghislain e Guemilatou.



“Menino, ajude a sua irmã nas tarefas domésticas”, diz o cartaz da menina em Parakou, no Benin.

É importante educar as meninas

“Educar uma menina é educar uma nação, na minha opinião. Como embaixadora dos direitos da criança, quero mudar a mentalidade dos pais, conscientizando-os sobre os direitos das meninas. São especialmente nossas tradições e costumes que violam fortemente os direitos das meninas. Os pais devem respeitar os direitos das meninas.

Graças ao treinamento, descobri os direitos da criança e, principalmente, aprendi que as meninas têm o direito de descansar e brincar. A maioria das meninas aqui trabalham muito, e não têm tempo para brincar ou descansar. Muitas meninas abandonam a escola para se casar ou trabalhar como empregadas domésticas.

Apesar da proibição da punição corporal nas escolas, os professores continuam a bater nos alunos. Como os adultos não respeitam os direitos, nós, embaixadoras, fomos escolhidas para defender os nossos direitos e os das outras crianças.”

Guemilatou, 14, embaixadora dos direitos da criança, escola Tanghin Barrage, Burkina Faso

A menina deve poder herdar

“Durante o treinamento, aprendi muito sobre meninas e meninos terem os mesmos direitos, exatamente o significado de Você Eu Direitos Iguais. As meninas não existem apenas para fazer tarefas domésticas. Na nossa casa, nos revezamos para lavar a louça e cozinar.

Ser embaixador dos direitos da criança é lutar para que mais pessoas conheçam e respeitem os direitos da criança. Casamentos forçados e gravidez precoce fazem com que as meninas abandonem a escola. O governo de Burkina Faso deve tomar decisões que

impeçam isso, para que as meninas tenham uma boa educação.

É injusto que uma menina seja tratada como uma estranha na sua própria família e não possa herdar. Ela também é filha do seu pai, não uma ovelha que você cria e depois vende. Meninas não são animais. Alguns meninos não respeitam as meninas e não têm consideração por elas. As meninas têm medo de ser vigias na escola, por temer que os meninos batam nelas se escreverem seus nomes na lista de quem atrapalha na sala de aula.”

Ghislain, 13, embaixador dos direitos da criança, escola Tanghin Barrage, Burkina Faso



Embaixadores pelos direitos das meninas e da vida selvagem



Na região dentro e ao redor dos parques nacionais de Gonarezhou, no Zimbabwe, e de Limpopo, em Moçambique, os direitos das meninas são violados frequentemente. É comum não ouvir o que as meninas têm a dizer. Muitas são obrigadas a casar e abandonar a escola.

A caça furtiva é comum na região há muito tempo, afectando a vida selvagem, em especial dos elefantes, rinocerontes e girafas. O casamento infantil e a caça furtiva são ilegais em ambos os países, e agora essas leis

recebem a ajuda de 1.600 embaixadores da Geração de Paz e Mudança pelos direitos das meninas e da vida selvagem! E eles alcançaram todas as 130.000 crianças com mais de 10 anos de idade na região.





Na Geração de Paz e Mudança (GPM), 1.600 estudantes de 400 escolas dentro e ao redor dos parques nacionais de Gonarezhou, no Zimbabwe, e do Limpopo, em Moçambique, receberam um treinamento de dois dias para tornarem-se embaixadores. Agora, eles defendem os direitos da criança, principalmente a igualdade de direitos das meninas, e da vida selvagem. O mesmo acontece com seus 800 professores, que também fizeram o curso da GPM. Desde então, embaixadores e professores implementaram o programa do WCP com a Geração de Paz e Mudança para todos os 130.000 alunos da região. Eles tiveram a ajuda de 100 líderes locais, que também fizeram o curso da GPM, para informar também aos adultos das aldeias que os direitos da criança existem, que os direitos das meninas devem ser respeitados, e que o casamento infantil e a caça furtiva são ilegais.

Você pode encontrar tudo sobre a Geração de Paz e Mudança em worldschildrens prize.org/pcg.

A Geração de Paz e Mudança é uma colaboração entre a Fundação do Prêmio das Crianças do Mundo e a Fundação Peace Parks, com o apoio da Swedish Postcode Lottery. Ela é realizada pela SANTAC, em Moçambique, e Shamwari Yemwanasikana, no Zimbabwe, com auxílio dos Departamentos Distritais de Educação locais e, no Zimbabwe, também pelo African Wildlife Conservation Fund.



Rinoceronte extinto e meninas silenciadas

“As meninas não são vistas como pessoas aqui. Se uma menina tenta falar o que pensa para os adultos, eles ordenam que ela se cale. Um rapaz, por outro lado, consegue fazer ouvir sua voz. Ninguém diz ‘cale-se’ para ele. Isso não está certo. É algo que realmente me preocupa e, como embaixadora, quero tentar fazer alguma coisa a esse respeito.



Quer ser ranger

Durante o curso, também aprendemos muito sobre o desenvolvimento sustentável e sobre animais selvagens. Aqui em Gonarezhou, era comum a caça furtiva de rinocerontes para obter os chifres valiosos. No final, o rinoceronte foi extinto aqui. Isso é muito triste. Minha geração, e as que vierem depois de nós, podem nunca ver um rinoceronte no seu habitat.

Algumas pessoas ainda praticam a caça furtiva, principalmente para conseguir comida para suas famílias. Acho que elas não sabem que o meio ambiente e os animais selvagens têm direitos. Agora tenho coragem de falar com os líderes da aldeia sobre o que apendi. Eles podem ensinar aos aldeões, e talvez pos-



samos acabar com a caça furtiva. Sinto que esta é uma missão para mim, como membro da Geração de Paz e Mudança. Sonho tornar-me um ranger aqui em Gonarezhou, e proteger os animais selvagens.”

Edgar, 13, Embaixador da Geração de Paz e Mudança, Chompani Primary School, Zimbabwe

Luta pelas meninas e pelos animais



tando a escola. Isso realmente me deixa louca! Agora, como embaixadora, quero contar aos outros o que significa pertencermos a uma geração de agentes de mudança, que meninos e meninas têm o mesmo valor e devem ser tratados com igualdade. Que ambos devem poder frequentar a escola. E que nenhuma criança deve ser forçada a se casar.

Meu sonho é ser advogada e

“Quando tinha doze anos, uma das minhas colegas de escola foi forçada a deixar de estudar porque a sua mãe morreu. O pai disse que ela ficaria em casa cuidando dos irmãos menores, e depois se casaria. Porém, seus irmãos puderam continuar frequen-

trar com os direitos da criança e das meninas. É importante lutar pelo meio ambiente e também pelos animais selvagens. Se cuidarmos dos animais, muitos turistas desejariam vir vê-los. Neste caso, conseguiremos empregos e dinheiro, o que é realmente necessário aqui.”

Praise, 11, Embaixadora da Geração de Paz e Mudança, Chikombedzi Primary School, Zimbabwe



– Foi bom dormir na sala de aula durante o curso da Geração de Paz e Mudança, conta Praise.

O mais alto do mundo

A girafa é o animal mais alto do mundo, e alcança 4-6 metros de altura. Ela está sujeita à caça furtiva, e suas populações diminuíram 30% nos últimos 15 anos. Em toda a África, restam 110.000 girafas, 446 das quais no Parque de Gonarezhou, e apenas cerca de 25 no Parque do Limpopo.



Nossos direitos iguais!



“A melhor parte do treinamento de embaixador da Geração de Paz e Mudança foi aprender que a *Convenção dos Direitos da Criança da ONU* existe. Antes, eu não sabia disso. Também aprendi que todos os direitos são iguais, para meninos e meni-

nas. Isso não ocorre aqui. Os rapazes são tratados muito melhor. As meninas são exploradas sexualmente, e algumas são até traficadas e levadas à África do Sul. E ninguém aqui aceita que um menino ajude uma menina nas tarefas domésticas. Como embaixador, quero dizer às pessoas que nós, crianças, temos direitos e explicar que eles são iguais para meninas e meninos.”

Rowland, 11, Embaixador da
Geração de Paz e Mudança,
Chikombedzi Primary School,
Zimbabwe



Diploma para uma agente de mudança

Amukelo, 15, da Alpha Mpapa High School, no Zimbabwe, recebe seu diploma como embaixadora da Geração de Paz e Mudança pelos direitos das meninas e da vida selvagem.

Em worldschildrensprize.org/pcg
você encontra a história de
Amukelo e um vídeo sobre ela.

Presidente pela mudança

“Aprendemos que devemos cuidar do nosso meio ambiente e, com isso, quero dizer tudo no meio ambiente – meninos, meninas, a natureza, os animais selvagens, tudo – com respeito. Foi novidade para mim o quanto graves as mudanças climáticas são. Eu estou preocupada. Aqui em Gonarezhou, somos muito afectados por elas. Ou cheve-

demais e temos inundações, ou então não chove quase nada e, neste caso, fica quase impossível plantar alguma coisa. Mas também aprendemos sobre diferentes maneiras de contribuir para reduzir as mudanças climáticas.

Tenho o sonho de ser a primeira mulher presidente do Zimbabwe. Acredito que uma mulher pensaria diferente.



Em primeiro lugar, eu lutaria por leis que protegessem e respeitassem meninas e mulheres. Leis que valorizassem as meninas.”

Tariro, 17, Embaixadora da
Geração de Paz e Mudança,
Justin Chauke Secondary
School, Zimbabwe



O mais
rápido
do mundo!

O guepardo não é apenas o animal mais rápido do Parque do Limpopo, mas também o animal terrestre mais rápido do mundo. A velocidade recorde mundial é de 120 km por hora (75 mph).



**Veja os
vídeos em:**

[worldschildrens
prize.org/wcpstory.](http://worldschildrensprize.org/wcpstory)
[worldschildrens
prize.org/videoopcq](http://worldschildrensprize.org/videoopcq)





Caçadores furtivos agora estudam

“A Geração de Paz e Mudança mudou minha vida, e estou feliz por poder participar e implementar o projecto na minha escola. Muitas crianças aqui não frequentavam a escola, porque seus pais as obrigavam a trabalhar na machamba e em casa, ou as mandavam para a caça furtiva. Muitas começaram a voltar para a escola. Agora consigo contar quantas não vêm à escola. Porém, antes da Geração de Paz e Mudança, era quase impossível contar,

pois muitas crianças não iam à escola.

Alguns meninos eram mandados à selva por seus pais, mesmo sabendo que a caça furtiva é proibida. Conheço duas famílias que fizeram isso e cujos filhos foram mortos. Muitos já pararam de caçar furtivamente, mas quero ver todos pararem! Aqui, há muitas crianças que não têm pai, porque ele foi morto durante a caça furtiva.

Em casa, nós, meninas, continuamos fazendo a maior parte do trabalho, mas os



meninos já começaram a ajudar mais. Quando eu lavo a louça, meu irmão sabe que deve ajudar, varrendo o quintal. O rito de iniciação khomba para nós, meninas, foi interrompido e não somos mais forçadas a casar.”

Anastásia, 13, Embaixadora da Geração de Paz e Mudança, Escola Primária de Cubo, Moçambique

Meus irmãos me ajudam

“Em termos de direitos das meninas em casa, as coisas agora estão mudando aqui. Os meus irmãos me ajudam! As minhas amigas dizem que seus irmãos também começaram a ajudá-las. É uma grande diferença em relação a antes. Na escola, conversamos sobre o direito das meninas ao descanso e ao tempo para fazer o trabalho de casa.

Conheço muitas pessoas

que perderam os pais durante a caça furtiva. Nossos líderes fizeram reuniões nas comunidades para aumentar nos seus membros a compreensão de que a caça furtiva é crime. As pessoas aqui mudam, e agora a maioria delas parou de caçar.”

Adélia, 12, Embaixadora da Geração de Paz e Mudança, Escola Primária de Cubo, Moçambique



Resta um em cada nove leões

Cem anos atrás, mais de 200.000 leões percorriam as planícies africanas. Hoje, restam menos de 23.000 leões, apenas um em cada nove.

Líderes e crianças mudam juntos

Professores e líderes de cada escola e aldeia também fizeram os cursos da Geração de Paz e Mudança. De volta à aldeia, os adultos e os alunos, que foram treinados como embaixadores, ajudam a aumentar o respeito pelos direitos das meninas e a acabar com a caça furtiva.



“No passado, na nossa aldeia, muitos pais tiravam os seus filhos da escola porque achavam que a caça furtiva era mais importante. Muitos jovens daqui, morreram durante a caçada. No entanto, depois do curso e da continuação do projecto na nossa aldeia, agora, há muito mais crianças indo à escola.

Antes, muitas meninas também abandonavam a escola cedo. Temos uma tradição muito antiga, chamada *khomba*. As meninas que tiveram sua primeira menstruação são levadas para a selva, a fim de prepararem-se

para o casamento. Depois do *khomba*, as meninas costumam abandonar a escola, e são obrigadas a se casar.

Estou contente que o projecto Geração de Paz e Mudança tenha chegado até nós. Depois do treinamento, tivemos reuniões com os aldeões, para explicar os riscos da caça furtiva, de muitos pais não permitirem que os filhos frequentem a escola e de exporem suas filhas ao *khomba*.

O projecto ajudou-nos muito. Enquanto o director e os professores conversavam com as crianças na escola, eu,

como líder da aldeia, consegui influenciar os aldeões. Os embaixadores dos direitos da criança educaram seus colegas de escola.

Existem várias mudanças na aldeia agora. Há muito menos meninos que abandonam a escola para caçar furtivamente. Não há mais nenhuma menina que abandona a escola por causa do *khomba*. Não permitimos mais o *khomba*, porque era um ritual que não fazia bem para as meninas, então nenhuma menina abandona a escola por causa disso.

Obrigado, Geração de Paz e Mudança, por abrir nossos olhos e nos ajudar.”

Isaak Alione Cuba, líder da aldeia, Cubo, Moçambique





Alunos de três escolas da aldeia reuniram-se na escola simples de Matafula para receber treinamento como Embaixadores da Geração de Paz e Mudança.

Levará crianças à escola

“Vou percorrer a aldeia com meus colegas de classe e tentar fazer as crianças que abandonaram a escola regressarem. Para uma criança, é bom ir à escola, porque assim ela pode se tornar professora, enfermeira, policial ou engenheira. Conheço várias jovens de 14 anos que tiveram filhos, e as convencerei a voltar à escola também. Na minha aldeia, os pais são o grande problema quando se trata dos direitos da criança. Eles não entendem o valor da escola.

Mesmo que os filhos querem estudar, os pais não permitem. Eu acordo cedo, levo o gado para pastar e o deixo lá. Em seguida, corro para a escola. Quando o dia termina, trago o gado de volta para casa.

Antes, ninguém vinha aqui para nos ensinar sobre os direitos da criança, por isso sou muito grato pelo treinamento.”

Shelton, 13, Embaixador da Geração de Paz e Mudança, Escola Primária da Matafula, Moçambique

O maior de todos

O maior animal terrestre, o elefante africano da savana, pode ter mais de 3,5 metros de altura e pesar 6.500 quilogramas. Cem elefantes africanos são mortos todos os dias por caçadores furtivos. O número de elefantes diminuiu 62 por cento nos últimos dez anos. Agora, restam 350.000 na África, 11.000 deles em Gonarezhou e 1.500 no Parque do Limpopo.



Propaga conhecimento na aldeia

“Aqui, o rio secou por causa das mudanças climáticas e, na aldeia, os direitos das meninas não são respeitados. Conheço quatro meninas que estudaram comigo, mas param porque ficaram grávidas. Também conheço quatro meninos que não frequentam a escola. Seus pais acham normal não ir à escola. Esta é a primeira vez que estamos

recebendo treinamento sobre essas questões. Sou grata por tê-lo recebido, e agora posso espalhar o conhecimento para outras pessoas na escola e na aldeia.”

Zulfa, 15, Embaixadora da Geração de Paz e Mudança, Escola Primária da Matafula, Moçambique



Direitos das meninas pela primeira vez

“A minha família respeita meus direitos, mas os meus irmãos não me ajudam nos trabalhos domésticos. Eu moo o milho, cozinho, busco água e procuro lenha. Meus irmãos só vão ao pasto e à escola.

Muitas meninas da aldeia se casam e têm filhos antes de completarem 18 anos. Seus pais recebem dez bois e dinheiro em lobola da família do homem. Duas de minhas amigas, que estudaram comigo na sexta classe, agora estão grávidas. Como embai-

xadora, vou conversar com elas para que voltem à escola. Também ensinarei minhas amigas na escola sobre seus direitos. É a primeira vez que estamos recebendo educação sobre os direitos da criança e os direitos das meninas no nosso distrito.”

Sonia, 14, Embaixadora da Geração de Paz e Mudança, Escola Primária da Matafula, Moçambique



Shelton

Sonia

Zulfa



Os direitos das crianças e as metas globais

Os países do mundo concordaram em alcançar três coisas importantes até 2030: abolir a pobreza extrema, reduzir as desigualdades e injustiças, e resolver a crise climática. Para isso, os países definiram 17 metas globais para o desenvolvimento sustentável. Todas as metas são importantes e interdependentes.

Os governos dos países são os maiores responsáveis pelo cumprimento das metas e pelas mudanças que levam ao atingimento das metas. Contudo, para que o mundo tenha a chance de atingi-las, todos, inclusive você, devem conhecer as metas e lutar por mudança! Isso se aplica a adultos e crianças. Até mesmo pequenas ações podem influenciar.

Por meio do programa do WCP, você pode aprender sobre as metas globais e espalhar o conhecimento ainda mais. Na revista O Globo, você conhece heróis dos direitos da criança e muitas crianças que lutam por um mundo melhor. Eles ajudam a alcançar muitas das metas globais, por exemplo:

- Meta 5, pela igualdade de gênero e a igualdade de direitos das meninas
- Meta 10, por maior igualdade
- Meta 16, por comunidades justas e pacíficas

Direitos da criança

As metas globais estão alinhadas com os direitos da criança. Cada meta tem várias submetas, e muitas delas podem ser vinculadas diretamente a artigos da Convenção sobre os Direitos da Criança, por exemplo, que todas as crianças têm direito à educação, a um lar, alimentação diária, assistência médica e cuidados de saúde quando necessário. Se as metas forem atingidas, a situação das crianças no mundo pode ser melhorada.

Eis alguns exemplos de como as metas estão alinhadas aos direitos, seus e de outras crianças.



Saiba mais sobre as Metas Globais e os Direitos da Criança



1 NO POVERTY

ERRADICAÇÃO DA POBREZA

Nenhuma criança deve crescer na pobreza. Nenhuma criança deve ser tratada de forma diferente ou ter oportunidades piores que outras crianças devido à condição financeira das suas famílias.



2 ZERO HUNGER

FOME ZERO E AGRICULTURA SUSTENTÁVEL

Nenhuma criança deve passar fome ou ser subnutrida. Todas as crianças devem ter acesso a alimentos saudáveis e seguros.



3 GOOD HEALTH AND WELL-BEING

SAÚDE E BEM-ESTAR

Todas as crianças devem sentir-se bem e receber bons cuidados de saúde, atendimento médico e ser vacinadas. O abuso de álcool/drogas deve ser reduzido, assim como os acidentes de trânsito e a poluição do ar.



4 QUALITY EDUCATION

EDUCAÇÃO DE QUALIDADE

Todas as crianças devem receber educação e todas devem aprender a ler e escrever. O ensino básico deve ser gratuito. Nenhuma criança deve ser discriminada na escola.



5 GENDER EQUALITY

IGUALDADE DE GÊNERO

Meninas e meninos devem ter direitos e oportunidades iguais em tudo. Nenhuma menina deve ser discriminada. O casamento infantil e a violência contra as meninas, como a mutilação genital e os abusos sexuais, devem acabar.



6 CLEAN WATER AND SANITATION**ÁGUA POTÁVEL E SANEAMENTO**

Todas as crianças devem ter acesso à água limpa, a casas de banho e a poder cuidar de sua higiene. Casas de banho separadas para meninas são importantes em muitos países, para sua segurança e proteção.

7 AFFORDABLE AND CLEAN ENERGY**ENERGIA LIMPA E ACESSÍVEL**

Todas as crianças devem ter acesso a energia segura e sustentável, que facilite suas vidas sem destruir o meio ambiente.

8 DECENT WORK AND ECONOMIC GROWTH**TRABALHO DECENTE E CRESCIMENTO ECONÔMICO**

Nenhuma criança deve ser submetida ao trabalho infantil ou tráfico humano. Isso inclui que crianças não devem ser usadas como soldados. Os pais devem ter boas condições de trabalho para que possam cuidar de seus filhos.

9 INDUSTRY, INNOVATION AND INFRASTRUCTURE**INDÚSTRIA, INOVAÇÃO E INFRAESTRUTURA**

Indústrias, estradas e outras coisas devem ser construídas de maneira que não as tornem perigosas ou prejudiciais às crianças. Todas as crianças devem ter acesso a tecnologias da informação e de comunicação que melhorem suas vidas.

10 REDUCED INEQUALITIES**REDUÇÃO DAS DESIGUALDADES**

Todas as crianças devem ter oportunidades iguais, independentemente, por exemplo, de origem, gênero, crença, identidade ou orientação sexual, deficiência ou porque foram forçadas a tornarem-se refugiadas.

11 SUSTAINABLE CITIES AND COMMUNITIES**CIDADES E COMUNIDADES SUSTENTÁVEIS**

Todas as crianças devem viver bem, perto de parques infantis e áreas verdes, com boa comunicação. As grandes cidades em crescimento devem ser construídas de forma ambientalmente segura, e a cultura e as tradições devem ser preservadas.

12 RESPONSIBLE CONSUMPTION AND PRODUCTION**CONSUMO E PRODUÇÃO RESPONSÁVEIS**

As crianças devem aprender sobre como viver de maneira mais sustentável e ecológica, por exemplo, por meio de consumo sustentável, reutilização e reciclagem.

13 CLIMATE ACTION**AÇÃO GLOBAL CONTRA AS MUDANÇAS CLIMÁTICAS**

As crianças devem aprender a combater as mudanças climáticas e poder exigir o mesmo dos adultos, por exemplo, dos tomadores de decisões.

14 LIFE BELOW WATER**VIDA NA ÁGUA**

As crianças devem receber conhecimento sobre como o descarte de lixo, a pesca excessiva e as emissões podem afetar o mar, os lagos, os rios e tudo que vive neles.

15 LIFE ON LAND**VIDA TERRESTRE**

As crianças devem receber conhecimento sobre como proteger florestas, solo, montanhas, animais e plantas, e porque não devemos desperdiçar os recursos naturais.

16 PEACE, JUSTICE AND STRONG INSTITUTIONS**PAZ, JUSTIÇA E INSTITUIÇÕES EFICAZES**

Nenhuma criança deve estar sujeita à violência, abuso ou exploração. Todas as crianças devem poder crescer em sociedades pacíficas, onde todos sejam tratados de maneira justa pelas autoridades, pela polícia e pela justiça.

17 PARTNERSHIPS FOR THE GOALS**PARCERIAS E MEIOS DE IMPLEMENTAÇÃO**

Os países precisam cooperar mais, apoiar e aprender uns com os outros, para criar um mundo melhor para todas as pessoas.



Cuidar do globo

Todas as pessoas precisam de comida e água, de um teto sobre suas cabeças e calor para sobreviver. Nós, humanos, compartilhamos os recursos da Terra, mas alguns usam muito mais do que outros.

Desde que o ser humano existe na Terra, muitos tentaram viver aqui sem destruir a natureza. De acordo com tradições antigas, os indígenas usavam os recursos da Terra cautelosamente. Eles pegavam apenas o necessário ao caçar, plantar e extrair madeira. Ainda há quem viva assim. Porém, ao mesmo tempo, o consumo e a produção em massa aumentaram demais, especialmente no mundo ocidental. O quanto um país ou uma pessoa afecta o planeta, é chamado, simplificadamente, de pegada ecológica.

Sua pegada

As pegadas ecológicas são as “pegadas” na natureza que as pessoas deixam na superfície da Terra com base na quantidade de recursos que usam. O tamanho da sua pegada está relacionado à área da Terra necessária para produzir o que você usa, como alimentos e aparelhos. A área

necessária para cuidar dos seus resíduos também é incluída no cálculo. Com base nas coisas e na quantidade de solo que usa, você pode calcular a sua pegada pessoal.

Redução da pegada

Se você vive de uma maneira que afecta o meio ambiente o mínimo possível, a sua pegada ecológica é reduzida. Por exemplo, você pode reciclar mais, economizar água e comprar menos aparelhos. Plantar sua própria comida ou comer coisas cultivadas na sua vizinhança geralmente é melhor para o meio ambiente do que comprar aquilo que cresce do outro lado do mundo e precisa ser transportado até uma loja perto de você.

Os ricos têm pegadas maiores

Países diferentes têm desafios diferentes. Em muitos países ricos, as emissões de dióxido de carbono representam mais da metade da pegada, principalmente por-

O plástico não desaparece

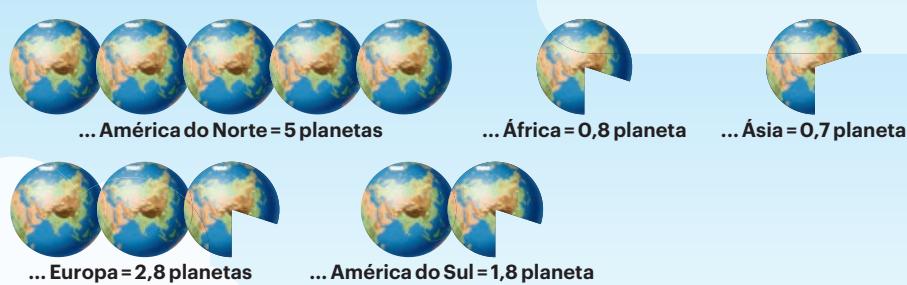
Sabia que uma baleia que encalhou na Europa tinha 30 sacolas plásticas no estômago! Pode levar milhares de anos para o lixo plástico se decompor, e isso é perigoso para seres humanos e animais. Até mesmo pedaços de plástico muito pequenos (microplástico) causam muitos danos. Os microplásticos são consumidos, por exemplo, pelo zooplâncton e mexilhões, que, por sua vez, são comidos por animais maiores. O plástico vai junto, e pode acabar no peixe que você come no jantar.

que eles compram comida e aparelhos em demasia. Mas também pode haver uma grande diferença entre pessoas diferentes no mesmo país. Uma criança na floresta tropical do Brasil quase não usa recursos. Enquanto isso, um rico proprietário de terras brasileiro pode ter um avião particular, vários carros, condicionador de ar e uma piscina, criando uma pegada gigantesca.

O que deve acontecer agora?

Os ricos devem reduzir sua produção e seu consumo. Muitas pessoas nos países pobres, pelo contrário, precisam aumentar as suas pegadas para ter uma vida digna, com eletricidade, aquecimento, alimentos e água potável. Todos precisam encontrar maneiras mais inteligentes de viver do que o estilo de vida que os ricos usam há muito tempo.

É importante economizar água e reciclar o plástico.





A Terra está esquentando

O calor é necessário para toda a vida na Terra. Mas agora muitos estão preocupados que a Terra esteja ficando quente demais. No ano passado, por exemplo, houve mais secas na Europa, calor extremo na Índia e tempestades mais fortes nos EUA e na África Ocidental. Isso é devido às mudanças climáticas.

Há muito tempo, os humanos usam combustíveis fósseis, como petróleo, carvão e gás natural para poder dirigir mais carros, operar fábricas maiores, voar mais longe e ter grandes fazendas para cultivar alimentos e criar gado. Em grandes partes do mundo, muitos recursos também são usados para tudo, desde aquecimento e computadores até cozinhar. Tudo isso leva a grandes emissões do gás dióxido de carbono.

O cobertor fica quente demais

O dióxido de carbono é uma parte natural da atmosfera terrestre, a qual é composta por vários gases. A atmosfera é como um cobertor quente ao redor do globo terrestre. Sem ela, a temperatura seria cerca de 30 graus mais fria do que agora! Porém, à medida que os humanos liberam cada vez mais gases de efeito estufa, como dióxido de carbono e metano, o cobertor se torna mais espesso, e a Terra transpira mais. O efeito estufa natural aumentou muito, e isso aumenta a temperatura no solo.

O clima está mudando

À medida que o planeta se aquece, o clima muda. O clima são as condições meteorol-

ógicas durante um longo período, como o quanto costuma esquentar e a quantidade de chuva que cai geralmente num lugar. Em um planeta mais quente, pode haver mais seca e menos chuva. Mas também pode haver mais chuva em alguns lugares, tempestades mais fortes e mais inundações. Tanto os animais quanto as pessoas podem achar mais difícil encontrar bons lugares para viver.

O que acontece agora?

É difícil dizer exatamente como o clima mudará em diferentes lugares do mundo. Contudo, é certo que haverá mudanças climáticas à medida que o planeta se aquecer. Isso pode tornar países inteiros inhabitáveis. Na pior das hipóteses, quase todo o planeta pode se tornar inhabitável! Mas não precisa ser assim!

Luta por mudança

Hoje, muitas pessoas trabalham juntas, incluindo crianças, jovens, pesquisadores e políticos, para deter as mudanças climáticas. Nem todos podem fazer tudo, mas todos podem fazer alguma coisa. Você também pode!

Floresta vital

Os grandes incêndios florestais liberaram muito dióxido de carbono na atmosfera. Não há perigo se a floresta voltar a crescer com novas árvores que possam capturar o dióxido de carbono e armazená-lo. Assim tem sido ao longo da história do planeta. Mas se as florestas são queimadas ou derrubadas sem que novas florestas cresçam, a quantidade de dióxido de carbono na atmosfera aumenta muito rapidamente. Grandes empresas florestais podem cortar grandes áreas, onde leva muito tempo para novas árvores crescerem. Tempo de que nós não dispomos.



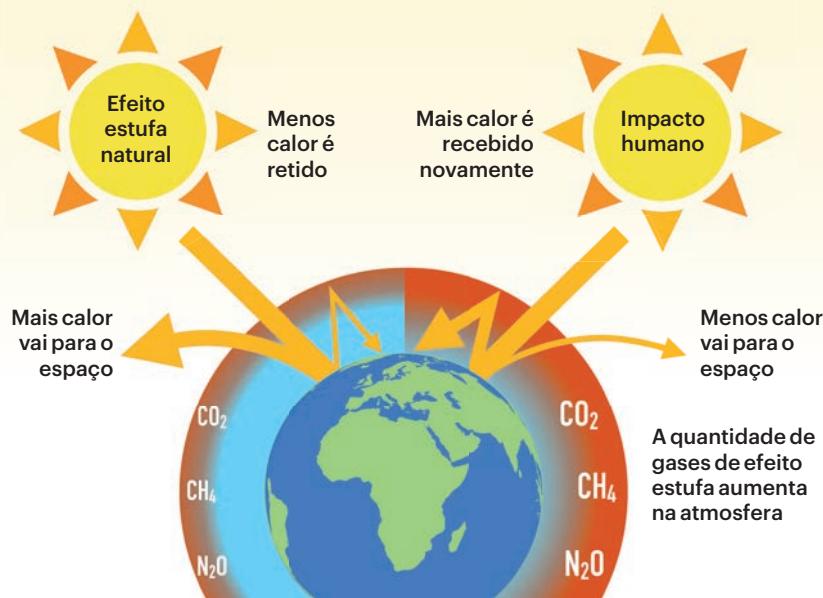
Combustível perigoso

Combustíveis fósseis são restos, principalmente, de material vegetal muito antigo que está armazenado no subsolo há centenas de milhões de anos. Quando fazemos combustão de carvão, petróleo ou gás natural, liberamos, em poucos anos, o dióxido de carbono capturado pela vegetação durante muitos milhões de anos!



O nível do mar está subindo

À medida que o planeta se aquece, o nível do mar sobe. Isso ocorre principalmente porque a água mais quente se expande e ocupa mais espaço, mas também porque os glaciares (geleiras da Terra) se derretem e essa água vai para os oceanos. Para as pessoas que vivem perto da costa ou em ilhas, pode ser difícil permanecer no mesmo lugar se o mar subir e inundar as suas casas e terras aráveis.



Efeito estufa

Quando os raios do sol atingem o chão, transformam-se em calor, que irradia da superfície do planeta. Na atmosfera, há gases de efeito estufa, como o dióxido de carbono (CO₂) e o metano (CH₄), que impedem que a irradiação de calor desapareça no espaço, e fazem com que o calor permaneça por mais tempo na atmosfera – caso contrário, a Terra seria fria demais para se viver. Agora, temos o problema oposto. A quantidade de gases de efeito estufa na atmosfera está aumentando de modo tão forte e rápido que o calor que permanece na Terra é mais do que os humanos, os animais e a natureza conseguem suportar.



Se não fizermos nada

Os pesquisadores concordam que é urgente fazer mudanças na maneira como as pessoas vivem e usam os recursos da Terra. Caso contrário, isso pode causar grandes problemas no mundo todo. Eis alguns exemplos do que está acontecendo, e como a situação dos direitos da criança está piorando:

Clima extremo

O calor e o clima extremo, bem como as secas, inundações e desastres naturais, afectam a todos na Terra. Mas as crianças nos países pobres e que já são quentes são as mais atingidas (veja as pp. 14-15, 52-56, 58-65 e 91-92.)

Guerras e conflitos

A desigualdade e a pobreza aumentam o risco de violência e guerra. Isso afecta particularmente crianças nos países mais pobres, principalmente as meninas.

Crise de refugiados

Muitas crianças precisam sair de casa quando as aldeias e cidades ficam inhabitáveis devido a tudo, do calor extremo às inundações. A escolaridade e a saúde das crianças são afectadas, e famílias podem ser separadas. As mudanças climáticas também podem causar conflitos por recursos, o que pode forçar muitos a fugir.

Doenças

Em um planeta mais quente, doenças como a malária e a dengue, bem como infecções transmitidas pela água, como o cólera e a diarreia, se espalham mais rapidamente e para mais áreas do mundo. Mais crianças adoecem e morrem prematuramente.

Fome

Se as mudanças climáticas não forem detidas, isso levará a colheitas piores, escassez de água e alimentos. Neste caso, o número de crianças famintas e desnutridas poderia aumentar em 20-25 milhões até o ano 2050.

Crise econômica

As crianças pobres ficam mais doentes e famintas e, às vezes, desabrigadas. A situação também piora para as crianças nos países de alta renda. Mais crianças precisarão trabalhar em vez de ir à escola, e a educação das meninas será a mais afectada.

Se fizermos algo agora



Há esperança! Se todos ajudarem, podemos reverter a tendência.

Em primeiro lugar, os políticos e as grandes empresas devem assumir a responsabilidade, mas todos podem contribuir, fazendo pequenas e grandes mudanças na maneira como vivem e como usam os recursos da Terra.

Mais seguras e sãs

Se as mudanças climáticas forem detidas e todos assumirem a responsabilidade, isso pode levar a uma maior igualdade entre todos e equidade de gênero. Isso reduz o risco de pessoas e países serem atraídos para conflitos violentos por causa de terra e recursos naturais.

Falar sobre isso

Muitas pessoas ficam preocupadas quando ouvem sobre as mudanças climáticas e um futuro sombrio. É bom levar a sério a crise climática, mas sentir esperança e bem-estar é igualmente importante. converse com amigos, saia para a natureza e aconselhem-se mutuamente sobre mudanças pequenas, mas positivas na vida cotidiana.

Água limpa e higiene

Ao economizar água e combater as mudanças climáticas, o acesso à água potável e a instalações de higiene pode aumentar. Neste caso, as crianças permanecem saudáveis, podem ir à escola, brincar e se desenvolver.

Todos são necessários

Você pode participar da luta pelo direito da sua geração e das gerações futuras a herdar um planeta onde as pessoas e o meio ambiente estejam bem. Os adultos e os tomadores de decisão devem fazer todo o possível para deter as mudanças climáticas.

Redução da fome

Colheitas melhores, que não são destruídas pelas secas, tempestades e inundações são boas para todos. As famílias podem se sustentar e viver bem, e as crianças podem comer até se fartar e sentirem-se bem.

Viver de forma sustentável

Todos devem tentar viver de maneira mais sustentável. Mas as emissões e o desperdício de recursos dos ricos durante muito tempo são os maiores responsáveis pela crise climática. Agora, eles precisam apoiar os países mais pobres, onde a maioria das pessoas já vive com poucos recursos.



O caminho para a democracia

Todo ano, crianças de todo o mundo organizam seus próprios dias de votação na eleição global democrática do programa do Prêmio das Crianças do Mundo, a Votação Mundial. O que você sabe sobre o desenvolvimento da democracia no mundo?

O que é democracia?

Em algumas questões, talvez você e seus amigos pensem parecido. Sobre outras coisas, vocês pensam de maneiras totalmente diferentes. Talvez possam ouvir uns aos outros e discutir até chegar a uma solução que todos consigam aceitar. Então, vocês concordam e atingem um consenso. Às vezes, simplesmente têm que concordar sobre o fato de que discordam. Neste caso, a maioria, aqueles que estão em maior número, decidem. Isso é democracia. Em uma democracia, todas as pessoas são iguais e têm os mesmos direitos. Todos devem ter uma chance de opinar e poder de influenciar a decisão. O oposto de democracia é ditadura. Neste caso, apenas uma ou algumas pessoas decidem tudo, e ninguém pode protestar. Em uma democracia, todos devem conseguir opinar e ter suas vozes ouvidas, mas todos também devem concordar em fazer concessões às vezes, e votar a fim de chegar a uma decisão.

Democracia Direta é quando todos podem votar sobre determinado assunto, por exemplo, sua Votação Mundial sobre quem deve receber o Prêmio das Crianças do Mundo. Ou quando um país realiza um referendo sobre certa questão. A maioria dos países democráticos é governada por democracia representativa. Neste caso, os cidadãos escolhem seus representantes, políticos que dirigirão o país de acordo com a vontade do povo.

Decisões conjuntas

Em todas as épocas, as pessoas sempre se reuniram para decidir juntas sobre as coisas, seja em um grupo ou uma aldeia. Poderia ser algo sobre a caça ou a agricultura. Alguns usam rituais para saber como o grupo deve discutir e tomar decisões conjuntas, como passar um objeto, por exemplo, uma pena, de mão em mão. A pessoa que segura a pena tem a palavra.



Nasce a palavra democracia

Em 508 a.C., a palavra democracia nasce, a partir das palavras gregas demos (povo) e kratein (governo). Todos os cidadãos da Grécia podem subir uma escada e dar sua opinião em coisas importantes. Se não conseguirem chegar a um acordo, as pessoas podem votar sobre o assunto pela contagem das mãos levantadas. Porém, apenas homens podem votar. Mulheres, pessoas escravizadas e estrangeiros não são considerados cidadãos e, portanto, não podem participar das decisões.

● 508 A.C.

● SÉCULO XVIII

● 1789

Governantes autocráticos

No século XVIII, a maioria dos países é governada por um líder soberano. Na Europa, governam reis e imperadores autocráticos que ignoram a vontade do povo. Porém, pensadores começam a se interessar por ideias reinventadas de que todos os seres humanos nascem livres e iguais em dignidade e direitos.

Eles perguntam: Por que alguns grupos devem ter mais poder e riqueza que outros? Alguns criticam a opressão dos líderes e argumentam que, se todos receberem mais conhecimento, eles descobrirão a injustiça da sociedade e protestarão contra ela.



O voto dos ricos

Em 1789, acontece uma revolução na França. O povo exige liberdade e igualdade. As ideias da revolução se difundem amplamente pela Europa e influenciam o desenvolvimento da sociedade. Mas, ainda assim, apenas os homens são considerados como cidadãos. Além disso, os homens muitas vezes só podem votar e participar na política se forem ricos e proprietários de casas e terras.

Mulheres exigem direito de voto

No final do século XIX, mais e mais mulheres exigem o direito de votar em eleições políticas. A Finlândia, em 1906, é o primeiro país europeu onde as mulheres conquistam o direito de votar. No Reino Unido e Suécia, isso demora até 1921. E, na maioria dos países da Europa, África e Ásia, demora até depois da Segunda Guerra Mundial, em 1945, ou mais, até que as mulheres obtenham o direito de voto.



Eleições livres

Em 1957, Gana, na África Ocidental, torna-se livre e independente do poder colonial do Reino Unido, e Kwame Nkrumah torna-se líder. A colonização da África, Ásia e América Latina havia começado centenas de anos antes. As grandes potências europeias enviaram militares e exploradores, que ocupavam as terras, roubavam os recursos naturais e escravizavam as pessoas.



1856

A primeira votação secreta

Em 1856, a primeira votação secreta com cédulas com os nomes dos candidatos impressos é realizada na Tasmânia, Austrália.



1906

1947

A maior democracia do mundo

Em 1947, a Índia liberta-se do Império Britânico e se torna a maior democracia do mundo. A luta pela liberdade é liderada por Mahatma Gandhi, que acredita em resistência não violenta. Quando milhões de pessoas saem e protestam pacificamente, a potência colonial britânica inicialmente responde com violência. Mas, eventualmente ela desiste.



1948

1955

Igualdade de direitos nos EUA

Em 1955, Rosa Parks, que é negra, se recusa a ceder seu assento no ônibus a um homem branco. Rosa é presa pela polícia, porque no Sul dos EUA os negros não têm direitos iguais aos dos brancos. Eles também não podem frequentar as mesmas escolas que as crianças brancas e, às vezes, não podem votar. O líder da luta pelos direitos civis, Martin Luther King, inicia um boicote à empresa de ônibus. Este é o início de um grande movimento de protestos nos EUA contra o racismo e por igualdade de direitos e de liberdades.



1957



A Convenção dos Direitos da Criança é adotada

A Assembleia Geral da ONU adota a Convenção sobre os Direitos da Criança, a Convenção da Criança. Ela declara, entre outras coisas, que toda criança tem o direito de expressar sua opinião e ser respeitada.



1989



1994



2010



2015



2023



Direito de voto para todos na África do Sul

Em 1994, Nelson Mandela torna-se o primeiro presidente eleito democraticamente na África do Sul. Ele ficou preso durante 27 anos por sua luta contra o sistema racista de apartheid na África do Sul, que separava as pessoas com base na cor de sua pele. Na eleição, pela primeira vez, todos os sul-africanos participam em igualdade de condições.

A Primavera Árabe

Em 2010, um jovem pobre na Tunísia tem seu carrinho de hortaliças confiscado pela polícia e autoimola-se em protesto. Quando a notícia de sua morte se espalha, centenas de milhares de pessoas insatisfeitas vão às ruas protestar contra o ditador do país. Pessoas em países vizinhos se inspiram e derrubam os ditadores do Egito e da Líbia. Hoje, as novas democracias ainda são muito frágeis. Em vários dos países onde a primavera árabe aconteceu, os protestos populares continuam.

A Votação Mundial democrática das crianças

O programa do Prêmio das Crianças do Mundo está sendo implementado pela vigésima vez. Até o momento, mais de 46 milhões de crianças participaram do programa anual. Ele ajuda você e seus amigos a contribuir para a construção de sociedades democráticas, onde os direitos da criança e os direitos humanos são respeitados. Organizem sua própria Votação Mundial quando souberem o suficiente sobre a democracia, os direitos da criança e os heróis dos direitos da criança. Seu voto é sua própria decisão. Ninguém mais pode decidir como você vota.



Mais rápido em direção às metas

Embora a democracia tenha sido implantada em um número de países maior que nunca, as pessoas sofrem com injustiça e opressão. Portanto, os líderes mundiais fizeram um acordo na ONU, em 2015, de lutar por 17 metas globais de desenvolvimento sustentável. As metas devem ser alcançadas até 2030 e contribuir para reduzir a pobreza, aumentar a igualdade e interromper as mudanças climáticas.



Heróis dos direitos da criança

2023

Este ano, milhões de crianças do mundo, pela 20^a vez na Votação Mundial, distribuirão seus prêmios aos heróis dos direitos da criança, que fizeram esforços fantásticos por crianças vulneráveis e pelos seus direitos. Até hoje, quase 46 milhões de crianças votaram no seu herói dos direitos da criança favorito.

O júri infantil do Prêmio das Crianças do Mundo seleciona três heróis dos direitos da criança entre os indicados de cada ano. Os três tornam-se candidatos finais ao Prêmio das Crianças do Mundo pelos Direitos da Criança. Não é possível receber este prêmio apenas pelos votos no próprio país do candidato. Se as crianças de todos os outros países juntas escolherem outro laureado com o Prêmio das Crianças do Mundo, esse herói dos direitos da criança receberá o prêmio.

Para poder fazer uma escolha informada e justa na Votação Mundial, é importante que você saiba o máximo sobre os três candidatos. Para isso, é preciso ler tudo sobre eles e as crianças por quem eles lutam nas páginas a seguir.

Os dois candidatos não escolhidos pelas crianças votantes recebem o Prêmio Honorário das Crianças do Mundo. Todos os três heróis dos direitos da criança recebem prêmios em dinheiro para seu trabalho em prol das crianças.



Candidato 1

Mohammed Rezwan
Bangladesh

Páginas 52–67



Candidato 2

Cindy Blackstock
Canadá

Páginas 68–83



Candidato 3

Thích Nu Minh Tú
Vietname

Páginas 84–97



Por que Rezwan é nomeado?

Mohammed Rezwan é nomeado pelos seus 25 anos de luta pelos direitos da criança, especialmente das meninas, de ir à escola, apesar das inundações e do aumento da pobreza como resultado das mudanças climáticas.

O DESAFIO

Em Bangladesh, todos os anos, milhares de escolas e estradas escolares são destruídas pelas inundações, agravadas pelas mudanças climáticas. Os estudos de milhões de crianças são interrompidos, e muitas delas nunca voltam à escola. Em vez disso, elas são forçadas a trabalhar, e as meninas geralmente têm que se casar.

O TRABALHO

Rezwan e sua organização, a Shidulai Swanirvar Sangstha (SSS) administram 26 escolas flutuantes nos rios. Os barcos-escola transportam as crianças de onde elas moram, para poderem ir à escola, mesmo que as estradas estejam debaixo d'água. A SSS também tem bibliotecas e clínicas de saúde flutuantes, assim como educação profissionalizante em barcos-escola para mulheres jovens. Toda aldeia com barco-escola tem uma associação dos direitos das moças, que luta pelos direitos das meninas e contra o casamento infantil.

RESULTADOS E VISÃO

Desde 1998, 22.000 crianças receberam educação através dos barcos-escola. 150.000 aldeões são atendidos anualmente pelas bibliotecas e clínicas de saúde flutuantes. 15.000 mulheres jovens recebem formação profissional para um futuro melhor. A taxa de casamento infantil diminui onde há barcos-escola. Rezwan quer abrir mais barcos-escola. Sua ideia de escolas flutuantes se espalhou por Bangladesh e por outros oito países.

Herói dos direitos da criança nomeado Mohammed Rezwan

52-67
→



– Sempre tivemos inundações aqui em Bangladesh, mas agora está muito pior. Milhares de escolas são destruídas em inundações todos os anos, afirma Mohammed Rezwan, que luta para que todas as crianças frequentem a escola no país atingido pelo desastre.

Bangladesh é um dos países mais afectados pelas mudanças climáticas. As crianças são as mais afectadas. Cerca de 20 milhões de crianças em Bangladesh sofrem as consequências do calor extremo, das secas, dos ciclones e das inundações.

As fortes chuvas vinham todos os anos durante a monção na aldeia de Shidulhai, durante a infância e juventude de Rezwan. Tudo transbordava. Campos, plantações, casas e estradas. As casas de barro, palha e bambu eram arrastadas pelas águas do rio, e as pessoas perdi-

tudo que possuíam. Muitas morriam. Escolas eram destruídas e fechadas. E, como as estradas ficavam submersas, era impossível chegar a pé ou de bicicleta às escolas que ainda estavam abertas. Muitas crianças foram completamente privadas da educação.

– Foi assim para muitos dos meus amigos, mas para mim foi um pouco diferente.

Como o pai de Rezwan trabalhava na capital, Dhaka, o resto da família vivia com os avós maternos na aldeia. O avô era professor do ensino médio e possuía sua própria terra com plantações. A casa



Rezwan contribui como agente de mudança para cumprir os direitos da criança e atingir as metas globais, como:

Meta 4: Boa educação. Meta 5: Igualdade de gênero.

Meta 7: Energia sustentável para todos. Meta 13: Combate às mudanças climáticas.



Segurança para as meninas

– Em Bangladesh, acontece que as meninas são abusadas por professores do sexo masculino, ou no caminho de ida e volta da escola. Isso significa que muitas famílias optam por não deixar suas filhas irem à escola. Fazemos de tudo para que as famílias se sintam seguras. Quase todas as professoras são mulheres queridas, e que moram na aldeia onde lecionam. Os barcos recolhem e desembarcam os estudantes onde eles moram, e são conduzidos por capitães que também vêm da aldeia, explica Rezwan.

Cada barco-escola recebe três turmas de 30 alunos por dia. As aulas são ministradas em sessões de três horas.

era robusta e construída de tijolos e telhado de zinco.

– Tínhamos também um barco, com o qual transportávamos nosso arroz e outras colheitas das plantações. Assim, quando as estradas estavam inundadas, eu podia ir à escola de barco. Tive sorte, mas mesmo assim não me sentia bem, porque muitos dos meus amigos não tinham a mesma oportunidade.

Injusto

A escola era muito importante para o avô de Rezwan, que o incentivou a estudar muito.

– Eu adorava a escola, obtinha boas notas e bolsas de

estudo, que me permitiram continuar até a universidade na capital, Dhaka, onde me formei como arquitecto.

Toda vez que Rezwan visitava Shidhulai, ele encontrava os amigos que foram obrigados a abandonar a escola por causa das inundações. Ele via a vida difícil que eles tinham. Não havia empregos nem assistência médica, e as escolas na região continuavam precárias. Tudo se resumia apenas a uma dura luta para sobreviver.

– Eu achava injusto, e queria ajudar de alguma forma. Como arquitecto, queria construir escolas, bibliotecas

e hospitais, e participar da criação de empregos nas aldeias, para que a vida lá fosse melhor, conta Rezwan.

Escolas flutuantes

Mas ele entendeu que, na verdade, não era uma boa ideia construir escolas comuns, porque elas seriam destruídas na próxima inundação, de qualquer maneira.

– Na pior das hipóteses, dois terços de Bangladesh ficavam debaixo d'água, então cheguei à conclusão de que as escolas devem poder flutuar, para não serem destruídas. E, se as escolas fossem construídas como barcos, a escola

Os 54 barcos de Rezwan

- 26 escolas
- 10 bibliotecas
- 6 escolas profissionalizantes
- 6 clínicas de saúde
- 4 barcos de transporte
- 2 parques infantis

Rezwan não está sozinho

A Organização Shidhulai Swanirvar Sangstha tem 213 empregados e 315 voluntários. Os barcos-escola contam com 78 professores e 58 capitães e barqueiros.





Honra familiar

– Se uma menina é submetida a abuso sexual, geralmente é ela quem leva a culpa. A honra da família fica arruinada, e a fofoca significa que ninguém quer se casar nem com a rapariga nem com suas irmãs. Uma das razões para o casamento infantil é que a família não quer arriscar sua honra. É uma situação terrível, diz Rezwan.

poderia chegar até as crianças quando elas não pudessem ir devido às estradas estarem submersas.

Usando um computador antigo e 500 dólares que haviam sobrado de uma bolsa escolar de Rezwan, em 1998 ele fundou a organização Shidhulai Swanirvar Sangstha (“Shidhulai Autossuficiência”), para realizar o sonho de suas escolas flutuantes.

Primeiro barco-escola

– Sentava-me à noite e procurava on-line por organizações, tanto em Bangladesh quanto no exterior, que pudessem me apoiar com dinheiro. Enviei centenas de correios eletrônicos! Ao mesmo tempo, voluntários e eu recolhíamos lixo reciclável nas aldeias, que vendíamos às fábricas para arrecadar dinheiro.

No final, a colecta de lixo e as noites no computador valeram a pena. O dinheiro começou a entrar. Rezwan contra-

tou alguns funcionários e, em 2002, conseguiu projectar e construir o primeiro barco-escola.

– Usamos materiais e construtores de barcos qualificados das aldeias. As pessoas ficaram orgulhosas!

Além de oferecer trabalho aos construtores de barcos e educação às crianças, Rezwan empregou professores e capitães da aldeia.

– Tornou-se a escola de todos, não só minha! disse Rezwan, rindo.

Direitos das meninas

Rezwan conseguiu angariar mais dinheiro e, assim, o número de barcos-escola e alunos aumentava a cada ano. E, para que o maior número possível de crianças pudesse ir à escola, a educação era totalmente gratuita, incluindo os livros escolares. Crianças que nunca haviam conseguido ir à escola antes, agora embarcavam numa das escolas de Rezwan quando esta chegava à sua aldeia.

– É direito de todas as crianças frequentar a escola. Mas, aqui, isso provavelmente significa mais para as meni-



Biblioteca flutuante com Internet

As dez bibliotecas flutuantes de Rezwan fazem três paradas por dia, e cada aldeia é visitada três vezes por semana. As bibliotecas também possuem computadores que funcionam com energia solar.

– Para ter um bom futuro, é preciso saber como os computadores funcionam, e aqui podemos ajudar nisso. Mais importante ainda, meninas e mulheres jovens aprendem sobre os computadores e a Internet. Se elas continuam seus estudos e adquirem novos conhecimentos, a idade para o casamento quase sempre aumenta, explica Rezwan.



Longa fila para o médico em uma das seis clínicas de saúde flutuantes da organização



nas. Uma em cada cinco meninas se casa antes de completar 15 anos. A melhor maneira de impedir o casamento infantil é garantir que as meninas possam ir à escola o maior tempo possível, explica Rezwan.

– Minha mãe se casou aos treze anos de idade. Ela me deu à luz quando tinha quinze anos. Ela sacrificou a própria infância, seus próprios direitos, para cuidar de mim e de meus irmãos. Portanto, a luta pela igualdade de direitos de meninas e meninos é pessoal para mim! Sempre passamos muito tempo explicando a todos nas aldeias que meninas e meninos têm os mesmos direitos, e que ambos devem ser respeitados e autorizados a ir à escola.

As 26 escolas de Rezwan

Hoje, vinte anos após a inauguração da primeira escola, 2.340 alunos em 26 barcos-escola navegam pelos rios do noroeste de Bangladesh. Além das escolas flutuantes, a organização de Rezwan tem bibliotecas e clínicas de saúde flutuantes que atendem 150.000 aldeões por ano.



Associações dos direitos das moças

Há associações dos direitos das moças em todas as aldeias onde os barcos-escola estão localizados.

– Nós nos apoiamos mutuamente, informamos as aldeias e tentamos impedir o casamento infantil e a gravidez precoce, diz Maria, 19, de lenço vermelho e azul, em missão junto com as amigas da associação.





Mais de 22.000 crianças receberam educação nas escolas flutuantes, e a ideia das escolas flutuantes de Rezwan se espalhou para outras organizações por toda Bangladesh. Mas também para a Índia, Paquistão, Vietname, Camboja, Filipinas, Indonésia, Nigéria e Zâmbia.

– Isso me deixa muito feliz! E, devido ao aquecimento global, haverá necessidade de mais escolas flutuantes no mundo, diz Rezwan.

Trabalho perigoso

Porém, nem todo mundo gosta do trabalho de Rezwan.

– Há quem não goste que as crianças pobres recebam uma boa educação, o que faz com que, quando adultas, come-

cem a exigir seus direitos. Não é mais possível usá-las como mão de obra barata e roubar seu dinheiro. Portanto, meus colegas de trabalho e eu temos muitos inimigos. Somos denunciados à polícia por motivos falsos, temos nossos escritórios e casas revistados. Eu mesmo já fui vítima de duas tentativas de homicídio, e raramente durmo mais de uma noite no mesmo lugar.

– Não tenho muitas posses nem muito dinheiro. Mas cada vez que vejo todas as crianças nos barcos-escola, aprendem coisas importantes, o que lhes permitem realizar seus sonhos e ter uma vida boa e sinto-me feliz e rico! ☺



O clima e os direitos da criança

– As mudanças climáticas levam à violação de muitos dos direitos da criança em Bangladesh. Esta é a minha lista de violações, diz Rezwan:

- As crianças não recebem educação, porque as escolas estão sendo destruídas e fechadas.
- As famílias das crianças ficam mais pobres; portanto, há menos comida, não há cuidados de saúde e o casamento infantil aumenta.
- As crianças são forçadas a fugir.
- As crianças perdem suas casas e famílias.
- As crianças ficam doentes.
- As crianças morrem.



Funciona o tempo todo

Rezwan está constantemente em contacto com suas escolas nos rios. Elas têm tudo que é necessário? Um número suficiente de professores? Capitães? Livros?

Bangladesh está desaparecendo

Bangladesh sempre teve inundações durante as estações chuvosas, mas as mudanças climáticas estão piorando muito a situação. O aquecimento faz com que as geleiras do Himalaia derretam e aumentem a quantidade de água nos rios que cruzam Bangladesh.

Quando chegam as chuvas de monção, os canais dos rios não são suficientes para toda a água, eles transbor-

dam e o chão desaparece. Ao mesmo tempo, o aquecimento global está causando o aumento do nível do mar, submergindo terras no litoral de Bangladesh.

As chuvas e inundações são mais intensas e irregulares, mais frequentes e duram mais tempo. Semear e colher torna-se algo difícil para as pessoas.

Embora Bangladesh contribua com menos de um

milésimo das emissões mundiais de gases de efeito estufa, é um dos países mais afectados pelo aquecimento global.

Os cientistas do Painel do Clima da ONU esperam que quase um quinto de Bangladesh seja completamente submerso já em 2050, e que 20 milhões de habitantes do país venham a se tornar refugiados do clima.

3 milhões de desabrigados

As inundações de 2022 em Bangladesh causaram o seguinte:

- As vidas de quase 11 milhões de pessoas foram afectadas.
- 145 morreram.
- 3 milhões de pessoas ficaram desabrigadas.
- 6.676 escolas foram destruídas.
- A educação de 1,5 milhão de crianças foi afectada.



Há 15 meninas com idades entre 13 e 19 anos na associação de Chobi. Ela e algumas outras continuam no barco-escola, outras começaram o ensino médio ou frequentam a escola profissionalizante de Rezwan. Através da associação dos direitos das moças, elas mantêm contato e podem continuar se apoiando mutuamente. Uma mulher adulta do barco-escola da aldeia conduz as reuniões. Existem associações de direitos das meninas em todas as aldeias onde os barcos-escola estão localizados.



© TEXTO: ANDREAS LÖNN - FOTOS: JOHAN BJERKE



Luta pelos direitos das meninas

– Minha irmã mais velha foi forçada a deixar a escola e se casar aos quinze anos, e já é mãe, então sei o quanto é importante lutar pelos direitos das meninas, diz Chobi, 13, membro da associação dos direitos das moças do barco-escola.

Provavelmente era para ser o igual comigo, mas minha mãe e meu pai mudaram de ideia depois que o barco-escola e a associação dos direitos das

moças começaram a informar sobre os problemas do casamento infantil. Mas lamento pela minha irmã, que não teve as mesmas oportunidades que eu. É para proteger outras

meninas de terem o mesmo azar que ela que participo da associação.

Nos reunimos cerca de três vezes por mês, e aprendemos sobre os direitos das meninas. E nós nos apoiamos e protegemos mutuamente. Ser parte do grupo nos faz sentir mais fortes juntas. Nós ousamos dizer o que pensamos. É muito importante, porque estamos a falar com as nossas famílias, vizinhos, crianças, jovens, idosos... todos nas aldeias vizinhas!

Mais pessoas começam a entender

Informamos que o casamento infantil é proibido e que todas as meninas devem poder frequentar a escola, exatamente como os meninos. Também contamos que uma menina não está pronta para ter um

filho cedo, porque ela própria é uma criança. Que existe um alto risco de que a mãe e a criança morram.

Na verdade, acho que nos ouvem, porque o casamento infantil não é mais tão comum aqui. Sou bem tratada na minha família, assim como a maioria das meninas desta região hoje em dia. Aqui, cada vez mais pessoas começam a entender que meninos e meninas têm os mesmos direitos.

No futuro, meu sonho é ter minha própria terra e poder cultivar nela. Eu também gostaria de ter algumas cabras e patos, e levar uma vida tranquila. Ficarei feliz se isso acontecer.”

Menina em Bangladesh

- Mais da metade das meninas, 38 milhões, se casaram antes dos 18 anos de idade, e uma em cada cinco, 13 milhões, antes dos 15.
- 5 em cada 10 meninas casadas deram à luz seu primeiro filho antes de completar 18 anos.
- Meninas casadas estão expostas a muita violência, inclusive violência sexual. No entanto, a maioria da população não considera o casamento infantil uma violência sexual contra meninas.
- Mais que o dobro de meninas abandonam a escola na 6^a e 7^a classes, quando comparadas aos meninos.
- É quatro vezes mais comum uma menina casada não ir à escola do que uma menina solteira.
- Cinco milhões de mulheres e meninas morreram como resultado de discriminação, como menos alimentos, cuidados de saúde e enfermagem do que meninos, além de abortos de fetos do sexo feminino.



O barco-escola salvou Rak

– Sem o barco-escola de Rezwan, minha vida seria completamente diferente. Eu teria tido que me casar e abandonar a escola para cuidar da casa. Meu futuro estaria arruinado, diz Rakhiya, 11, que está no quinto ano e sonha ser médica na aldeia.

Quase uma em cada cinco meninas em Bangladesh é forçada ao casamento infantil antes dos 15 anos, muitas delas, devido à pobreza exacerbada pelas mudanças climáticas. Rakhiya esteve perto de se somar a elas ...



“ Aconteceu no ano passado. Eu tinha saído do barco-escola e subi o rio até nossa casa. Quando estava prestes a entrar pela porta, ouvi minha mãe e meu pai falando sobre mim. Parei e escutei, tentando ser o mais silenciosa possível. A princípio, pensei ter ouvido errado. Aquilo não podia estar certo, podia? Eles falavam sobre um casamento. Meu casamento? Sim, eles disseram meu casamento. Meu coração batia rápido. Tudo estava girando. Não entendi nada. Meus pais estavam planejando me casar ...

No começo, eu não sabia o



Professora contra o casamento infantil!

A professora de Rakhiya, Rowsonapa, é um exemplo para muitas crianças do rio.

– Parece que posso contar tudo a ela, diz Rakhiya.

que fazer, mas acabei entrando em casa assim mesmo. Quando entrei pela porta, eles pararam de falar imediatamente. Eu fingi não ter ouvido nada, e eles fingiram que tudo estava normal. Não demonstrei nada, mas fiquei muito desapontada

com minha mãe e meu pai. E furiosa.

A professora me salvou

No barco-escola, aprendemos que o casamento infantil é proibido. Que é contra nossos direitos. Minha professora costuma falar sobre o facto de

hiya



A escola flutuante está chegando

São quase oito da manhã, e Rakhiya espera o barco-escola com alguns de seus colegas. O barco faz mais duas paradas para pegar o restante da turma antes do início das aulas.

– Na minha escola não temos uniforme, e acho isso bom, porque algumas famílias não podem pagar, diz Rakhiya.



Casada aos 13

– É incrivelmente bom que tenhamos pensado sobre o assunto e não casado Rakhyia. Eu mesma tinha 13 anos quando fui forçada a me casar. Concluí o quinto ano, mas, depois que me casei, nunca mais tive oportunidade de ir à escola. Desejo que minha filha tenha uma vida melhor e mais simples do que a minha, afirma a mãe de Rakhiya, Saleha.

que todas as crianças têm o direito de ir à escola, meninas e meninos. Mas agora tudo isso poderia acabar para mim. Não disse nada aos meus pais naquela noite, mas conversei com minha professora imediatamente ao chegar à escola na manhã seguinte. Ela ficou muito preocupada e me acompanhou à casa após as aulas, junto com alguns membros da associação dos direitos das moças do barco-escola, que ela havia pedido para nos acompanhar. Eles explicaram a minha mãe e meu pai que o casamento

infantil é errado e ilegal, e pediram que não me casassem. Disseram que eu deveria concluir os estudos, brincar e ser criança, não me casar.

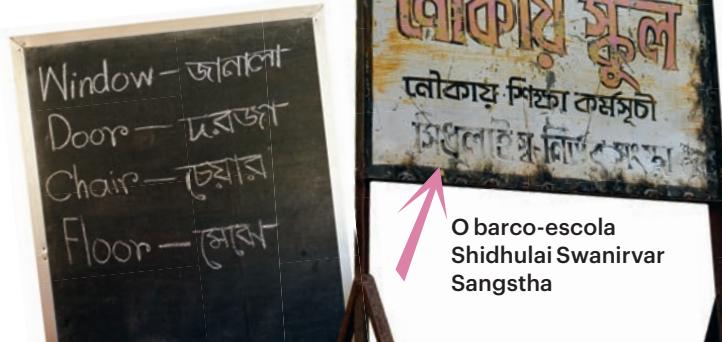
Eu estava preocupada e nervosa, mas a reunião terminou com meus pais prometendo não me casar. É difícil explicar o quanto me senti ali-

viada. Mas ainda tinha dificuldade em entender o que aconteceu. Tudo tinha ocorrido tão rápido! Eu não entendia como minha mãe e meu pai estavam preparados para fazer isso comigo.

O rio levou tudo

Há alguns anos, morávamos em uma pequena casa com

– Eu mesma faço meus padrões de henna. Gosto de desenhar e pintar, e também o faço nos meus cadernos!





RAKHIYA, 11

MORA: À beira do rio Gumani.

AMA: Honestidade.

DETESTA: Mentiras.

O MELHOR QUE JÁ ACONTECEU:

Que minha professora me salvou de ter que me casar.

O PIOR QUE JÁ ACONTECEU:

Que meus pais planejavam me casar.

QUER SER: Médica.

ADMIRA: Rezwan. Quero ser como ele!



Sol fornece luz para o dever de casa

– Todos os alunos do barco-escola recebem uma lâmpada solar, para que possamos fazer o dever de casa com boa iluminação. Também colocamos um painel solar no telhado, para carregar a lâmpada. Eu termino de estudar após a última chamada para oração da noite, por volta das 19h30. A chamada para a oração da mesquita é como meu relógio, diz Rakhiya.



→ paredes de juncos e bambu perto do rio. Era monção, então a chuva caía e a água do rio subia cada vez mais e se aproximava da casa. Já era tarde da noite, mas ninguém na família teve coragem de ir para a cama.

Inicialmente, um pouco de água entrou por baixo das paredes de juncos e perto da porta, mas, de repente, a água

jorrou por todas as frestas da casa. No final, atravessou as paredes. Eu e meus irmãos nos agarramos a nossa mãe e ao nosso pai o mais forte que pudemos, enquanto a água ficava cada vez mais funda. Após algum tempo, minha mãe teve que me levantar o mais alto que conseguiu, pois o nível da água havia subido muito dentro de casa.

Quando saímos pela porta, foi como entrar directo no rio. Gritamos ao entrar na água, e pensamos que íamos morrer. Porém, todos conseguimos alcançar a terra, de alguma forma. De lá, vimos as paredes e o telhado serem arrancados da nossa casa e jogados no rio. A casa inteira desapareceu.

Sem sua própria terra
Ficamos fora a noite toda. A chuva continuava caindo e havia água por toda parte. Não me lembro de muito mais depois disso. Não sei por que, mas minha mãe contou que eu só chorava e gritava. Eu revezava entre o colo da minha mãe e o do meu pai. Às vezes, adormecia de exaustão, mas depois acordava de novo

Flutuadores de banana

– Quando a água do rio sobe e as inundações estão chegando, minha mãe e meu pai constroem uma plataforma de bambu bem acima da água, e nos mudamos para ela. Cozinhamos e dormimos lá. A água abaixo da plataforma costuma ficar cheia de cobras. Também fazemos jangadas de bananeira para nos locomover. Aqui, é preciso saber nadar e saber cuidar de picadas de cobra, senão, não se sobrevive, diz Rakhiya.



ADISHAA/AFPT/TT

Conhecimento vital sobre cobras

– No barco-escola, aprendemos o que fazer se alguém for mordido por uma cobra ou outras serpentes. Primeiro, amarra-se um pano ou faixa bem acima da picada, para que o veneno não se espalhe mais pelo corpo. Depois, deve-se ir à clínica ou ao hospital o mais rápido possível. Picadas de cobra são mais comuns durante as cheias. Nestas ocasiões, as cobras entram nas casas e buscam proteção da água. Meu tio foi picado por uma cobra perigosa, mas felizmente ele sobreviveu, conta Rakhiya.





e gritava sem parar. Eu tinha longos pesadelos e acordava no meio da noite, chorando e chamando por meus pais.

Moramos com parentes até meu pai construir a casa onde moramos agora. Mas tivemos muitas dificuldades depois da inundação. Não temos terra, e perdemos o pouco que tínhamos quando a casa antiga desapareceu. As roças e plantações dos vizinhos, onde

minha mãe trabalhava, também foram destruídas. Então ela não podia trabalhar e ganhar dinheiro.

Minha mãe explicou que eles estavam pensando em me casar para ter uma pessoa a menos na família que precisava de comida e outras coisas que custam dinheiro. Eles achavam que era necessário, porque todos estavam sempre com fome. Ela disse que era

um pensamento muito doloroso. E que havia sido um erro. Agora sei que ela fica feliz quando pego o barco-escola todas as manhãs e, de alguma forma, perdoei meus pais.

Escola flutuante

Temos inundações anuais aqui durante a monção. Sempre foi assim, mas tudo piorou muito. Temos mais

Agora você está presa!

— Eu me divirto com minhas amigas. Nós nos encontramos todos os dias depois da escola, tomamos banho e brincamos, diz Rakhiya.

A clínica flutuante

— Embora meu sonho seja abrir meu próprio hospital quando crescer, também gostaria de trabalhar como médica na clínica flutuante, afirma Rakhiya.

Aqui, a estudante do barco-escola Sumaya, 11, e sua irmãzinha Choya, 4, têm suas amígdalas examinadas pelo médico Khalilur em uma das clínicas flutuantes de Rezwan. Há seis clínicas flutuantes que visitam pacientes nas aldeias ao longo dos rios onde estão localizados os barcos-escola, e esta clínica passa pela aldeia de Sumaya a cada duas semanas.





O irmão mais velho de Rakhiya pesca, mas hoje não a captura para Rakhiya cuidar não foi grande.

chuvas e secas severas. As inundações vêm em momentos estranhos e duram mais tempo. Eu mesma posso ver isso acontecendo, mas também aprendemos muito no barco-escola sobre o aquecimento global e as mudanças climáticas.

Muitas crianças são forçadas a abandonar a escola em Bangladesh, porque as esco-

las são destruídas pelas enchentes. E até os caminhos e estradas para as escolas são destruídos ou acabam debaixo d'água, então ninguém consegue chegar, de qualquer modo.

Mas isso nunca nos afecta. Nossa escola fica num barco que sempre flutua na água, não importa o quanto o rio suba. Podemos continuar a ir

à escola durante a monção, porque nos buscam em casa, na vila, de barco pela manhã, e nos levam de volta quando o dia escolar termina. Não importa se estradas e caminhos alagam. Como menina, também é muito mais seguro que nos busquem e levem assim. Podemos ter problemas se tivermos que andar muito até a escola, porque alguns meninos e homens não são gentis. Agora meus pais não precisam se preocupar se algo vai acontecer comigo, e podem me deixar ir à escola.

Quer ser médica

Ir à escola é importante. Como quero ser médica, tenho que aprender muitas coisas. Se eu não fosse à escola, nunca daria certo. Quero abrir um hospital muito bom aqui na aldeia, onde todos receberão ajuda. No meu hospital, nada será caro, mas totalmente gratuito. Minha professora do barco-escola me salvou e permitiu que meu sonho fosse realizable. Eu a amo por isso! ☺



Computador para o futuro

– Todos os dias temos conhecimentos de informática na escola. Aprendemos a escrever e desenhar no computador. Todos que querem estudar ou trabalhar no futuro devem saber essas coisas, diz Rakhiya.

O computador é alimentado por eletricidade de painéis solares no tecto do barco-escola. Até mesmo as luzes e ventiladores da sala de aula são operados assim.





Ajuda

– Ajudo minha mãe na cozinha e na limpeza. Sei cozinhar arroz, batatas fritas e omeletes saborosos! Não temos nossa própria terra, mas quando minha mãe trabalha na quinta dos outros e não está em casa, eu cozinho. Meu irmão mais velho, Bijoy, estuda no ensino médio, mas também ajuda na pesca. Eu amo peixe! Mas ele nem sempre consegue pescar algo. Neste caso, temos apenas arroz e legumes, conta Rakhiya.



A lista do clima de Rakhiya

– No barco-escola aprendemos muito sobre mudanças climáticas, diz Rakhiya, mostrando sua lista do clima:

O que acontece:

- Temperaturas mais elevadas.
- Secas.
- Geleiras e gelo derretendo.
- Mais chuva, em épocas estranhas e com maior duração.
- Mais enchentes, em épocas estranhas e com maior duração.

Motivos:

- Poluição gerada por carros, aviões e fábricas.
- Desmatamento.
- Não reciclarmos bem o lixo.

– Isso é tão ruim! Temos que começar a cuidar da Terra, se quisermos sobreviver, diz Rakhiya.

Rakhiya, sua mãe, Saleha, e seu irmão mais velho, Bijoy, do lado de fora da casa que a família construiu quando a antiga foi destruída por uma inundação. Seu pai, Abul, trabalha numa plantação de banana longe da aldeia, e o irmão mais velho, Rakibul, trabalha em uma fábrica têxtil na capital Dhaka.

Por hoje é só!

– Temos escola três horas por dia, e gosto muito de estar aqui. Na escola encontro, todos os meus amigos e adoro! Minha disciplina favorita é bangla.



A casa de Jibon desapareceu



A família de Jibon do lado de fora da nova casa que seu pai construiu, o pai Gulzar, irmão mais velho Jony, Jibon e a mãe, Ranjana.

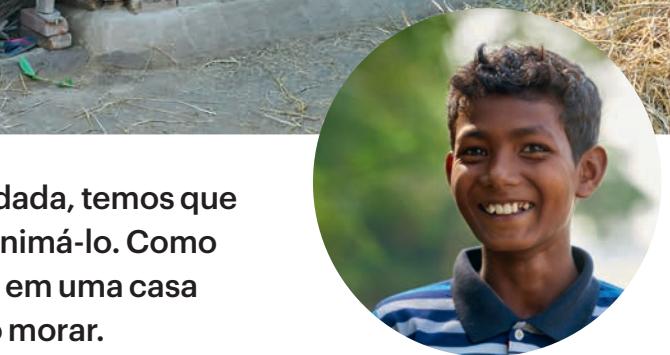
– Você tem que acordar! A casa inteira está inundada, temos que sair AGORA! gritou a mãe de Jibon, tentando reanimá-lo. Como muitos outros sem terras, a família de Jibon vivia em uma casa simples de taipa perto do rio, onde é mais barato morar.

Era tarde da noite e todos já tinham adormecido quando minha mãe nos acordou de repente. A água do rio havia invadido a casa. Quando me levantei, a água estava na minha cintura. Fiquei muito assustado. Principalmente por causa das cobras que estão por toda parte na água quando há uma

enchente. Uma picada pode ser fatal.

Entrou em pânico

Entrei em pânico e não conseguia parar de chorar, então minha mãe me pegou e saiu correndo. Quando chegamos ao topo de uma pequena colina, vimos como toda a casa acabou debaixo d'água e



Classe contra o casamento infantil

– Professores e alunos dos barcos-escola lutam contra o casamento infantil porque as meninas sofrem e são obrigadas a abandonar a escola. Isso é errado e injusto. Uma vez, conseguimos impedir o casamento de uma menina de apenas quatorze anos. Toda a turma de 30 alunos foi até a família da menina, junto com nossa professora, e explicou aos pais que o casamento infantil é errado. No final, eles decidiram cancelar o casamento, e foi óptimo! Nunca vou me casar com alguém com menos de dezoito anos, afirma Jibon.

Jibon alimenta as vacas que sobreviveram à inundação.





Ama críquete

– Eu jogo críquete com meus amigos todos os dias depois da escola. Torço por Bangladesh, claro, mas infelizmente nossa vizinha, a Índia, costuma se sair melhor nas partidas. E a sensação não é boa! Jibon diz, rindo.

foi arrastada pelo rio. Minha mãe e meu pai conseguiram levar algum dinheiro, mas a maior parte do pouco que tínhamos se perdeu. Duas de nossas vacas foram puxadas para baixo da água e se afogaram nas massas de água.

Somos sem-terra, o que significa que não temos nosso próprio pedaço de chão. E o pequeno pedaço de terra que alugamos para poder plantar capim para nossas vacas foi alagado e destruído. Mas ainda tivemos sorte, pois toda a família sobreviveu. Porque pensamos morreríamos naquela noite.

O barco-escola ajuda

Moramos alguns meses com meus avós maternos até meu pai terminar de construir a casa onde vivemos agora. Gosto da minha nova casa. Fica num lugar mais alto e mais distante do rio, então não me preocupo muito que isso volte a acontecer. Mas ainda tenho pesadelos e, às vezes,

acordo suando no meio da noite.

Tivemos que nos mudar três vezes em cinco anos, devido a inundações. Sempre que isso acontece, perdemos quase tudo que possuímos. Muitas vezes, passamos fome. A única coisa que comemos depois da última enchente foi arroz seco. Pedi à minha mãe um pouco de peixe para acompanhar o arroz, mas ela disse que não tínhamos dinheiro para isso. Não tínhamos nada.

Para nós, é ótimo poder ir para o barco-escola, pois perdemos muito nas enchentes.

Porque no barco-escola tudo é gratuito. O ensino, cadernos, lápis..., tudo! Agora estou no quinto ano e, no futuro, sonho ser engenheiro e construir grandes pontes e prédios.”

Jibon, 11



Segura no barco

Sabina adorava ir ao barco-escola quando era mais nova. Mas agora ela tem 17 anos e, como não há ensino médio nos barcos, ela vai para outra escola. Mas, por três semanas, ela está de volta ao rio em uma das escolas profissionalizantes flutuantes de Rezwan para mulheres.

“ Eu amo estar aqui. Encontro amigas e me divirto. Nupur, que é minha melhor amiga desde o ensino fundamental no barco-escola, também está fazendo este curso. Na verdade, fazemos tudo juntas! Isso nos torna mais corajosas e fortes, e nos dá a oportunidade de nos movermos com mais liberdade. Como ir à escola secundária, na cidade. Caso contrário, pode ser difícil para meninas fazerem isso em Bangladesh. Não é seguro para uma garota estar sozinha na cidade ou em outros lugares. Homens e meninos gritam coisas ruins para você, insultos. Você pode até ser sequestrada, raptada e submetida a abusos, como estupro.

tes no meu país. O casamento infantil deve ser impedido, por exemplo. Todos devem poder se casar por sua própria vontade. E meninas e mulheres devem poder circular livremente e ter direito à educação. Devemos poder expressar nossas opiniões na família, na aldeia e na sociedade, e nossas opiniões devem ser respeitadas. Acho que toda a sociedade ficaria melhor se os direitos das meninas fossem respeitados. O barco-escola e a escola profissionalizante flutuante são lugares seguros para meninas. É maravilhoso estar aqui! Toda a sociedade deveria ser como os barcos-escola. Neste caso, todas as meninas e mulheres estariam seguras e protegidas.” ☺

Deve ser livre arbítrio

Eu realmente gostaria que muitas coisas fossem diferen-



As melhores amigas Sabina (à direita) e Nupur.

Independente

– Estou fazendo este curso para aprender a costurar, pois quero ser costureira e, futuramente, ter minha própria boutique. Quando aprender uma profissão, poderei cuidar de mim mesma, ganhar meu próprio dinheiro e ser independente. Meus pais não podem me dar dinheiro para sempre!



Sonhos no barco-escola de Rezwan



MONIRA, 12

O QUE FAZ BEM: Costurar e bordar.
DISCIPLINA FAVORITA NA ESCOLA: BGS (Estudos de Bangladesh e Globais), porque gosto de aprender sobre o mundo.
SONHO PARA O FUTURO: Ser médica.



SAMAD, 12

O QUE FAZ BEM: Pescar.
DISCIPLINA FAVORITA NA ESCOLA: Bangla e ouvir histórias como a do Elefante e da Raposa.
SONHO PARA O FUTURO: Ser policial.



OMOR, 10

O QUE FAZ BEM: Jogar futebol! Messi é meu ídolo.
DISCIPLINA FAVORITA NA ESCOLA: BGS (Estudos de Bangladesh e Globais), porque olhamos para os mapas e aprendemos sobre o mundo.
SONHO PARA O FUTURO: Ser engenheiro e construir estradas aqui na aldeia.



SIGMA, 13

O QUE FAZ BEM: Vários jogos e brincadeiras.
DISCIPLINA FAVORITA NA ESCOLA: Ciências Naturais, em que aprendo sobre animais, plantas e o meio ambiente.
SONHO PARA O FUTURO: Ser médico e ajudar os pobres.



JIM, 10

O QUE FAZ BEM: Estudar e brincar.
DISCIPLINA FAVORITA NA ESCOLA: Ciências Naturais, em que aprendo sobre a poluição da água e do ar.
SONHO PARA O FUTURO: Ser professora.



RASEL, 11

O QUE FAZ BEM: Jogar futebol. Argentina é meu time favorito!
DISCIPLINA FAVORITA NA ESCOLA: Ciências Naturais.
SONHO PARA O FUTURO: Ser dono de uma grande fábrica de roupas.



SHIMLA, 15

O QUE FAZ BEM: Cozinhar, especialmente peixe.
DISCIPLINA FAVORITA NA ESCOLA: Bangla.
SONHO PARA O FUTURO: Ser médica.



RATUL, 12

O QUE FAZ BEM: Estudar e fazer meu trabalho de casa.
DISCIPLINA FAVORITA NA ESCOLA: BGS (Estudos de Bangladesh e Globais), em que aprendo sobre mudanças climáticas.
SONHO PARA O FUTURO: Ser policial.



RIMA, 11

O QUE FAZ BEM: Frequentar a melhor escola do mundo!
DISCIPLINA FAVORITA NA ESCOLA: Bangla.
SONHO PARA O FUTURO: Ser médico e oferecer tratamento gratuito a todos na aldeia.



KEYA, 13

O QUE FAZ BEM: Dançar.
DISCIPLINA FAVORITA NA ESCOLA: Ciências Naturais, porque aprendemos muito sobre questões ambientais.
SONHO PARA O FUTURO: Ser como a nossa professora, ela é muito boa e eu gosto muito dela!



Por que Cindy é nomeada?

Cindy Blackstock é nomeada por sua luta de 30 anos pela igualdade de direitos das crianças indígenas a uma boa educação e saúde, a estarem com suas famílias e sentirem orgulho de seu idioma e cultura.

O DESAFIO

Centenas de milhares de crianças indígenas no Canadá são tratadas pior do que outras crianças por causa de sua origem. Os indígenas viviam aqui dezenas de milhares de anos antes da chegada dos colonizadores europeus. Por mais de 100 anos, as crianças foram retiradas de suas famílias para escolas onde seriam obrigadas a esquecer seu idioma e cultura. Muitas adoeceram, e milhares de crianças morreram. Ainda hoje, as famílias indígenas estão divididas e as crianças são mais pobres, e têm escolas piores e saúde pior.

O TRABALHO

Cindy trabalha incansavelmente combatendo a discriminação contra crianças indígenas, dissemina conhecimento e move ações judiciais. Crianças indígenas e outras crianças canadenses escrevem cartas ao governo e fazem manifestações pelos direitos da criança. Cindy sofre represálias do governo, mas não desiste.

RESULTADOS E VISÃO

Cindy contribuiu para garantir que 165.000 crianças indígenas possam ter escolas melhores e outras coisas necessárias para uma infância segura. Outras crianças indígenas também tiveram seus direitos fortalecidos. O governo se desculpou e também deve dar às crianças indígenas tudo que elas precisam para se sentirem bem. Junto com anciãos, líderes e jovens, Cindy e sua organização continuam lutando pelos direitos da criança.

Heroína dos direitos da criança nomeada Cindy Blackstock

68-83
→



Em maio de 2021, 215 túmulos de crianças sem identificação são encontrados no pátio de uma escola fechada no Canadá. Depois, milhares de túmulos são descobertos noutras escolas. Muitos políticos afirmam estar chocados! Porém, Cindy Blackstock não está surpresa. Após quase 30 anos lutando pela igualdade de direitos das crianças indígenas, ela sabe que a injustiça e a violência as afigem há gerações.

Cindy cresceu no interior, no norte do Canadá, onde os campos são cheios de mirtilos silvestres, e seu pai era guarda florestal. Muitas crianças da sua idade foram enviadas a internatos para crianças indígenas, mas ela pôde frequentar uma escola regular, na cidade mais próxima. Cindy era a única criança indígena ali.

Cindy pertence aos Gitxsan, um dos mais de 50 povos com idiomas próprios que fazem parte das *First Nations* (as Primeiras Nações), um dos três povos originários reconhecidos do Canadá.

Quando Cindy perguntou por que não havia mais crianças como ela na escola, foi informada de que os “índios” como chamavam seu povo, não se importavam com a educa-

ção. Que eles eram preguiçosos e se tornariam alcoólatras quando adultos, de qualquer modo. O mesmo provavelmente ocorria com Cindy, eles diziam, muitas vezes usando palavras feias e racistas para deixá-la triste.

Cavando sepulturas
Quando cresceu, Cindy descobriu o que acontecia com



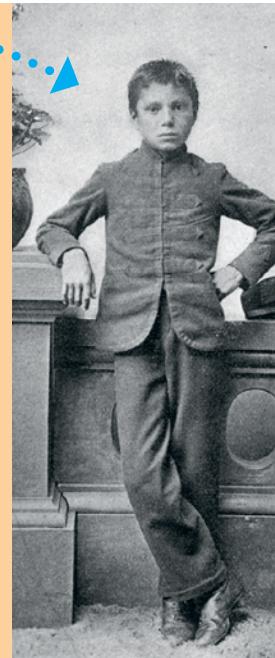
Cindy contribui como agente de mudança para cumprir os direitos da criança e atingir as metas globais, como:
Meta 3: Boa saúde, Meta 4: Boa educação. Meta 5: Igualdade de gênero. Meta 6: Água limpa, Meta 10: Igualdade.



As crianças eram refeitas

Thomas Moore Keesick tinha oito anos quando foi tirado de seus pais e colocado na Escola Industrial de Regina para indígenas. Os professores o chamavam de Número 22, pois ele era o 22º aluno matriculado na escola. Thomas era uma criança das Primeiras Nações, e fotos dele eram tiradas a cada poucos anos pelo “Departamento de Assuntos Indígenas” do governo, para fazer propaganda dos internatos. Eles queriam mostrar que podiam “refazer” as crianças indígenas para que se parecessem com crianças de origem europeia. À esquerda, Thomas está com tranças, roupas e joias tradicionais. O fotógrafo colocou uma arma na sua mão para fazer Thomas parecer selvagem e perigoso. À direita, ele está com o cabelo molhado e penteado, e uniforme escolar.

Após alguns anos, Thomas contraiu tuberculose, uma doença pulmonar perigosa que infectou dezenas de milhares de crianças nos internatos. Com apenas doze anos de idade, ele foi mandado à casa, para morrer.



as crianças indígenas nos horíveis internatos administrados por igrejas e pelo governo canadense durante mais de cem anos. Aqui, as crianças viveriam longe da “má influência” de seus pais, e seriam levadas a esquecer seu idioma e sua cultura.

— Coisas terríveis aconteceram com as crianças lá. Muitas nunca voltaram para casa. Algumas crianças tinham que ajudar a cavar as covas de amigos que morreram, diz Cindy. Diziam que tudo que você defendia e tudo que seus pais defendiam estava errado. Se você levasse algo especial de casa, aquilo era tirado de você. Se falasse seu idioma, você seria punido. Uma escola tinha até uma cadeira elétrica caseira, para torturar as crian-

ças. Eles queriam mudar você, fazê-lo se tornar outra pessoa.

Violência e lavagem cerebral

David Decontie tem a idade de Cindy, mas nunca frequentou uma escola regular, pois foi levado para o internato de St. Mary quando tinha apenas quatro anos de idade. Depois de três anos lá, ele foi transferido para a escola Pointe-Bleue.

— Três padres vestidos de preto me receberam na escada, mas não entendi o que eles disseram, porque falavam francês. Deram-nos dois meses para aprender francês, caso contrário, espancavam-nos e lavavam-nos a boca com sabão. Também fui abusado sexualmente. Eu não sei quem o fez, porque eu estava preso contra o chão, mas era um homem

grande. Uma vez, uma freira me disse para parar de chorar, porque “homens não choram”. Aquilo ficou comigo por muito tempo. Eu só chorei uma vez, quando meu pai morreu. Eles faziam lavagem cerebral conosco, e mostravam filmes sobre “índios e vaqueiros” onde os índios sempre eram os bandidos. Lembro-me de um dia em que brinquei de atirar em índios.

Perderam tudo

— Quando voltei para casa, depois de quase dez anos, eu era um estranho em minha própria família. Eu havia perdido meu idioma e minha cul-

tura, e não pertencia a lugar nenhum. Comecei a beber e tentei me matar dez vezes.

David luta todos os dias para superar suas experiências, e parou de beber.

— Quando meu filho nasceu, eu o segurei em meus braços e disse: “Eu nunca vou te deixar, você vai crescer aqui, com seu povo”. Eu não sabia nada sobre ser pai, tive que aprender tudo com minha esposa. Gosto de estar com meus filhos e netos. Aprendemos sobre nossas tradições e nosso idioma juntos.

David foi um dos 6.750 sobreviventes que testemunharam sobre o que lhes aconteceu nos internatos diante da

Povos Indígenas do Canadá

Os povos indígenas da área hoje conhecida como Canadá viviam lá dezenas de anos antes dos colonizadores, principalmente da Grã-Bretanha e da França, chegarem. Existem três povos indígenas reconhecidos no Canadá. Um deles é chamado com o nome coletivo de *First Nations* (as primeiras nações). Há mais de 50 povos pertencentes às Primeiras Nações, que têm ainda mais idiomas, culturas e tradições diferentes. Outro dos povos indígenas é o Inuit, que originalmente vivia no Ártico. O terceiro povo indígena reconhecido são os Métis, que têm origens mistas de indígenas e europeus.



David tinha a idade dessas crianças, Kenneth e Gwenneth, quando foi levado de seus pais para um internato.





Em 2021, 215 sepulturas de crianças não marcadas foram encontradas no pátio da Kamloops Indian School. Pais e outras pessoas viajaram até lá para lamentar e colocar 215 pares de sapatinhos em memória das crianças.

→ Comissão da Verdade e Reconciliação – um grupo que trabalhou por oito anos para descobrir a verdade. Muitos choravam e tinham que fazer pausas, porque era muito difícil reviver todas as coisas difíceis. Mas eles contaram suas experiências mesmo assim, para que nada disso acontecesse com crianças no futuro.

Uma sobrevivente, Cathrine, tinha oito anos quando a polícia a buscou em casa.

– Minha mãe chorou e meu pai sumiu. Nós, crianças, fomos colocadas em um carro



Cindy defende as crianças!



Uma pedra de cura pintada homenageia as crianças enterradas.

e levadas embora. No caminho, eles pegaram mais crianças. Ninguém tinha bagagem, apenas as roupas do corpo. Muitas crianças choravam, porque queriam os seus pais... Fomos recebidas por freiras, que nos alinharam em duas filas, no escuro. Todos choravam... Elas cortaram nosso cabelo e despiram-nos... espancaram-nos e mandaram-nos calar a boca e parar de gritar. Elas trataram-nos como animais.

A verdade surgiu

A comissão queria lembrar às pessoas o que foi feito contra os povos indígenas, mas também dizer a eles que todos podem participar na criação de um futuro melhor. O relatório falava de abusos horríveis, que os internatos recebiam muito menos dinheiro do governo do que outras escolas no Canadá e careciam de tudo, desde pessoal treinado até comida e livros. O tempo de aula era curto, porque as crianças tinham que trabalhar como servas e na roça. Nas salas de

aula e dormitórios superlotados, doenças perigosas se espalham rapidamente, especialmente durante os invernos gelados. Nalguns anos, um quarto dos alunos morreram!

Depois que a verdade é revelada, a reconciliação é o próximo passo. Reconciliação significa perdoar, mas não esquecer, tentando se dar bem e tratar a todos com justiça. Isso pode levar muito tempo.

Encontra sobreviventes

Cindy se formou como assistente social e começou a trabalhar com famílias que estavam passando por momentos difíceis. Muitas mães e pais sentiam-se mal pelo que aconteceria consigo, e também com seus próprios pais nos internatos. Como Davi, eles não sabiam cuidar dos próprios filhos. Mas, em vez de ajudar as famí-

lias a permanecerem juntas, o governo continuava tomando a custódia das crianças. Quando o último internato fechou, no final da década de 1990, as crianças foram colocadas em casas de família ou adotadas. Frequentemente, sua situação era pior no lugar para onde iam. Algumas crianças ficavam tão tristes que não queriam mais viver. Cindy se cansou. Ela quer mudar todo o país do Canadá.

– Quando vê uma injustiça, você precisa descobrir como e por que as coisas se tornaram injustas, e fazer o possível para corrigi-las, diz Cindy. Outros que já estão trabalhando pela mudança lhe darão ideias sobre como você pode fazer a sua parte. Foi assim que eu comecei. Eu vi que as crianças indígenas são boas como são. Que elas merecem boas esco-



Jordan River Andersson morreu no hospital, e não na casa da sua família, só porque ele era uma criança da Primeira Nação. A sua família pertencia ao povo da Nação House Cree da Noruega.



No Dia dos Namorados, 14 de fevereiro de 2012, centenas de crianças se manifestaram em frente ao Parlamento do Canadá para ler cartas a políticos, e fincaram corações no chão com mensagens de justiça.

las, saúde e água potável. Elas merecem ajuda para suas famílias, para que possam lidar com o pesar e tudo que dói.

Desafia o governo

Cindy co-fundou a organização First Nations Caring Society, que espalha conhecimento e trabalha pelos direitos da criança. Ela também estudou Direito e os direitos da criança, concluindo em 2007! A organização de Cindy e um grupo de indígenas apresentam uma queixa contra o governo no Tribunal Canadense de Direitos Humanos, uma espécie de tribunal superior, exigindo que acabem com a discriminação contra crianças indígenas.

Uma das crianças que inspirou Cindy é um garotinho chamado Jordan River Anderson – uma criança das Primeiras Nações que nasceu com uma doença grave. Jordan teve que ficar no hospital até os dois anos de idade. Então, os médicos disseram que ele podia ir morar na casa de sua família, desde que tivesse remédios e

equipe médica para garantir que ele ficasse bem. Porém, cuidar de Jordan custava muito dinheiro. Foi assim que os problemas começaram, explica Cindy.

Disputa por dinheiro

No Canadá, o cuidado das crianças geralmente é pago pela administração da região onde vivem. Mas o cuidado das crianças das Primeiras Nações deve ser custeado pelo governo. Quando Jordan estava prestes a se mudar para casa, houve uma briga entre as autoridades de Manitoba, onde morava sua família, e o governo canadense. Eles não chegaram a um acordo sobre quem deveria custear os cuidados de Jordan. Demorou tanto, que Jordan ficou doente de novo. Ele nunca teve permissão para voltar a casa de sua família, e morreu aos cinco anos de idade, no hospital.

Muitos ficaram constrangidos, e uma regra foi criada em memória de Jordan. O “princípio de Jordan” garantiria que o que aconteceu com ele não vol-

tasse a ocorrer. No entanto, mais crianças indígenas doentes logo foram afetadas. Cindy queria que o tribunal de direitos humanos dissesse ao governo para seguir a lei e dar a todas as crianças os cuidados de que precisam.

O governo canadense não quer, absolutamente, que o tribunal aceite o caso. Eles enviam seus advogados ao tribunal para protestar e argumentar. Deste modo, a audiência é adiada por anos. Cindy está frequentemente no tribunal, mas também viaja pelo Canadá pedindo apoio. Milhares de crianças começam a escrever cartas ao primeiro-ministro e a protestar por justiça. Algumas vão ao tribunal, cantam e apoiam Cindy e os demais.

As crianças vencem!

Leva nove anos até que o tribunal de direitos humanos tome

Spirit Bear acompanha Cindy em todos os lugares. Os juízes e advogados do tribunal não estão acostumados a encontrar bichos de pelúcia.

sua decisão, em 2014. Então, todos comemoram, porque as crianças venceram! O tribunal diz que o governo discriminou as crianças indígenas e deve começar a seguir a lei.

– As crianças podem fazer uma grande diferença quando cooperam pela causa certa, diz Cindy.

Ainda hoje, muitas crianças indígenas carecem de tudo, desde água potável até boas escolas. Cindy continua movendo processos legais, inclusive para todos aqueles que perderam a infância nos internatos para receber compensação financeira e apoio. Cindy não vai desistir até que cada criança conte! ☺





Kent Monkman (First Nations, Canada). The Scream, 2017. Denver Art Museum. Native Art Acquisition funds and funds from Loren G. Lipson, M.D., © Kent Monkman Photography

A pintura
O Grito, do artista
indígena Kent Monkman,
mostra como as crianças
indígenas são levadas aos
internatos pela polícia,
padres e freiras.

A vida nos internatos

Fim da vida familiar

O governo do Canadá acreditava que as crianças indígenas deviam ser tiradas de suas mães e pais antes de “aprenderem a ser selvagens como os pais”. Após um tempo, não havia mais nenhuma criança onde os indígenas viviam, que eles pudessem abraçar e cuidar.



Do amor para a solidão.



Enviadas para a morte

Já em 1907, jornais no Canadá escreveram que as crianças “morriam como moscas” nos internatos. Elas morriam de tudo, desde doenças pulmonares até desnutrição e acidentes no local de trabalho e incêndios. Muitas pessoas sabiam o que estava acontecendo, mas quase ninguém, nem políticos nem pessoas comuns, fez algo para impedir.

“A comida muitas vezes estava podre e cheia de larvas”.

Andrew Paul

“Quando criança, aprendi a desligar minhas emoções para evitar sentir qualquer coisa.”

Alex



Muitos dos professores eram padres, monges e freiras, que cristianizavam as crianças e as faziam esquecer sua fé tradicional. Nos últimos anos, o Papa, a Igreja Católica em geral e muitos outros líderes religiosos pediram desculpas por todo o mal que causaram. Nem todos aceitaram as desculpas



Chanie Wenjack



Muitas crianças foram forçadas a trabalhar duro, pois as escolas não tinham dinheiro.

“Não havia nada ali que me fizesse feliz ou sentir que aquilo era um lar.”

Clara Quisess

Tentou fugir

Chanie Wenjack tinha doze anos quando fugiu de seu internato com dois amigos, em 1966. Alguns diziam que Chanie queria encontrar seu pai. Que ele se sentia sozinho. Acredita-se que a irmã de Chanie tenha fugido após ser agredida sexualmente.

Era comum as crianças fugirem dos difíceis internatos. Fugir era perigoso. Os capturados eram severamente punidos. Aqueles que conseguiam escapar, muitas vezes se feriam em acidentes ou sofriam queimaduras de frio, o que cau-

sava a perda dos dedos das mãos e dos pés. Muitos morriam.

Chanie e seus amigos caminharam durante oito horas no primeiro dia. Eles dormiram na cabana da floresta do tio de um dos seus amigos. No dia seguinte, eles continuariam em direções diferentes. O tio aconselhou Chanie a seguir os trilhos do trem e pedir comida aos trabalhadores ferroviários ao longo do caminho.

Após algum tempo, a temperatura caiu ainda mais, e começou a nevar. Chanie congelava numa jaqueta de tecido fino e não tinha comida, apenas

alguns fósforos em uma jarra de vidro. Ele sobreviveu por 36 horas. Quando o corpo de Chanie foi encontrado, próximo aos trilhos do trem, isso atraiu muita atenção no Canadá. Pela primeira vez, os políticos foram obrigados a fazer uma investigação adequada sobre a forma como os internatos tratam as crianças indígenas.

O médico protestou

Peter Henderson Bryce era um médico que, em 1907, foi enviado pelo governo para inspecionar os famigerados internatos para crianças indígenas. Ele ficou chocado, e escreveu um relatório sobre os edifícios superlotados que causavam doenças mortais, as quais se espalhavam na velocidade da luz entre as crianças magras e esgotadas. O médico também fez uma lista de tudo que devia ser feito para salvar vidas. Mas o governo não quis ouvir. Em vez disso, deu ainda menos dinheiro às escolas. O médico foi proibi-

do de falar sobre o que viu e, mais tarde, foi forçado a deixar o emprego. Então, o médico escreveu um livro, “Um crime contra a nação”, no qual provava que a morte das crianças era culpa do governo e das igrejas. No entanto, por várias décadas, o governo continuou a enviar crianças para as escolas insalubres. Hoje, Peter Henderson Bryce é visto como um herói. Ele defendeu os direitos da criança quando quase ninguém mais queria ou ousava fazê-lo.



Peter Hederson Bryce é um exemplo importante para Cindy. Ela costuma visitar seu memorial e túmulo. Na caixa de correio laranja, as crianças podem deixar recados e desenhos para o médico

Tentativa de extinção

Depois que o país Canadá foi criado, em 1867, o governo estabeleceu uma “Lei Indígena” e um “Departamento Indígena” para controlar os povos originários. A partir de 1920, as escolas eram obrigatórias para crianças indígenas com idades entre 5 e 15 anos, e muitas comunidades indígenas ficaram quase completamente sem crianças. Por mais de 100 anos, 150.000 crianças foram enviadas a internatos administrados por igrejas, em nome do governo. Aqui, as crianças deviam aprender “o jeito de ser e pensar do homem branco”. As crianças recebiam nomes ingleses ou franceses. Elas não tinham permissão para falar seu próprio idioma ou ter orgulho de sua cultura. Como os internatos recebiam muito menos dinheiro do que outras escolas no Canadá, havia escassez de tudo, desde comida até remédios e livros escolares. Muitas crianças adoeциam e morriam. Deste modo, o Canadá tentava acabar com a cultura indígena, ou erradicá-la. Porém, apesar de toda a mágoa e tristeza que causaram, eles não tiveram sucesso. Os povos indígenas permanecem e lutam por seus direitos e por um futuro melhor.

O sonho de Shannen se re

Shannen sonhava com uma escola de verdade em sua pequena cidade de Attawapiskat, no norte do Canadá. Em vez disso, ela tinha salas de aula em barracas geladas sobre rodas, em solo tóxico. Shannen disse ao ministro responsável o que ele deveria fazer e tornou-se líder da *Estudantes ajudam estudantes*, a maior campanha já liderada por crianças no Canadá.

Para chegar a Attawapiskat, que significa “o povo entre as rochas” no idioma cree, de Shannen, é preciso ir o mais ao norte possível e depois pegar um pequeno avião. Quase não há estradas aqui, excepto no inverno, quando lagos e rios congelam e carros e machimbombos podem circular no gelo.

Shannen Koostachin era uma criança do povo Cree da Primeira Nação. Quando ela olhava para o céu noturno e via as estrelas, era exactamente como seus ancestrais fizeram por milhares de anos.

Isso a deixava feliz, mas ela também estava triste por não poder frequentar uma boa escola.

Os anciãos transmitiam, há milhares de anos, o conhecimento de seus ancestrais, pessoas e animais que viveram antes deles. Porém, para conseguir ser advogada, como Shannen sonhava, ela precisava de uma boa educação. E isso ela não tinha em Attawapiskat.

A vida em Attawapiskat

Na pequena cidade natal de Shannen, Attawapiskat, agora existe uma nova escola para 400 crianças e um centro juvenil, graças ao sonho de Shannen. Entretanto, muitos problemas permanecem. Algumas famílias vivem em casas em ruínas, tendas ou galpões sem isolamento térmico, eletricidade ou água. A água da torneira é cheia de produtos químicos perigosos, então os moradores da cidade precisam buscar água potável. Agora, até mesmo essa água apresenta resíduos de produtos químicos tóxicos. Os sistemas de eletricidade e esgoto às vezes falham. Já aconteceu de a cidade ser inundada com águas residuais e esgoto fedorentos. A vida dura e a falta de esperança no futuro entristecem crianças e adultos. Muitos começam a beber ou usar drogas. Alguns até tiram a própria vida. É muito mais comum crianças cometerem suicídio em reservas do que em outras partes do Canadá. Muitas pessoas, como professores, pais e líderes em Attawapiskat e outras reservas lutam arduamente para ajudar as crianças que não estão bem e evitar mais suicídios.



Escola tóxica

Algumas décadas antes de Shannen nascer, Attawapiskat obteve sua primeira escola de verdade, com salas de aula iluminadas, um ginásio e belas cores. Todos estavam felizes. Contudo, após algum tempo, as crianças e os professores tinham dores de cabeça, sentiam-se cansados e doentes. Os pais reclamaram, mas levou vinte anos até que as autoridades investigassem o solo sob a escola. Lá foi encontrado um cano com vazamento, que provavelmente já estava rompido quando a escola foi construída. Dezenas de milhares de litros de diesel fedorento vazaram ao longo dos anos, envenenando o solo e adoecendo as crianças. A escola foi fechada, e barracas cinza sobre rodas foram montadas no pátio da escola. Os políticos disseram que era uma solução temporária, mas, nove anos depois, as crianças ainda aguardavam sua nova escola.

Mofo e bolor

Quando Shannen começou a primeira classe, as barracas mal isoladas já estavam em ruínas. Os invernos em Attawapiskat são muito frios e, às vezes,



SHANNEN

SONHAVA COM: Escolas seguras e confortáveis.

QUERIA SER: Advogada.

NÃO GOSTAVA DE: Promessas quebradas.

APELIDO: Shan Shan

GOSTAVA DE: Dançar.

AMAVA: Sua família e amigos.

forma-se gelo nas paredes dentro da sala de aula. Shannen e as outras crianças tinham que vestir casacos grossos, gorros e luvas várias vezes ao dia, quando mudavam de sala de aula ou iam à casa de banho. Quando faltava energia, como depois de uma forte tempestade, o aquecimento e a luz desapareciam.

Os professores faziam o possível, mas não tinham livros nem materiais suficientes, porque a escola recebia muito pouco dinheiro do estado. A situação ficou tão ruim que crianças de nove anos começaram a abandonar a escola.

Shannen sabia por quê:

– Quando sua sala de aula está congelando e os ratos estão atropelando a comida do almoço, é difícil sentir que se tem alguma chance de crescer e tornar-se alguém. Quando não se têm recursos adequados, como biblioteca e laboratório de química. É sabido que crianças em outras partes do Canadá



alizou, mas...

O sol de inverno em Attawapiskat, no norte do Canadá.



têm boas escolas. Então você começa a se sentir uma criança que não importa... Imagine crianças que, mesmo sendo tão pequenas, sentem que não têm futuro... Enquanto frequentam a escola, as crianças devem ter esperança e sonhos para o futuro. Toda criança tem direito a isso!

Os políticos prometeram que construiriam uma nova escola, mas, ano após ano, quebraram suas promessas. É por isso que Shannen e seus amigos começaram uma campanha escolar. Primeiro, fizeram uma manifestação com cartazes e faixas sob uma temperatura de 40 graus negativos! Ainda assim, ninguém fora de sua pequena cidade parecia se importar. Em seguida, eles foram às redes sociais, como o YouTube, mostraram como era a situação na escola e pediram a todas as crianças do Canadá que escrevessem cartas de protesto ao governo. E logo começaram a chegar cartas de crianças exigindo mudanças e oportunidades iguais para todas as crianças.



Às vezes, faz 40 graus abaixo de zero e as crianças sentem muito frio.

Excursão de classe cancelada

Um dia, os líderes seniores em Attawapiskat receberam uma carta do ministro do governo do Canadá responsável pelas escolas nas reservas. Ele havia recebido muitas cartas de reclamação de crianças. Mas sua mensagem era que o governo não tinha orçamento para pagar por nenhuma nova escola.

Agora, Shannen e seus amigos perderam a paciência. Sua classe havia economizado para uma excursão divertida após o encerramento do ano escolar, mas as crianças decidiram ir para Ottawa, capital do Canadá, e explicar aos



Habilidades para a vida

O pai de Shannen, Andrew, contava a ela sobre a história e a cultura do povo Cree desde a tenra infância. Ela sabia que seu povo e outros povos indígenas existiam no Canadá milhares de anos antes de os ingleses e franceses tomarem as terras indígenas.

– Ele me ensinou a admirar os Sete Avôs. Amor, Respeito, Verdade, Honestidade, Humildade, Bravura e Sabedoria, explicou Shannen. Os sete ancestrais são sobre as coisas mais importantes na vida, e como tratar seus semelhantes, principalmente as crianças. As diferentes partes geralmente são representadas por um animal especial. Aqui, em versão curta:

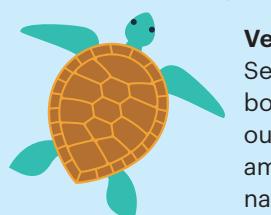


Amor – Águia

Para poder amar os outros incondicionalmente e superar as dificuldades, é preciso amar a si mesmo, adquirir conhecimento e conversar com os outros.

Respeito – Búfalo

Respeite todos os seres vivos e encontre um equilíbrio entre o que você deseja e o que a mãe terra pode oferecer. Faça o possível para fazer a diferença.



Verdade – Tartaruga

Sempre fale a verdade e mostre bondade e compaixão para com os outros. Seja sempre você mesmo, ame e respeite a sua verdadeira natureza.

Honestidade – Sabe/Pé-grande

Seja sempre honesto consigo mesmo e com os outros, e caminhe pela vida com integridade, valorizando o seu esforço e o das pessoas ao seu redor.



Humildade – Lobo

Saiba que você é uma parte sagrada da criação. Viva abnegadamente, não egoisticamente, tenha orgulho de seu povo e elogie as realizações de todos.



Bravura – Urso

Acredite em si mesmo e nas suas convicções. Encontre sua força interior para enfrentar seus medos e ser uma pessoa melhor, para uma família e uma comunidade melhores.



Sabedoria

As lições de sabedoria ajudam você a usar os dons que recebeu sabiamente, e a enxergar as diferenças entre você e os outros de maneira gentil e respeitosa. Isso fortalece a sua capacidade de ouvir com a mente aberta.





Shannen contou à multidão sobre as promessas quebradas pelo governo e o seu sonho de uma escola boa e confortável.

políticos por que a escola era tão importante. Para sua grande surpresa, o ministro concordou em encontrá-las. Ele marcou uma reunião no Dia dos Povos Indígenas do Canadá, um dia anual para lembrar e homenagear os povos da Primeira Nação, os Métis e os Inuit. Shannen achou que era um bom sinal. Talvez eles recebessem boas notícias...

Reunião com ministro

Shannen tinha treze anos quando ela e seus amigos viajaram para a capital. Junto com eles, foram vários líderes seniores, além dos pais, que acompanharam Shannen e seus amigos, Solomon e Chris, ao grande edifício do Parlamento. Quando entraram na sala do ministro, ele acenou com a mão e disse: "O que acham do meu escritório?"

Shannen logo respondeu que ficaria feliz se tivesse uma sala de aula igualmente boa. Em seguida, as crianças tentaram explicar por que estavam ali, mas o ministro as interrompeu imediatamente e disse: "A resposta é não"! O governo não pretendia construir uma nova escola em Attawapiskat.

Todos se entreolharam em choque. Os mais velhos começaram a chorar. Shannen também chorou, mas principalmente por raiva. Ela olhou nos olhos do ministro e disse que as crianças nunca pensaram em desistir!

Depois, todos foram embora tristes. Os anciões ainda choravam. Durante toda a vida, eles conviveram com promessas quebradas pelos poderosos.

Marcha pela mudança

A uma curta distância do Parlamento, milhares de pessoas de todo o Canadá se reuniam para participar de uma passeata pelos direitos dos povos indígenas. As crianças e os anciões de Attawapiskat se juntaram à passeata, alguns seguravam cartazes enquanto outros tocavam tambores e cantavam. Muitos estavam usando seus trajes tradicionais, com grandes plumas, vestidos com sinos tilintantes e túnicas e mocassins frisados.



O membro do Parlamento Charlie Angus lutou ao lado das crianças e de Cindy Blackstock para realizar o sonho de Shannen.

Vários discursos foram feitos em frente ao edifício do parlamento. Os organizadores perguntaram se alguma das crianças de Attawapiskat poderia contar o que havia acontecido no encontro com o ministro. Foi decidido que Shannen falaria. A princípio, ela entrou em pânico, mas um dos adultos a acalmou e disse: "Shannen, este é um momento em que você precisa ser ouvida. Apenas fale com o coração".

Shannen pegou o microfone e disse: "Olá a todos, meu nome é Shannen Koostachin e sou da Primeira Nação Attawapiskat. Hoje, lamento informar que o ministro Chuck Strahl disse que não



Conselhos de Shannen

- Defenda sempre os seus direitos.
- Nunca perca a esperança.
- Ignore as pessoas que te colocam para baixo.
- Diga o que você quer e o que precisa.
- Pense no futuro e siga seus sonhos.

A nova escola em Attawapiskat tem um símbolo que representa Shannen quando ela dançava a dança Belos Xailes em seu traje azul tradicional.



Crianças por todo o Canadá apoiaram o sonho de Shannen, escrevendo cartas ao governo e fazendo manifestações.

tinha dinheiro suficiente para construir nossa escola... mas não acreditei nele.

A multidão rugiu e continuou a apoiar, enquanto Shannen explicava por que ela e seus amigos estavam ali, e como nunca pensaram em desistir. Ela disse: "Eu percebi que o ministro estava nervoso".

Após ser entrevistada por jornais, TV e rádio, Shannen contou que não pararia de fazer campanha até que todas as crianças das Primeiras Nações tivessem escolas decentes. Ela cumpriu sua promessa. Shannen tornou-se líder da maior campanha feita por crianças na história do Canadá, a *Estudantes ajudam estudantes*.

Incidente terrível

Quando tinha quatorze anos, Shannen teve que deixar sua família e se mudar a 60 milhas de distância, para a escola secundária mais próxima. Sua irmã mais velha, Serena, que fizera o ensino médio alguns anos antes, já morava na cidade. Shannen teve que trabalhar duro para acompanhar os outros alunos. Eles não tinham ido à escola de barracas em ruínas, e estavam bem adiantados em muitas disciplinas. Porém, Shannen nunca perdeu um dia de aula.

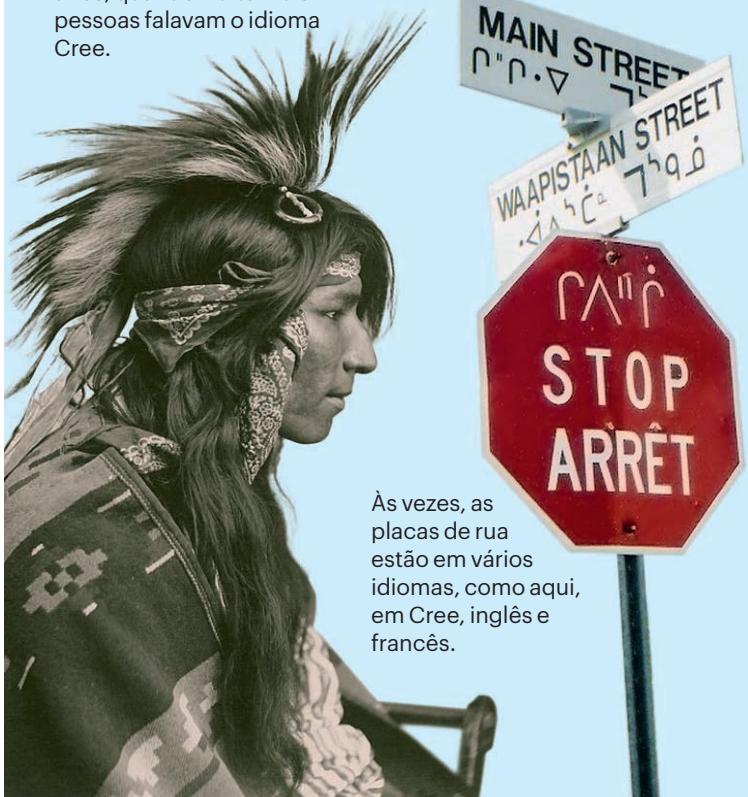
Nos fins de semana e feriados, ela, Serena e outras crianças continuaram a falar em grandes reuniões e a pedir ajuda. Elas contavam sobre os

Idioma ameaçado

O cree é um dos idiomas indígenas do Canadá que continuam desaparecendo.

Por sete gerações, as crianças nas áreas de idioma cree foram separadas de seus pais quando eram pequenas. Elas eram forçadas a viver em internatos, onde sofriam punções se falassem o cree. Quando voltavam para casa, por um curto período no verão, haviam esquecido o idioma e não conseguiam falar com suas famílias. Ano após ano, restavam cada vez menos pessoas que falavam cree.

Este rapaz do Povo Cree foi fotografado há mais de cem anos, quando muito mais pessoas falavam o idioma Cree.



Às vezes, as placas de rua estão em vários idiomas, como aqui, em Cree, inglês e francês.



As crianças na pequena cidade de Moosonee querem que o sonho de Shannen se torne realidade para todas as crianças das Primeiras Nações.



A história de Shannen é contada ao espírito ursa, Spirit Bear, num novo filme que dá a mais crianças a chance de conhecê-la.



SPIRIT BEAR: FISHING FOR KNOWLEDGE, CATCHING DREAMS © FIRST NATIONS CHILD & FAMILY CARING SOCIETY AND SPOTTED FAWN PRODUCTIONS

→ ratos, o frio e a falta de livros escolares. O barulho aumentava constantemente, e Shannen começou a acreditar que seus sonhos se realizariam. Então, algo terrível aconteceu.

Após um ano do ensino médio, Shannen estava em um micro-ônibus que colidiu com um grande camião. Ela morreu com apenas quinze anos. Crianças em todo o Canadá ficaram arrasadas, mas determinadas a lutar. Elas não deixariam os sonhos de Shannen morrerem. Com a ajuda de Cindy Blackstock e da sua organização, e do membro do parlamento Charlie Angus, uma nova campanha foi lançada. Esta foi nomeada “o sonho de Shannen” para homenagear sua memória. A família de Shannen, assim como seus amigos e a pequena cidade onde ela cresceu apoiam a campanha das crianças.

Para a ONU

Quase dois anos após a morte de Shannen, seis crianças das Primeiras Nações viajaram para o Comitê dos Direitos da Criança da ONU em Genebra, Suíça. Uma delas era amiga

de infância de Shannen, Chelsea, de 16 anos, da Primeira Nação Attawapiskat. Cindy Blackstock também estava na viagem. Ela pressionou para que as próprias crianças pudessem falar sobre seus difíceis anos escolares em Attawapiskat e sobre as violações de seus direitos. No edifício da ONU, as crianças puderam conversar com um grupo de especialistas, que as ouviram atentamente. Todas elas estavam tristes por Shannen não poder estar presente, mas felizes porque os especialistas em direitos da criança as levaram a sério.

Não muito tempo depois, uma moção para realizar o “sonho de Shannen” foi aprovada por políticos na Câmara dos Comuns do Canadá. Foi criada uma lei que garantiria o direito a uma boa educação também para as crianças das Primeiras Nações. Após a votação, o sucesso foi comemorado com a família de Shannen, que viajou à capital para fazer parte do momento histórico. Seu pai, Andrew, fez um discurso. Ele começou no idioma cree e depois mudou para o inglês.

– Shannen foi um presente especial, é uma honra ter sido o pai dela, disse Andrew. Sempre pensei que eu era seu professor, mas ela me ensinou muito, e estendeu a mão às pessoas. Quando os jovens falam, isso é poderoso, porque eles são muito inocentes e fortes.

Uma nova escola

No mesmo dia em que Shannen concluiria o ensino médio, começou a construção de uma nova escola em Attawapiskat. Ela foi inaugu-

rada dois anos depois. Acima da entrada, está escrito em letras bem grandes: O SONHO DE SHANNEN.

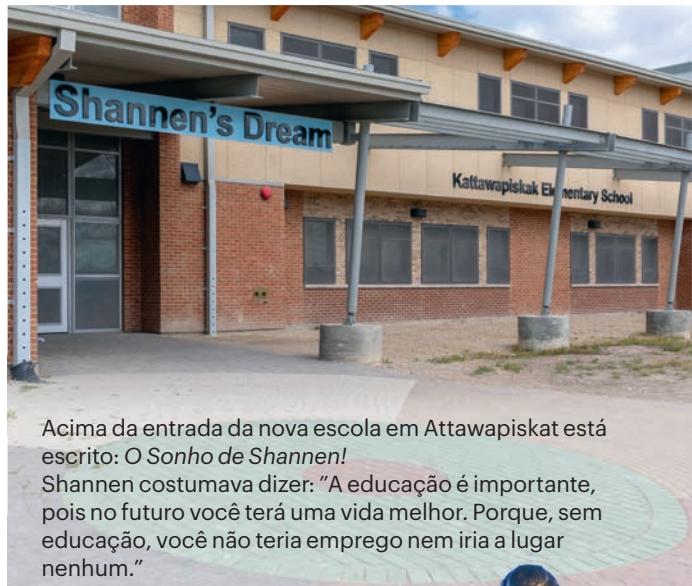
As crianças no Canadá continuam escrevendo cartas ao governo, porque ainda há muitos estudantes das Primeiras Nações que precisam de escolas melhores. Embora a lei baseada no sonho de Shannen exista, ela demora a dar a todas as crianças a educação que merecem. ☺



O pai de Shannen, Andrew, e sua amiga Chelsea (em primeiro plano) estavam lá quando o parlamento canadense decidiu que o sonho de Shannen seria realizado.

Educação para todos?

No Canadá, a educação das crianças é paga pelas províncias. Contudo, as escolas para crianças das Primeiras Nações nas reservas são pagas pelo Governo do Canadá. As reservas são áreas de terra que os governos canadenses há muito tempo forçaram os povos das Primeiras Nações a ocupar, porque os colonizadores queriam as melhores terras para si. Hoje, muitas crianças das Primeiras Nações no Canadá vivem em reservas, e apenas 4 em cada 10 concluem o ensino médio. O problema é que o governo dá muito menos dinheiro às escolas das reservas do que as províncias dão a escolas para outras crianças. É por isso que muitas escolas das Primeiras Nações carecem de coisas como livros e computadores.



A água da torneira em Attawapiskat contém vestígios de produtos químicos, por isso eles buscam água numa estação de água potável.

O primo de Shannen, Jules, arrecadou dinheiro para uma estátua de bronze de Shannen.



As crianças jogam hóquei em Attawapiskat.



Mensagem de Shannen

Nunca desista! Levante-se, pegue seus livros e prossiga em seus mocassins (mocassins usados pelo povo das Primeiras Nações)!

Nome espiritual

Quando Shannen morreu, de acordo com a cultura cree, ela foi juntar-se com os espíritos de seus ancestrais. Ela também recebeu um nome espiritual especial, Wawahtay Eskwo, que significa Mulher da Aurora Boreal.





TEVE RUSSELL/TORONTO STAR VIA GETTY IMAGES

Narrativa pela dança

Theland aprendeu a dança do arco com mestres de dança mais antigos que mostraram como usar grandes arcos para criar formas de tudo, desde animais até a natureza e, assim, contar histórias. Antigamente, os arcos eram feitos de salgueiro, mas Theland renovou a dança com seus arcos de luzes fosforescentes.

— Ainda tenho muito a aprender, mas já sei o suficiente para ensinar a dança para crianças menores. É uma forma de retribuir!



Dança pelo futuro

Todo ano, meninas e mulheres indígenas desaparecem no Canadá, algumas são achadas mortas, outras nunca são encontradas.

Mas isso está começando a mudar, graças a activistas como Theland Kicknosway, que usa de tudo, da dança ao Instagram, para buscar justiça.

Quando era jovem, Theland costumava acompanhar sua mãe a reuniões onde as pessoas mostravam fotos de suas filhas, irmãs e mães perdidas, acendiam velas, realizavam cerimônias e discursavam. Quando tinha nove anos, ele perguntou à sua mãe:

– O que acontece com as crianças quando suas mães desaparecem?

A mãe respondeu que elas precisavam de ajuda com tudo, de comida até roupas e conforto. Também era importante que mais pessoas no Canadá soubessem sobre as injustiças, para poder exigir dos políticos que dessem às

meninas e mulheres indígenas melhor proteção e apoio.

Descobre mais

Theland também pergunta à sua tia, Bridget, que mora na reserva Kitigan Zibi, das Primeiras Nações. Quando sua própria mãe, Gladys, foi morta, Bridget fundou uma organização que luta por meninas e mulheres desaparecidas e assassinadas.

Theland frequentemente cantava nas reuniões de protesto.

– Tia Bridget me pedia para cantar em memória das desaparecidas e assassinadas, e para dar força aos outros, diz Theland.

Bridget contou a história de Maisy e Shannon, duas adolescentes que desapareceram após um baile da escola em Kitigan Zibi. A família relatou o desaparecimento à polícia, mas esta demorou duas semanas para começar a procurá-las. Maisy e Shannon continuam desaparecidas.

Muitos aplaudiram quando Theland correu pelas meninas desaparecidas e assassinadas.

Tem uma ideia

Bridget disse que é importante lutar.

– Independentemente daquilo que passamos e dos obstáculos que enfrentamos, temos que seguir adiante, um pé na frente do outro, ela disse a Theland. Isso lhe deu uma ideia. Ele gostava de correr e, ao fazê-lo colocava um pé na frente do outro.

– Pretendo correr pelo

A mãe de Maisy, Laurie, à esquerda, luta para garantir que ninguém se esqueça de sua filha desaparecida ou da amiga, Shannon.



Canadá para conscientizar e arrecadar dinheiro para as crianças, disse Theland!

– O Canadá é um país muito grande, respondeu sua mãe. Isso levaria vários meses.

Theland decidiu correr da capital, Ottawa, onde mora, até a casa da Tia Bridget, em Kitigan Zibi, uma distância de cerca de 130 quilômetros. Ele começou a treinar e também a aprender mais sobre as desaparecidas e assassinadas. Ele queria contar sobre elas a todos que conhecesse pelo caminho. Como milhares haviam desaparecido nos últimos 30 anos, ninguém sabia exatamente quantas. Meninas e mulheres indígenas tinham seis vezes mais chances de serem afetadas do que outras no Canadá. Uma causa fundamental foi que os abusos cometidos contra indígenas levaram à tristeza e à pobreza, mas também que muitos tratavam meninas e mulheres indígenas como menos dignas.

O tiro de largada

Quando começa a correr em direção a Kitigan Zibi, Theland acaba de completar onze anos.

– Coloquei um pé na frente do outro, como tia Bridget me disse.

Vários outros percorrem partes da rota com Theland. Eles contam a todos que encontram sobre as meninas desaparecidas e assassinadas, especialmente Maisy e Shannon. Todos prometem espalhar as informações ainda mais, e alguns acompan-

Venha ao Powwow

– O Powwow é como um remédio para o povo, explica Theland. Ele dança nas festas Powwow desde que aprendeu a andar. Em um Powwow, amigos e familiares se reúnem e celebram com música e dança tradicionais, comida, artesanato e cerimônias.

Durante muito tempo, o governo canadiense proibiu o Powwow nos seus esforços para erradicar a cultura indígena. Na década de 1960, a luta pela igualdade de direitos dos indígenas cresceu. Então, o Powwow se tornou uma forma de exigir justiça e fortalecer a cultura. Os não indígenas são quase sempre bem-vindos a visitar um Powwow, desde que tenham respeito.



Veja Theland dançar e fazer muito mais no Insta e no tiktok [@the_landk](#)

Um pequeno Theland aprende a dançar com um mestre.



ELLIOTT FERGUSON/THE WHIG-STANDARD/POSTMEDIA NETWORK

nham Theland por uma pequena parte do caminho. Para que todos durassem o caminho todo, foi usado um sistema em que você só corria até onde conseguia.

No terceiro dia, Theland sente uma dor de estômago muito forte.

– Foi horrível, eu queria correr. Mas os outros me disseram para descansar um dia, que o fariam por mim! No dia seguinte, eu consegui correr novamente!

Finalmente, depois de seis dias, Theland chegou a Kitigan Zibi.

– Eu não estava nada preparado para o facto de que haveria muita gente torcendo por nós nos últimos quilômetros até a casa da tia Bridget, e que fariam uma grande festa. Senti

como se eu tivesse ganhado uma medalha de ouro olímpica! E poderoso, por tantos desejarem fazer justiça para as vítimas e suas famílias.

Passo a passo

Desde a primeira vez, Theland continua a correr pelas meninas desaparecidas e assassinadas todos os anos. Ele chama a atenção para as injustiças, tanto históricas quanto atuais, e mantém as tradições vivas de várias maneiras, por exemplo, mostrando aos seus quase 100.000 seguidores no Instagram tudo, desde dança até como fazer tranças.

– É uma forma de retribuir, diz Theland. ☀



A voz do espírito urso

Cindy e a First Nation Caring Society fizeram vários filmes de animação e livros sobre o Spirit Bear. Nos filmes, Theland é a voz do espírito urso!

– Cindy é um grande exemplo para mim. Ela é uma voz para tantas pessoas, e isso acende uma chama em mim e noutras jovens. Você sente que se ela pode, eu também posso!



Theland com os seus pais, Elaine e Vince, sobreviventes das separações de famílias indígenas na década de 1960.



Famílias desfeitas

Theland sempre acompanhou sua mãe, Elaine, a reuniões de protesto e palestras. Aqui, eles estão sentados no Parlamento do Canadá há muito tempo! Minha mãe foi tirada de seus pais e criada por uma família que não sabia nada sobre sua cultura.

– Sou um dos primeiros da minha família a crescer com minha mãe e meu pai em um lar seguro, diz Theland.

“Ainda estamos aqui”



Wade aconselha outras crianças a serem sempre elas mesmas, e não se importar com pessoas que tentam rebaixar os outros.

– Estou contente por termos uma boa escola onde moramos, diz Wade, 14. Em muitas outras reservas, eles precisam viajar muito para chegar a uma loja ou para poder cursar a escola secundária.

Um dia, quando Wade chegou à escola, disseram-lhe que os alunos deveriam ficar em casa. Vários ursos haviam sido vistos nas proximidades.

– Um urso sentou-se em uma árvore perto de nossos vizinhos, diz o amigo Odehykan, 13. Foi assustador, eu fiquei preocupado com meus cães.

Apesar dos ursos selvagens, Wade e Odehykan gostam de viver perto da natureza e poder pescar e caçar.

– Quando o lago congela no inverno, patinamos e jogamos hóquei no gelo, conta Wade.

Ele e Odehykan adoram hóquei no gelo, o esporte nacional do Canadá. Wade quer ser jogador profissional de hóquei ou *personal trainer*. Odehykan, que representou vários personagens no cinema, pretende ser actor ou político.

Tomam as próprias decisões

Os meninos pertencem ao povo Kitigan Zibi Anishinabeg, que governa sua reserva. Em vez de vereadores, eles têm um chefe e um conselho que decide.

– Na nossa escola, temos disciplinas regulares, mas também aprendemos sobre nossa cultura e nosso idioma, diz Wade.

Muitas ervas e árvores curativas crescem nos terrenos ao redor da escola. Wade aprendeu isso com sua bisavô, Barbara, e seu bisavô, Morris.

– Eles me ensinam a falar o idioma algonquín e sobre nossas cerimónias. Alguns idosos

queimam cedro, sálvia ou tabaco todos os dias para se purificar com a fumaça.

Quando a família de Odehykan vai caçar, eles sempre colocam um pouco de tabaco no chão e fazem uma oração, se atiram num animal.

– Segundo nossa tradição, tudo e todos devem ser tratados com amor e respeito.

– Agradecemos à natureza e ao animal que nos deu comida, conta Wade.

Conhecimento perdido

Muitos dos parentes mais velhos dos meninos foram enviados a internatos quando eram jovens.

– As escolas deviam “matar o índio na criança”, explica Wade. Quando meus parentes voltaram para casa, eles não conseguiam nem conversar com os pais. Eu me sentia completamente perdido. Alguns dizem: “Esqueça isso, foi há muito tempo. Mas eu nunca vou esquecer. Sou grato por eles terem sobrevivido. Caso contrário, eu não existiria”.

– Não entendo como puderam fazer isso com crianças, diz Odehykan. Em Canadá, todos precisam de aprender sobre os povos indígenas e a nossa história. Se trabalharmos juntos, o futuro será melhor. Ainda me orgulho de nosso povo ter conseguido preservar nossa cultura e língua. Ainda estamos aqui! ☺

Líderes mais velhos ensinam as crianças sobre medicina natural.



Dança e batuca!

– Gosto de dançar e tocar percussão, e aproveito todas as oportunidades para mostrar nossa cultura, diz Odehykan.



Cultura no currículo escolar

Nos dias de cultura na escola KZA, os líderes mais velhos vêm contar sobre todo tipo de coisa, de história e tradições, até como preparar uma pele de alce. Os alunos aprendem e falam sobre caçar e fazer armadilhas, pescar, artesanato e comida tradicional, e sobre canto, dança e batuque.

Gemma fez uma pequena bolsa de couro na qual pode guardar ervas e plantas curativas.

Zoe, 12, mostra uma velha bolsa de couro. Ela tem um compartimento secreto que só os iniciados conseguem encontrar!



Como uma pele de alce é preparada?



Há uma canoa clássica da Primeira Nação pendurada na parede da escola.

TEXE: CARMILLA FLOYD, POSTMEDIA

Memórias em laranja!

Todos os anos, Cindy e todos que lutam pelos direitos dos povos indígenas observam o Dia da Camisa Laranja, em 30 de Setembro.

As crianças em Kitigan Zibi homenagearam a memória das crianças em internatos, formando um círculo sagrado em volta de um memorial. Lá, centenas de sapatos infantis, que antes ficavam em frente ao Parlamento do Canadá, foram colocados no subsolo.

O dia da camisa

O Dia da Camisa Laranja surgiu depois que Phyllis Webstad, uma sobrevivente, contou sobre ter sido enviada a um internato aos seis anos de idade. Phyllis estava orgulhosa da camisa laranja nova, que sua avó lhe dera para usar na escola. Porém, assim que ela chegou lá, eles tiraram sua camisa, e Phyllis nunca mais a teve de volta.

– Desde então, a cor laranja sempre me lembrou que meus sentimentos não contavam, que ninguém se importava e que sempre me senti inútil, conta Phyllis. No dia da camisa, todos recebem ajuda através de dança, canto e cerimônias para curar as feridas causadas pelos internatos. A mensagem é que toda criança é importante.



Phyllis não teve permissão para usar sua camisa nova.



O espírito urso, Spirit Bear, obviamente, está envolvido no dia da camisa Laranja.

Os alunos da escola em Kitigan Zibi fazem um círculo.



Por que Minh Tú é nomeada?

Minh Tú é nomeada por sua luta de quase 40 anos pelas crianças órfãs e crianças que não podem crescer com suas famílias.

O DESAFIO

No Vietname, as pessoas ainda sofrem as consequências de várias décadas de guerra. Muitos perderam tudo que possuíam e ficaram feridos e adoeceram por bombas e armas químicas. Minh Tú cresceu durante a guerra, e viu como a violência causou grande miséria, fome e milhões de crianças órfãs. Hoje, a pobreza, as inundações, os acidentes e as decisões dos pais, fazem com quem as crianças fiquem órfãs ou sejam abandonadas.

O TRABALHO

Minh Tú apoia as crianças que vivem no pagode Duc Son com segurança, amor, remédios e brincar. Muitas recebem ajuda com certidões de nascimento e nomes para poder começar a estudar. Elas recebem material escolar, uniformes e auxílio para estudos superiores. Crianças com deficiências recebem apoio especial. Quando possível, recebem auxílio para se reunir com suas famílias. Minh Tú quer que todas as crianças aprendam a respeitar umas às outras e a serem elas mesmas.

RESULTADOS E VISÃO

Por 40 anos o pagode Duc Son cuidou de 150 a 250 crianças anualmente. Todas podem ficar até que sejam adultas e possam se defender sozinhas. Elas são vistas como plantas que, se pegarem sol e água todos os dias, podem se transformar em árvores que fornecem sombra e nutrição para os outros e entre si.

Heroína dos direitos da criança nomeada **Thích Nu Minh Tú**

84–97
→



– As crianças são minhas plantas, às quais dou sol e rego todos os dias, para que se transformem em árvores que deem sombra e alimento para outras pessoas. Tenho mais de 70 anos, mas ainda me sinto uma criança. Deve ser por isso que as amo tanto, diz Minh Tú. As experiências terríveis durante a guerra do Vietname fizeram com que ela se tornasse uma monja budista e dedicasse sua vida a ajudar crianças vulneráveis.

Minh Tú cresceu durante uma guerra no Vietname, que durou várias décadas. Primeiro, muitos no Vietname do Norte haviam lutado por quase dez anos contra a França. Depois disso, o país foi dividido em Vietname do Norte e Vietname do Sul, e teve início uma guerra de 20 anos na qual os Estados Unidos

ajudaram o Vietname do Sul. No final, a guerra foi vencida pelos norte-vietnamitas.

Consegue se tornar monja

A cada duas semanas, a família de Minh Tú ia a um mosteiro budista, um pagode, para rezar. Minh Tú adorava o lugar por ser tão pacífico. Caso contrário, todos só falavam sobre guerra.

Um dia, Minh Tú disse aos

pais que queria ser monja.

– Não, não pode, disse o pai.

– Por que não? Eu gosto tanto de estar lá, disse Minh Tú.

– Você sabe que é preciso estudar muito para ser monja, respondeu a mãe.

– Sim, mas gosto de ler, afirmou Minh Tú.

Ela continuou insistindo e estudando muito em casa. No final, os pais disseram que ela devia abandonar a escola por-



Minh Tú contribui como agente de mudança para cumprir os direitos da criança e atingir as metas globais, como:

Meta 2: Sem fome. Meta 3: Boa saúde e bem-estar.
Meta 4: Boa educação. Meta 10: Direitos iguais.



Minh Tú conta as crianças antes de embarcarem nos dois ônibus escolares do pagode.

que ela só estudava o tempo todo.

Minh Tú não desistiu. Ela pegava livros emprestados e continuava a ler e estudar em casa.

Após algum tempo, sua mãe disse que ela podia voltar a estudar.

— Seu pai e eu queríamos testá-la, se você estava falando sério, disse a mãe.

Minh Tú ficou muito feliz. Ela apostou tudo para tornar-se monja. Em breve, suas duas irmãs mais novas conta-

ram que também queriam ser monjas.

As crianças órfãs

A guerra agora se aproximava da cidade natal de Minh Tú, Hué, que ficava bem na fronteira entre Vietname do Norte e Vietname do Sul. Quando a luta pela cidade começou, em 31 de janeiro de 1968, Minh Tú, então com 21 anos, se ofereceu para ajudar pessoas feridas e afectadas. Ela aprendeu sobre saúde e a conversar com aqueles que perderam suas famílias.

Quando a batalha termi-

nou, em 3 de março de 1968, a cidade de Hué estava em ruínas. Dezenas de milhares de pessoas foram mortas, e muitas crianças perderam os pais.

No ano seguinte, Minh Tú passou no exame para tornar-se monja. Ela foi colocada em um dos maiores pagodes da cidade, no subúrbio. Uma de suas primeiras tarefas foi ajudar a cuidar das centenas de crianças que viviam no orfanato do pagode e que perderam os pais durante os combates. Fora do pagode, a guerra continuou por mais seis anos.

As monjas ajudavam no hospital da cidade e visitavam pessoas em bairros e aldeias bombardeadas. Elas lhes davam comida, água e cuidados médicos. Elas ajudavam as pessoas que fugiam de combates em outros lugares. Muitas pessoas haviam perdido tudo. Minh Tú rezava todos os dias pelo fim da guerra. Ela não queria ver mais guerra e miséria.

Fim da guerra

Quando a guerra terminou, em 1975, o país foi unido. Muitas bombas e minas foram deixadas em campos e plantações de arroz. Muitos agricultores e crianças foram mortos ou gravemente feridos em explosões.

É assim que Minh Tú trabalha pelas crianças

- Acolhe crianças órfãs e cujos pais não podem cuidar delas.
- Dá às crianças amor, comida, roupas, remédios e a oportunidade de brincar.
- Garante que as crianças recebam certidões de nascimento, nomes e uma oportunidade de frequentar a escola.
- Ajuda crianças com deficiências a obter os auxílios e apoio de que precisam.
- Paga a educação das crianças até a universidade, inclusive.
- Distribui material escolar e uniforme escolar para as crianças.
- Ensina todas as crianças a nadar.
- Compra uma moto para as crianças que têm que trabalhar ou fazer faculdade longe do pagode.
- Ajuda as crianças cujos pais desapareceram a tentar encontrá-los.



Como as crianças recebem seus nomes

Muitas das crianças que chegam ao orfanato do Pagode Duc Son não têm nome. Ao solicitar certidões de nascimento e documentos de identidade junto às autoridades locais, as monjas escolhem o nome de cada criança de acordo com sua personalidade. Por exemplo, Thien significa "Boa pessoa".



→ Durante a guerra, os EUA pulverizaram grandes partes do país com um pesticida chamado Agente Laranja. Esse veneno fez muitas pessoas adoecerem ou morrerem. Crianças nasciam com deficiências graves em decorrência do veneno, mesmo muito depois do fim da guerra.

Para Minh Tú, o fim da guerra significou que ela teve que se mudar. A monja superior de seu pagode queria que Minh Tú seguisse seus passos.

— Está na hora de você liderar outras monjas em outro pagode, disse a monja superior.

— Com prazer, quero continuar o trabalho que temos feito aqui, respondeu Minh Tú.

Foi assim que Minh Tú chegou ao pagode Duc Son, ao sul da cidade de Hué. Nos primeiros anos, Minh Tú trabalhou com as monjas do Duc Son visitando pessoas pobres nas aldeias vizinhas. As monjas davam alimentos e remédios

Minh Tú frequentemente passava fome, porque dava quase tudo que tinha a outras

pessoas que ela achava que precisavam mais de comida e dinheiro do que ela. A notícia de sua bondade e trabalho com os pobres se espalhou.

O orfanato é inaugurado

O orfanato que ficava no pagode onde Minh Tú havia morado foi fechado. O

governo do Vietname declarou que não havia necessidade de um orfanato, o demoliu e construiu uma escola.

No campo, Minh Tú ainda encontrava muitas crianças órfãs. Às vezes, os parentes das crianças pediam que ela cuidasse das crianças.

— Não adianta, não temos

Budismo e vida no pagode

O budismo foi fundado há 2.500 anos por Siddharta Gautama, filho de uma rica família princesa na Índia. Buda significa "aquele que despertou". Foi um título que Siddhartha ganhou depois que ele próprio começou a contar o que acreditava ser a verdade sobre a vida.

De acordo com o Buda, a vida é um longo sofrimento. Nós, humanos, nunca estamos satisfeitos. Estamos constante-

mente nos esforçando por algo mais. Uma pessoa, portanto, não se torna livre até que tenha se libertado de todos os desejos e vontades.

Buda criou uma ordem de monges e uma ordem de monjas. Considera-se que as pessoas que se tornam monges ou monjas no budismo percorreram um longo caminho em busca da harmonia e da liberação do desejo por mais.

Os monges e monjas vivem em pobreza voluntária e juraram nunca se casar ou ter

filhos. Eles e elas vivem das doações e da generosidade dos outros. No budismo, doar alimentos e presentes a monges e monjas é um dever religioso.

Nos mosteiros, ou pagodes, os monges e monjas passam muito tempo estudando, ensinando e meditando.

Por causa de seu estilo de vida, os monges e monjas são modelos para todos que vivem em uma sociedade budista.





– Agora vamos para a machamba, diz Minh Tú.
– Sim, gritam as crianças.

A sala de aula na machamba

Na parte de trás do pagode, um caminho pavimentado passa entre casas, bambus, arbustos e palmeiras. Em uma pequena ponte sobre um riacho, todos param.

– Lá está nosso cultivo de cogumelos, diz Minh Tú, apontando para um depósito de chapas metálicas um pouco adiante no caminho. O cultivo de cogumelos fornece alimento para as crianças e as monjas. Assim como todas as plantações na machamba do pagode.

Descendo uma colina, uma grande machamba se espalha. As crianças vêm aqui pelo menos uma vez por semana para aprender sobre plantio e diferentes plantas. Coentro, gengibre, alface, cabaça, pepino, hortelã e muito mais crescem aqui. As crianças capinam, regam e ajudam na colheita.

A colheita é usada para cozinhar na cozinha do pagode, mas muito também é vendido, ou as hortaliças e legumes são usados para os almoços que o pagode vende para grupos de turistas que passam por ali. Ao lado do pagode há o túmulo de um dos dos antigos imperadores, Thieu Tri, e muitos turistas querem ver o túmulo. Nesta ocasião, eles podem almoçar no pagode.

– Recebemos a machamba como doação de uma família. Aqui, as crianças podem obter alimentos e aprender sobre agricultura, e nós podemos vender um pouco para comprar outros alimentos, diz Minh Tú.

nada para dar a elas, respondeu Minh Tú.

Porém, logo ela sentiu que não podia mais recusar. Ela adorava crianças e chorava por dentro quando via crianças que não eram alimentadas, que eram obrigadas a trabalhar ou que não frequentavam escola.

– Temos que abrir um orfanato, ela finalmente disse a suas monjas no pagode.

– Faremos como minha professora no pagode onde eu estava antes. Devemos dar amor a essas crianças. Eu gostaria que todas tivessem pais, mas agora não têm, e faremos o que pudermos por elas, disse Minh Tú.

Seja você mesmo

O pagode Duc Son acolheu uma criança de cada vez. A notícia se espalhou rapidamente e mais e mais crianças viviam no pagode. Depois de uma grande enchente em Hué e nas aldeias vizinhas, havia 250 crianças no pagode. Hoje,

130 crianças vivem aqui.

Muitas pessoas vinham querendo adotar as crianças, mas Minh Tú recusava.

– Quero que as crianças tenham segurança e amor, que frequentem a escola e tenham a chance de ir para a universidade. Elas devem aprender a respeitar umas às outras, viver em paz e ser elas mesmas de coração.

Algumas das primeiras crianças que chegaram ao pagode agora são adultas. Elas têm empregos e foram para a universidade. Ainda voltam e visitam, elas sabem que têm de agradecer a Minh Tú por tudo.

– As crianças são minhas plantas, às quais dou sol e rego todos os dias, para que se transformem em árvores que deem sombra e alimento para outras pessoas. Ainda me sinto como uma criança. Deve ser por isso que as amo tanto, diz Minh Tú. ☺





Yen apresenta a dança do chapéu com as amigas Nga e Phouc. Ela era dançada em Hué durante o século XIX e ainda é dançada nos principais festivais vietnamitas.

“Quando danço, não sou tí”



YEN, 15

QUER SER: Coreógrafa
GOSTA: De dançar
NÃO GOSTA: De limpar e lavar a louça
DISCIPLINA FAVORITA NA ESCOLA: Música
ÍDOLOS: Artistas sul-coreanos de K-pop

Yen costuma se sentir tímida, mas quando dança ou pratica caratê, ela se sente confiante e forte. Sua avó a trouxe para Minh Tú quando seu pai abandonou a família e a mãe era muito doente e pobre para cuidar dela.

Demora muito para escolher a música. Yen discute com suas amigas Nga e Phouc sobre qual estrela pop sul-coreana realmente é a melhor. Finalmente, elas concordam em ouvir música vietnamita mais clássica, e começam a dançar a dança do chapéu ao ritmo da música enquanto movem seus chapéus em um padrão específico.

Acima das camas de Yen e de suas amigas há posteres de estrelas pop sul-coreanas pendurados. Dentro do armário de Yen também aparecem os rostos de alguns músicos famosos.

É para esse mundo da música e da dança que Yen recorre quando quer fugir da

vida cotidiana. Ela mora no orfanato do Pagode Duc Son desde os sete anos de idade. Ela ama as monjas e amigos, mas, muitas vezes, sonha com uma vida em outro lugar.

Foi um dia triste quando Yen veio ao pagode pela primeira vez. Seu pai havia desaparecido e sua mãe, Vinh, sofria de uma grave doença mental. Por isso, a avó materna cuidava de Yen. A família era pobre, e

Yen e suas amigas junto com Minh Tú e outras monjas que as ajudaram a se embelezar antes de dançar diante das outras crianças.

cuidar da filha e da neta era difícil, pensava a avó. Ela pegou Yen pela mão e foi para Pagode Duc Son. Lá, ela pediu a Minh Tú para cuidar de Yen.

Conhece a dança

– Foi difícil. Fiquei triste, mas as monjas foram gentis e logo fiz muitos amigos, conta Yen. Ela teve a chance de começar a estudar. Foi emocionante,





mida"

mas assustador, com todos os rostos novos.

— Você gostaria de dançar, perguntou uma monja.

— Posso tentar, respondeu Yen.

As monjas ajudaram Yen e suas amigas a fazer belos penteados e a se maquiári de modo que quase parecessem bonecas. Elas puderam usar vestidos finos de seda.

Quando a música começou, Yen não conseguia ficar parada. Ela tinha que se mover. Ela observou as monjas demonstrarem como se mover ao ritmo da música.

Logo as meninas tiveram que se apresentar na frente das outras crianças. Foi emocionante e seu estômago revirou. Porém, quando a música começou, Yen não viu o público. Ela apenas ouviu a música e seguiu os passos de dança que havia aprendido.

— Sinto-me livre. O público

não me incomoda, disse Yen. Ela explicou às monjas que gostava muito de dançar. Ela dançava toda semana com suas amigas. Sonhava em entrar na academia de dança e se tornar coreógrafa.

Quer visitar a mãe

Yen geralmente sentia falta da mãe e da avó. Ela sabia que elas estavam em algum lugar do lado de fora do pagode.

— Gostaria de me encontrar com minha avó e minha mãe,

Yen disse a Minh Tú um dia.

— Entendo, respondeu Minh Tú. Podemos providenciar para que você as encontre todo feriado de Ano Novo.

Ela explicou a Yen que o mais importante de tudo era frequentar a escola. Na casa da avó e da mãe, não havia certeza se Yen poderia fazê-lo.

— Elas não têm muito dinheiro porque não podem trabalhar, disse Minh Tú.

Yen entendeu, mas estava feliz por poder ver sua mãe e

avó. Muitas das outras crianças no orfanato não tinham pais. Mas ela tinha, embora fossem doentes e pobres.

Quando saiu para visitar sua família, Yen viu algo diferente do pagode. Ela conheceu a antiga cidade de Hué. Era grande, com muitas pessoas e lojas.

À medida que crescia, Yen começou a sonhar cada vez mais. Ela começou a pintar e treinar karatê, quando não estava dançando.



Yen ama a prática de karatê tanto quanto a dança.



Na hora do trabalho de casa, uma das freiras do pagode está sempre presente, pronta para ajudar.



Yen e outras crianças mais velhas ajudam a servir as crianças menores na sala de jantar do pagode.



Na aventura

Na escola, havia vários colegas que moravam dentro de Hué com suas famílias. Eles sempre contavam sobre festas e como costumavam fazer compras nos finais de semana.

Parecia emocionante. Um dia, um amigo de escola perguntou se Yen e algumas outras meninas queriam ir junto.

– É fácil. Alguns dos mais velhos nos contaram como fazê-lo, disse uma das amigas de Yen no pagode.

Após o jantar naquele dia, Yen ajudou a colocar as crianças menores para dormir. Em

seguida, ela fez o Yen e outras crianças mais velhas ajudam a servir as crianças menores na sala de jantar do pagode. Junto com suas amigas, ela se preparou para ir se deitar.

Quando as luzes se apagaram e as monjas foram para a cama, Yen e as amigas se esgueiraram. Eram dez meninas. Elas trocaram de roupa e saíram silenciosamente pelo portão da frente. Na estrada, conseguiram transporte e entraram em um grande shopping center em Hué. Elas passaram tempo com seus

colegas de classe, rindo e apenas conversando enquanto olhavam as vitrines. Foi emocionante fazer algo proibido e uma sensação boa fugir do pagode por algum tempo.

Ao voltarem para casa tarde da noite, as monjas as aguardavam no pagode. E estavam aborrecidas. Yen e as amigas foram mandadas para a cama imediatamente. No dia seguinte, elas tiveram que ficar de joelhos por um longo tempo e pensar no que haviam feito.

– Isso não foi problema. Amo Minh Tú e as outras

monjas. Elas são como minha família, e nunca tenho medo quando estou com elas. Ao mesmo tempo, quero ser independente e fazer o que quiser. Mal posso esperar até ser adulta, diz Yen. ☺



Yen logo que chegou ao orfanato.



Boa noite com K-Pop

Yen e suas amigas gostam de K-Pop e costumam debater qual estrela do K-Pop é a melhor.



Mai sonha ser musicista

Mai tinha apenas um mês quando perdeu os pais na pior tempestade a atingir o Vietname em cem anos. Amigos da família levaram Mai para Minh Tú, que a recebeu com muito amor.

Quando Mai cresceu, seu primeiro sonho para o futuro era ser como Minh Tú e ajudar os pobres.

Em poucos dias, o nível do grande rio Perfume, que atravessa a cidade de Hué, subiu vários metros. Todas as pessoas tiveram que fugir da água que subia.

A pequena Mai tinha apenas alguns meses de idade. Seu pai desapareceu nas violentas correntes do rio, mas sua mãe se recusava a acreditar que ele estava morto. Ela deixou Mai com alguns amigos para ir procurar o pai.

A chuva continuou por vários dias. Era como se ela nunca quisesse parar. Quando finalmente terminou, a mãe e o pai de Mai haviam

desaparecido. Os amigos da família esperaram por mais de um mês, mas eles nunca mais voltaram. Os amigos se perguntaram o que fariam se os pais da menina estivessem mortos.

— Procure Minh Tú, no pagode Duc Son, disse um deles. Ela cuida de crianças.

Mai conhece Minh Tú

Uma mulher pegou Mai nos braços e foi ao pagode, que fica ao sul de Hué, a 800 metros do rio Perfume.

A entrada íngreme e os degraus até o pagode estavam marcados pelas inundações. Quando a chuva caía, as águas do rio Perfume haviam coberto as muitas estátuas imponentes de Buda e alagado os dormitórios das monjas.

Uma monja baixinha de óculos recebeu Mai e a mulher.

— Tenho comigo uma menina que perdeu os pais na inundação, disse a mulher.

— Não se preocupe, disse a monja, que se apresentou como Minh Tú. Era ela quem dirigia o pagode. As monjas já cuidavam de muitas outras crianças órfãs.

— Você sabe o nome da menina? perguntou Minh Tú.

— O nome dela é Mai, respondeu a mulher.

A mulher assinou um papel, se virou e foi embora. Na entrada, Minh Tú ficou com



MAI, 19

TEM SAUDADES: Dos meus pais. O rio os levou.

COSTUMA: Ajudar com as crianças pequenas.

QUER SER: Musicista.

A MELHOR COISA: Música.

A PIOR COISA: Não poder tocar música.

A cítara de Mai

Đàn Tranh é o nome vietnamita da cítara, um instrumento oblongo de madeira com 16 cordas de aço, originário da China do século XIII. A cítara vietnamita é feita de madeira da árvore do imperador. É tocada com mão esquerda pressionando as cordas e a mão direita movendo-as, como um violão. Os músicos costumam ter uma espécie de palheta de aço, plástico ou casco de tartaruga, que podem enfiar nos dedos da mão direita. Instrumentos semelhantes também são encontrados na China, Mongólia, Japão e na Coréia do Norte e do Sul.



→ mais uma criança pequena que cresceria no orfanato do pagode.

Quer ajudar os pobres

Mai se acostumou rapidamente à vida no orfanato. As monjas tinham ajuda das crianças mais velhas para cuidar dela e das outras crianças pequenas.

Quando começou a frequentar a escola, a própria Mai ajudava com as crianças menores. Ela admirava as monjas e lia sobre o budismo. Logo, mudou com suas coisas para a secção de bebês. Da mesma forma que as monjas, ela queria ser como uma mãe para as crianças menores.

Minh Tú contou a Mai a história de quando ela chegou ao pagode. O que havia acontecido com seus pais. Mai pensava que, se fosse uma boa budista, ela poderia se reunir com seus pais em outra vida.

– Quero ser como você
Minh Tú, disse Mai um dia.



Primeiro, Mai queria ser monja e ajudar os pobres.
Agora, ela quer ser musicista, mas ainda ajuda as monjas nos momentos de oração.

– O que você quer dizer?
perguntou Minh Tu.

– Monja aqui no mosteiro e ajudar os pobres, respondeu Mai.

Minh Tú explicou que Mai não precisa se tornar monja.

– Você sabe que pode ser o que quiser. Pagarei pela sua



Mai e suas amigas do orfanato da mesma idade vestidas festivamente junto a Minh Tú.

Vários metros de chuva

O Vietname tem duas estações, uma seca e outra chuvosa. Durante o período de Setembro a Fevereiro chove muito. Principalmente na área ao redor de Hué, que é particularmente exposta a fortes tempestades tropicais. Somente durante Setembro-Dezembro chove mais de dois metros. Quando chove demais, o solo não consegue absorver toda a água de uma só vez. Ao mesmo tempo, a água dos rios e outros cursos

d'água aumenta substancialmente. Em pouco tempo, grandes áreas de terra podem ser inundadas. Durante a enchente em Hué em Novembro de 1999, quando os pais de Mai desapareceram, o nível do rio Perfume subiu três metros em apenas três dias. Sete províncias ao redor do rio ficaram debaixo de vários metros de água por dias. Sete milhões de pessoas foram afectadas.

educação e universidade, se você o desejar.

Minh Tú explicou que, se Mai quisesse se tornar monja, ela deveria estudar o budismo com muita atenção. Mai fez isso. Ela ajudava as monjas durante seus momentos de oração semanais. Quando não estava lendo sobre o Buda e escrevendo longos textos em caracteres vietnamitas antigos, Mai continuava frequentando a escola e cuidando das crianças mais novas. Nas horas vagas, ela dançava e desenhava muito.

De monja a médica

Em breve, Mai começou o ginásio. Os colegas que moravam com os pais sempre contavam o que faziam nas horas vagas. Como se encontravam, iam a lojas e se divertiam juntos. Às vezes, eles convidavam Mai para ir junto, mas não era tão fácil obter a permissão de Minh Tú.

Os colegas conversavam sobre o que pretendiam estudar na universidade. Mai entendeu que, como médica, ela também poderia ajudar as pessoas. Talvez não precisasse se tornar monja.

Na escola, Mai também aprendeu que não é preciso ser monja para se reunir com seus pais em outra vida. Era



Enquanto cuida das crianças adormecidas, Mai costuma aproveitar para fazer o trabalho de casa.

possível acreditar na vida após a morte mesmo trabalhando como médica ou qualquer outra coisa.

– Minh Tú, você é como minha mãe. Eu amo você e as outras monjas. Vocês são tão gentis, mas não quero mais ser monja. Eu quero ser médica, disse Mai.

– Boa ideia, disse Minh Tú. Se você estudar muito e entrar na universidade, é possível.

Um novo sonho

Para entrar na escola secundária no Vietname, as crianças devem passar por um

teste difícil. Isso não era problema para Mai, mas ela começou a entender que entrar na faculdade de medicina seria difícil.

Outra ideia nasceu em sua cabeça. Mai perguntou às monjas se ela e as outras crianças não poderiam aprender a tocar música. Minh Tú contratou um professor de música e logo ficou claro que Mai tocava cítara muito bem.

Hoje, Mai tem outro sonho. Ela quer estudar música na prestigiosa faculdade de estudos musicais em Hué. Para entrar lá, ela precisa passar por um teste difícil, para o qual costuma praticar. ☺



Como comer com pauzinhos

No Pagode Duc Son, muitas crianças comem com colheres, mas Mai, as monjas e a maioria das outras pessoas no Vietname usam pauzinhos.

Os pauzinhos são segurados em uma mão usando o polegar e os dedos indicador e médio apoiados nos dedos anelar e mínimo. Não é educado apontar com os pauzinhos. Eles são usados somente para comer.

A comida costuma ser servida em tigelas diferentes e em pratos pequenos. Pega-se a comida com os pauzinhos e coloca-se a mesma em uma tigela pessoal.

Quando Mai chegou ao pagode ainda bebê, as crianças mais velhas ajudavam as monjas para cuidar dela. Agora, é ela quem ajuda com as crianças pequenas.



A menina junto à árvore

Em Duc Son, costuma-se falar sobre quando Minh Tú encontrou uma menina em uma cesta sob a árvore do lado de fora do pagode. Seu nome é Thao, e ela é grata às monjas por tudo. Hoje, é ela quem as ajuda.

Foi durante o Ano Novo vietnamita, que é comemorado ao longo de três dias. No primeiro dia, comemora-se com a família, no segundo, com os amigos e, no terceiro dia, celebram-se os professores do país. As monjas do pagode Duc Son recebiam muitas doações dos visitantes. Geralmente, eram envelopes com dinheiro, mas também comida e vários presentes.

Certa manhã, Minh Tú ouviu gritos de criança do lado de fora do pagode. Ela olhou para fora, mas não viu ninguém. Então, ela saiu para olhar. Os gritos pareciam vir da grande árvore.

Em um cesto junto às raízes da árvore, havia um



pequeno embrulho. Ele se mexia. Ao dobrar um pedaço do pano, Minh Tú viu um rostinho e uma boca aberta. A criança era muito pequena. Talvez tenha uma semana, pensou Minh Tú. Não havia papéis ou qualquer carta no cesto.

No pequeno orfanato do pagode, as monjas cuidavam de algumas crianças mais velhas, mas nunca haviam tido um bebê recém-nascido.

A menina foi batizada com o nome de Thao. Não havia leite no pagode, então inicialmente ela teve que tomar leite em pó e sopa de arroz.

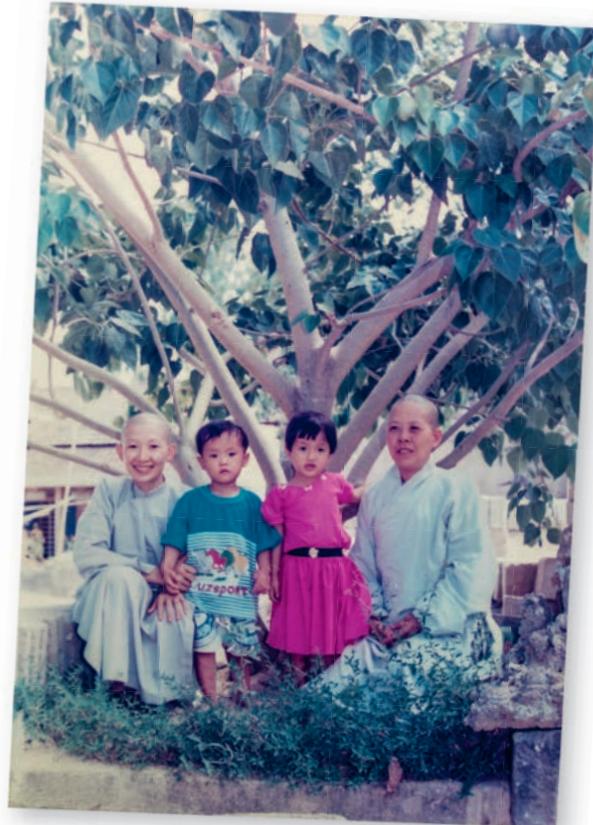
Precisa de mais comida

As crianças no pagode seguiam as monjas por toda parte. Se tinha algo a fazer,

Thao trabalha como enfermeira, mas todo fim de semana ela volta a casa, no pagode.



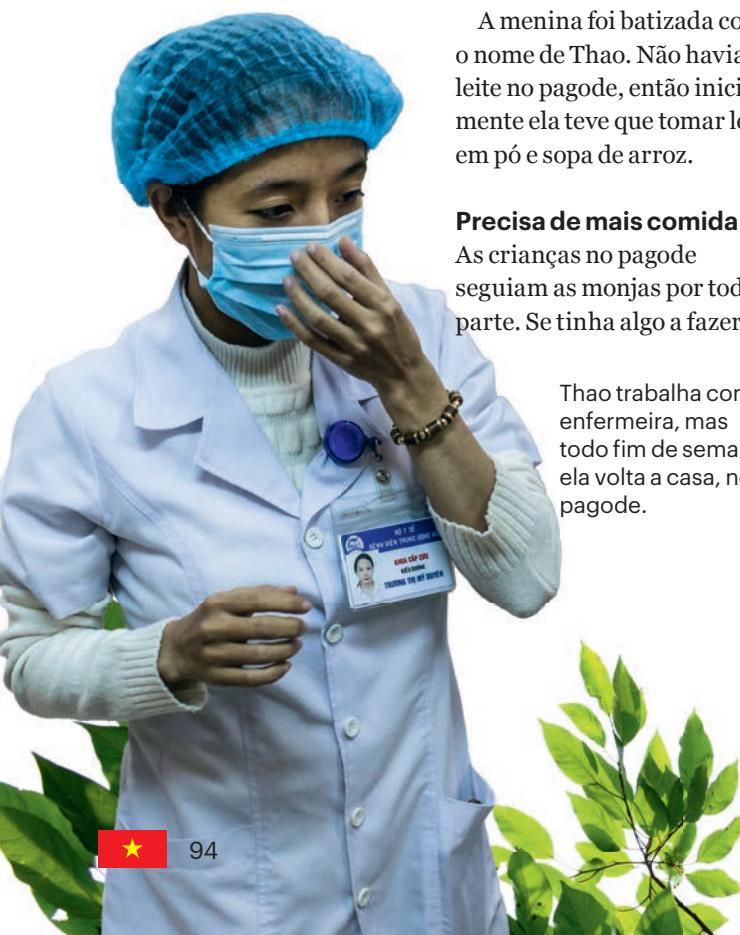
Thao chegou recém-nascida ao pagode, que tem sido seu lar durante toda sua vida.



Thao, de vestido vermelho, recebeu seu nome das monjas.



Thao, com a bolsa escolar no meio, sempre foi cuidadosa com seus estudos.



Minh Tú levava Thao consigo. Quando Thao tinha cinco anos, Minh Tú viajou para a cidade de Ho Chi Minh para um curso de budismo. Elas pegaram o trem. No caminho para casa, Minh Tú ficou muito doente.

— Agora vocês têm que se cuidar um pouco, disse Minh Tú.

— Sem problema. Você descansa e nós cuidamos de você, disse Thao.

Depois, Thao adoeceu. Ela sentia dor de estômago e Minh Tú a levou ao hospital.

— A menina não recebeu nutrição suficiente, disse o médico. Ela precisa ficar aqui por um tempo.

Minh Tú vigiava Thao dia e noite no hospital. Ela passou duas semanas sentada ao lado de sua cama.

Quer ajudar

Quando começou a estudar, Thao teve que deixar Minh Tú pela primeira vez. Ela ia e voltava da escola de ônibus com as outras crianças todos



Thao sempre acompanhava Minh Tú quando ela ajudava os pobres fora do pagode. Agora, ela sempre examina as crianças e as monjas quando volta ao pagode.

os dias.

Agora, o orfanato era maior. Mais crianças viviam ali. Minh Tú recebia cada vez mais doações de pessoas que vinham visitar. Ela conseguia obter alimentos mais nutritivos, para que as crianças pudesse crescer, ficar fortes e ter energia para ir à escola.

Thao cresceu e, sempre que tinha tempo de sobra, acompanhava Minh Tú enquanto ela ajudava os pobres fora do pagode. Logo, a própria Thao decidiu trabalhar na área da saúde. Ela não queria apenas ser capaz de ajudar os outros. Queria também cuidar das monjas, que haviam lhe dado

tanto, e das crianças do orfanato.

Após a escola secundária, Thao entrou na escola de enfermagem. Hoje, ela trabalha dentro do hospital de Hué, mas vai ao pagode todo fim de semana. Lá, ela faz exames de saúde nas crianças e nas monjas. ☺



Thao e Trung se conheceram no orfanato

Quando Thao tinha sete anos, dois novos meninos chegaram ao orfanato em Duc Son. Os gêmeos Trung e Thnong tinham a mesma idade que ela. Durante todo o período da escola, eles moravam no pagode, brincavam e estudavam juntos. Quando chegou a hora da universidade, os gêmeos deixaram o pagode e Thao estudou enfermagem. Vários anos depois, Trung reapareceu no pagode. Ele queria convidar Thao, que também estava lá visitando, para um encontro.

Trung começou a trabalhar no pagode. Minh Tú o contratou para iniciar um cultivo de cogumelos, para que as crianças do orfanato tivessem mais para comer, e as monjas tivessem algo para vender na feira.

Hoje, Trung e Thao são casados e moram em Hué.



A um passo do sucesso

Se ao menos Nhon tivesse subido as escadas.

Neste caso, ele poderia jogar futebol com o grupo paraolímpico do Vietname ...

Imagine poder representar o Vietname nos Jogos Paraolímpicos. Nhon tinha dificuldade em abandonar esse pensamento, mas os gritos altos das outras crianças o despertaram de seus devaneios. A peteca estava no chão ao seu lado. Ele havia errado.

Nhon pegou a peteca e reba-teu com sua raquete de badminton. O badminton era divertido, mas não tanto

quanto o futebol. E era verdade que uma pessoa do Comitê Olímpico do Vietname o havia convidado para entrar para o grupo de futebol do país para jovens com deficiência. Nhon nasceu com uma lesão cerebral.

Esperança perigosa

Agora, os amigos gritavam novamente. Ele viu como a peteca voou em um arco amplo sobre ele e caiu sobre a



grade do pátio do orfanato. Nhon correu para a frente e olhou. A peteca estava três metros abaixo.

— Corra e pegue-a, gritavam os amigos. Quem errou foi você!

Mais tarde, ao contar à enfermeira o que havia acontecido, ele percebeu que seu cérebro havia pregado uma peça nele. Em vez de correr para a escada e descer, Nhon pulou. Ele gritou de dor quando o pé dobrou sob seu corpo. As crianças que aplaudiam, riram inicialmente. Em seguida, elas se calaram e correram para buscar as monjas.

Não haveria Jogos Paralímpicos para Nhon. Ele havia torcido o pé. E o grupo de futebol paraolímpico do Vietname também não conseguiu se classificar para os Jogos. Portanto, talvez a questão do pé não tenha importado muito.

Fábrica incenso

Nhon senta-se à máquina para fazer incenso.

— Você pode me dar mais bastões, Nhi, ele pede ajuda a uma rapariga mais nova. Em um bom dia, Nhon faz mil bastões de incenso. Neste caso, ele também tem ajuda do irmão mais velho de Nhi.

Nhon é alto, quando comparado às outras crianças na divisão do pagode Duc Son para crianças com deficiências. Várias das crianças mais novas estão sentadas em uma sala adjacente e desenhando. Um menino cego é ajudado por uma enfermeira.

O desporto nacional do Vietname

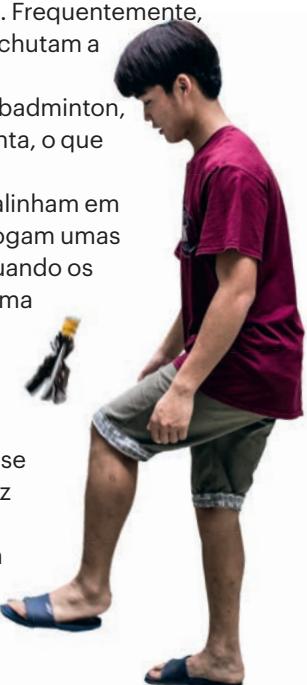


Consegue manter uma peteca no ar por muito tempo. Ele faz malabarismos e a mantém parada nos joelhos e na ponta dos pés. Ela não deve tocar o chão, e é proibido usar as mãos.

Badminton é a modalidade de desporto nacional do Vietname. No pagode Duc Son, quase todas as crianças jogam badminton. Frequentemente, elas ficam em um ringue e chutam a peteca entre si. A peteca é semelhante a uma bola de badminton, mas tem mais pesos na ponta, o que a faz cair sempre.

Às vezes, as crianças se alinham em dois lados de uma linha e jogam umas contra as outras. Porém, quando os profissionais jogam é em uma quadra de badminton.

Con diz que quando as crianças no pagode jogam futebol, é sério. Badminton é mais como um jogo. Eles se elogiam quando alguém faz algo legal ou riem quando alguém erra ou tropeça em busca da peteca.



O veneno laranja

Entre 1961 e 1971, os EUA pulverizaram grandes partes do Vietname com o pesticida Agente Laranja. Ele faz com que árvores e plantas percam suas folhas. Os EUA queriam usar o veneno para tornar mais difícil para os soldados do Vietname do Norte se esconderem na selva. O veneno também destruiu os alimentos cultivados nos campos. Os EUA queriam que os soldados do lado oposto não tivessem alimentos para comer, mas as pessoas comuns foram as mais atingidas. O nome Agente Laranja vem dos recipientes laranja onde o veneno era armazenado. Os EUA montavam o veneno em seus helicópteros e sobrevoavam florestas e campos para borrifá-lo. O Agente Laranja contém muitos venenos diferentes, incluindo substâncias que são tão perigosas



no futebol

Nhon pressiona uma massa marrom em um tubo de aço e acciona uma alavanca para que o bastão de madeira estreito seja alimentado através do tubo de aço. Quando o bastão sai do outro lado, é um bastão de incenso acabado, para ser usado no pagode quando as crianças e monjas oram para o Buda. O pagode também vende bastões para quem quiser incenso em casa.

Querido por todos

Muitas das crianças no orfanato do pagode Duc Son são órfãs. Contudo, a mãe de Nhon trabalha na cozinha do pagode. Ela também tem um cérebro que às vezes lhe prega peças. Ninguém sabe que tipo de variação funcional ela tem. A mãe de Nhon vem do Vietname do Norte, e as monjas dizem que ela foi afectada pelo pesticida Agente Laranja, que os soldados americanos pulverizavam sobre o

Vietname do Norte durante a guerra.

A mãe de Nhon vivia nas ruas e mendigava quando engravidou. Ela conheceu uma mulher que lhe aconselhou a procurar a monja Minh Tú, no pagode Duc Son em Hué. Pouco tempo depois, Nhon nasceu no orfanato do pagode. Ele herdou os desafios de sua mãe. Nhon teve dificuldade para aprender a falar, ler e escrever. Ele se irritava facilmente e tinha explosões de fúria, além de dificuldade para controlar os movimentos do corpo. Porém, com o apoio e ajuda das freiras e das outras crianças, Nhon tornou-se mais calmo e sente-se melhor.

Nhon é querido por todos no pagode. Ele ajuda a cuidar das crianças pequenas e ajuda na limpeza enquanto as outras crianças estão na escola. Quando voltam, as crianças jogam futebol com Nhon. ☺



Com ajuda, Nhon consegue fazer mil incensos por dia. No budismo, é importante acender incenso durante as preces, como presente ao Buda. O incenso exala um aroma forte, dependendo das ervas usadas para fazê-lo.

para humanos que poucos outros venenos no mundo podem competir com ele. Ninguém sabe quanto veneno foi pulverizado sobre o Vietname, mas foram cerca de 100 milhões de litros. Entre 3 e 4,8 milhões de pessoas podem ter sido afectadas pelo veneno. Quase meio milhão de crianças nasceram com deformidades e deficiências. Atualmente, o veneno é proibido.



Prepare o Dia do Agente de Mudança

Votação Mundial • Minha voz por mudança • Volta ao Globo por direitos e mudança

Agora é hora de garantir que todo o necessário para o Dia do Agente de Mudança seja preparado. Para a Votação Mundial, é preciso produzir, entre outras coisas, a lista de eleitores, urnas e cabines eleitorais. Discursos devem ser escritos e cartazes produzidos para o Minha Voz por Mudança e a Volta ao Globo por direitos e mudança. Mas comecem convidando, com antecedência, suas famílias, os meios de comunicação e políticos locais para o seu Dia do Agente de Mudança...

Para a Votação Mundial, vocês precisam de:



1 Lista de eleitores

Todas as crianças que têm direito a voto devem estar na lista e ter seus nomes marcados ao receber suas cédulas.

2 Urnas eleitorais

Todas as ideias são permitidas. As urnas podem ser qualquer coisa, de latas vazias, caixas de papelão e panelas, que receberam tampas do WCP, até urnas imaginativas, como casas e barcos.

3 Cabine eleitoral

As cabines eleitorais do WCP tendem a ser imaginativas, feitas, por exemplo, de talos de milho, tubos de bambu ou tecidos. Alguns emprestam cabines eleitorais das eleições dos adultos. O importante é conseguir manter o segredo do voto e que ninguém possa ver como os outros votam.

4 Cédulas de votação

As cédulas de votação precisam ser cortadas. É importante que os três heróis dos direitos da criança estejam na mesma cédula de votação!

5 Evitar a fraude eleitoral!

Marque a pessoa que deposita seu voto com uma caneta hidrográfica, tinta de carimbo ou outra tinta disponível. Assim, ninguém pode votar duas vezes.





6 Nomear oficiais eleitorais

Os seguintes são necessários, mas vocês também podem se revezar:

- Mesários, que marcam os nomes na lista de eleitores e distribuem as cédulas de votação.
- Fiscais, que monitoram se tudo ocorre como deveria.
- Apuradores, que contam os votos de cada herói dos direitos da criança.



Para o Minha Voz e a Volta ao Globo vocês precisam:

1 Escrever discursos e poemas

Sobre as mudanças que desejam ver para que os direitos da criança sejam mais respeitados.

2 Produzir cartazes e faixas

Obtenham cartolinhas, folhas grandes de papel, tecido claro, tintas e varetas. Escrevam sobre as mudanças que vocês desejam ver. Tenham em mente que as suas palavras devem poder ser lidas de longe. Escrever frases completas não funciona bem. Por exemplo, "Todas as meninas na escola" ou "Sem casamento infantil" diz o suficiente, e pode ser escrito em letras grandes.

3 Preparar o local do encontro

Onde vocês se reunirão após a Votação Mundial para exibir seus cartazes, fazer discursos e talvez apresentações com música e dança para celebrar os direitos da criança?

4 Preparar a Volta ao Globo

Qual rota vocês seguirão nos seus 3 quilômetros com cartazes e faixas? Talvez para o edifício mais importante da cidade, para que o maior número de pessoas possível os vejam? Em muitos países, a polícia protege a rota da caminhada de Volta ao Globo das crianças.



Nenhuma criança-soldado.



Não a tirar as meninas da escola.



Não à miséria.





1

Fila para votar
em Burkina Faso

Votação Mundial

O Dia do Agente de Mudança começa com a eleição democrática das crianças, a Votação Mundial, mas algumas escolas começam o dia com música e dança, talvez até um discurso, para celebrar os direitos da criança e abrir o Dia do Agente de Mudança da escola. Até hoje, quase 46 milhões de crianças depositaram o voto no seu herói dos direitos da criança na urna eleitoral.

2 Assine a lista de eleitores



3 Receba a cédula de votação



4

Vá à cabine eleitoral e marque sua escolha na cédula de votação



5

Hora de votar
no Togo

Marcação contra fraude eleitoral

6



Votando pela primeira vez

“Eu tinha ouvido falar dos direitos da criança no rádio, mas agora os entendo melhor, principalmente que os direitos das meninas são iguais aos direitos dos meninos. Ao ler a revista O Globo, descobri pessoas que lutam pelo respeito aos direitos da criança. O Dia do Agente de Mudança correu bem na minha escola, tivemos a Votação Mundial e a Caminhada de Volta ao Globo. Eu pude votar pela primeira vez na minha vida.”

Prince, 12, escola Kérè, Benin

Satisfeita com a eleição

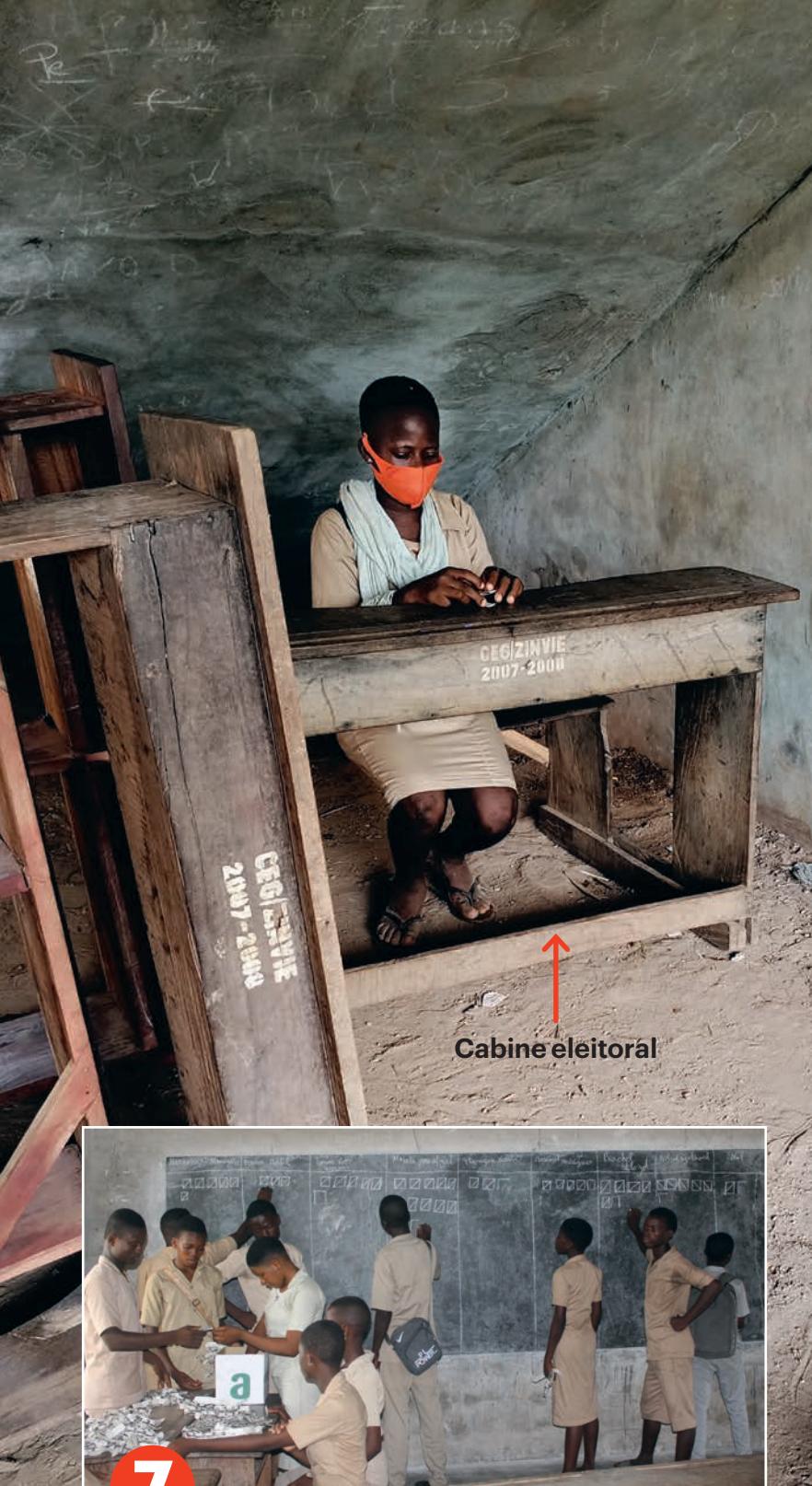
“Fiquei muito feliz em poder participar da Votação Mundial democrática. Eu gostaria que os nossos pais também lessem a revista O Globo para entenderem os direitos da criança. O WCP me ensinou sobre os meus direitos, e a Votação Mundial me permitiu usá-los quando escolhi o meu herói dos direitos da criança.”

Chenai, 15, Rutendo, Zimbabwe



100





7

Contagem dos votos
na escola Kèrè, no Benin



A Votação Mundial me dá esperança

“A Votação Mundial me dá esperança de que os meus direitos serão defendidos. Durante muito tempo, os direitos da criança foram violados porque não os conhecíamos. O WCP nos ensinou sobre os nossos direitos, e nos permite praticar nossos direitos democráticos, para que possamos usá-los no futuro.”

Selina, 11, Kagande, Zimbabwe

A democracia é importante

“A democracia é importante e, como embaixadora dos direitos da criança, nossa missão é encorajar outras crianças a usar seus direitos democráticos, como fizemos hoje, e também aumentar o conhecimento nas nossas comunidades sobre o que é a democracia e como ela é importante.”

Ngoni, 17, Mbare, Zimbabwe

Devemos poder votar sobre tudo o que nos diz respeito

“Foi a primeira vez que participei de uma votação. Acho que nós, crianças, devemos participar regularmente das eleições que nos afejam. É nosso direito sermos ouvidos nos assuntos que nos dizem respeito.”

Danile, 11, Bunia, R.D. Congo

O governo pode aprender

“A Votação Mundial é uma verdadeira eleição democrática, da qual nós, crianças, temos orgulho de participar. Os nossos pais e o nosso governo devem aprender como nós, crianças de diferentes origens, nos reunimos e nos preparamos para a eleição sem fraude, sem violência eleitoral e sem compra e roubo de votos!”

Paul, 12, Ogori, Nigéria

Toma as próprias decisões

“Ninguém tenta influenciar em quem votamos, então a eleição é justa. Nós tomamos as nossas próprias decisões. Somos nós, crianças, que organizamos a eleição, e fazer parte disso é fantástico.”

Davida, 13, Makeni, Serra Leoa

As nossas vozes são ouvidas na Votação Mundial

“As aulas com o Prêmio das Crianças do Mundo nos ensinaram sobre as pessoas super fantásticas que garantem que os direitos da criança sejam respeitados no mundo. Acima de tudo, entendemos que todas as pessoas devem ser tratadas igualmente. Falamos muito sobre o direito de todas as crianças a frequentarem a escola, e que há muitas crianças no mundo que sonham em ir à escola. Com o programa do WCP, sentimos que podemos participar da mudança do mundo e fazer ouvir nossas vozes quando votamos na Votação Mundial.

Adquirimos conhecimentos que nos fizeram entender a gravidade das mudanças climáticas, e que devemos agir agora!! Queremos ter orgulho diante da geração futura, e que ela entenda que lutamos para cuidar da Terra”.

Ottilia, Eija, Ingrid, Lisa & Liv, 11, escola Ålstens, Suécia

Soldados impedem a Votação Mundial

Por muitos anos, as crianças da região do povo karen, na Birmânia, país também conhecido como Mianmar, aprenderam sobre os seus direitos e a democracia com o programa do WCP. Antes, quando a Birmânia era uma ditadura militar cruel, as crianças karen ainda realizavam sua própria Votação Mundial democrática todo ano. Agora, a Birmânia voltou a ser uma ditadura militar. Algumas escolas das crianças karen foram bombardeadas ou incendiadas pelos soldados, e é incerto se as crianças poderão participar da Votação Mundial deste ano.

A minha primeira Votação Mundial

“Eu moro com o meu avô, porque meu pai morreu ao pisar numa mina terrestre do exército. Tenho que caminhar por uma hora até a escola. Eu tinha acabado de participar do programa do WCP e da Votação Mundial pela primeira vez. Ao ler a revista O Globo, aprendi sobre os direitos da criança, que todas as

crianças têm o direito de ir à escola e brincar, e que não podem ser forçadas a entrar para o exército.

Um dia, meu avô disse que o avião bombardeiro estava próximo. Alguns minutos depois, grandes explosões foram ouvidas. Então, todos corremos para a floresta e procuramos a caverna. Não tivemos tempo de trazer cobertores ou roupas.

Não entendo por que o exército birmanês está nos atacando. Somos apenas aldeões, vivendo no nosso próprio lugar e não podemos ameaçá-los.”

Saw Ywa, 12



A minha escola foi bombardeada

“Eu caminho 45 minutos para chegar à escola. Comecei a participar do programa do WCP quando tinha 10 anos. Através da leitura da revista O Globo, aprendi sobre os direitos da criança e que as meninas têm os mesmos direitos que os meninos. Antes, eu não fazia ideia dos meus direitos, mas agora sei como fazer para que eles sejam respeitados.

Quando o exército birmanês atacou as nossas aldeias, corri para a floresta. Tínhamos só um pouco de

arroz e sopa de legumes para comer. Os militares bombardearam a minha escola. Fizemos a escola ao ar livre na selva. Fiquei na floresta por dois meses. Ainda não consigo estudar em paz, pois tenho que estar preparada para os bombardeiros nos atacarem novamente a qualquer momento.”

Naw Sha, 15



Tem medo de cobras e bombas

“A minha aldeia fica no alto de uma montanha, não muito longe de um dos acampamentos militares. Eu participei do programa do WCP e depois caminhei até a escola Wai Nor Dern, onde várias escolas se reuniram para realizar a Votação Mundial. Aprendi muito sobre os direitos da criança, especialmente os direitos das meninas. Eu sei que as crianças têm o direito de ir à escola e não devem ser forçadas a tornarem-se soldados.

O primeiro avião veio no início da noite e voltou mais três vezes durante a noite, passando perto de nossas casas e sempre lançando bombas. Todos na aldeia correram para a grande caverna. As crianças gritavam e choravam. Tive medo do avião, mas também das cobras e insetos da caverna, onde dormi no chão, sem cobertor.”

Naw Lah, 12

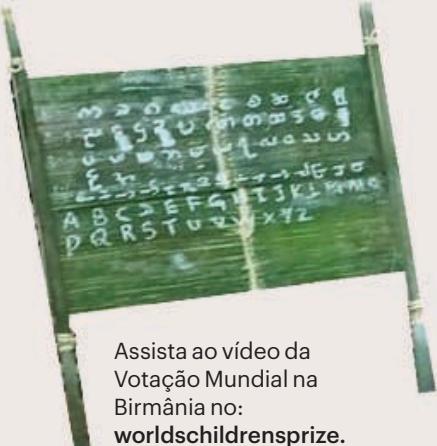


Aqui, crianças de várias escolas karen costumam se reunir para a Votação Mundial, mas, este ano, os soldados e os homens-bomba podem impedir que as crianças participem da 20ª Votação Mundial.





Na escola da selva, o “quadro-negro” é verde e feito de folhas largas. Aqui, as crianças aprendem os nomes dos dias da semana em inglês, mas também precisam aprender um novo alfabeto.



Assista ao vídeo da Votação Mundial na Birmânia no: worldschildrensprize.org/video-collection

Buracos para abrigo foram cavados na floresta. As crianças podem pular para dentro deles se os bombardeiros vierem. Mas é preciso ter cuidado, pois pode haver cobras.



Minha voz por mudança

Com os seus cartazes **contra** o casamento infantil e a violência contra crianças, e **a favor** do direito das meninas à escola, da igualdade de direitos de todas as crianças e da luta contra as mudanças climáticas, as crianças de muitas escolas e países elevam suas vozes após a Votação Mundial. Elas querem ver uma mudança, para que os direitos da criança sejam mais respeitados. As crianças discursam umas para as outras, para os pais e políticos e, às vezes, são entrevistadas por jornalistas. Em breve, elas deixarão o pátio da escola carregando cartazes para encerrar o seu Dia do Agente de Mudança com a **Volta ao Globo por direitos e mudança...**



Volta ao Globo por direitos



Ao som de tambores, trombetas e cantoria, os alunos da escola Hubert Maga em Parakou, no Benim, caminharam e dançaram pelos seus três quilômetros, com cartazes exigindo respeito pelos diversos direitos da criança, particularmente a igualdade de direitos das meninas.



"Todas as meninas na escola."

Os estudantes em Parakou, no Benin, alternam entre caminhar e dançar durante a sua Volta ao Globo por direitos e mudança. As trombetas, os tambores e a cantoria tornam os três quilômetros divertidos para eles.

– Os direitos da criança não são respeitados no Benin. Na sexta classe, eu tinha uma amiga. Ela mal tinha completado treze anos quando seus pais a mandaram se casar, porque não tinham dinheiro para mantê-la. Nossos cartazes mostram que a igualdade entre meninas e meninos

não é respeitada, conta François-Xavier, 16.

Até o momento, 1,6 milhão de crianças em 5.455 escolas de 20 países percorreram quase 5 milhões de quilômetros, ou mais de 121 Voltas ao Globo.

Ao final do Dia do Agente de Mudança, a Volta ao Globo mostra que as crianças levam a sério o desejo de ver um respeito maior pelos direitos da criança. E, juntas, elas espalham a mensagem em suas respectivas aldeias ou cidades, e por todo o mundo.



e mudança



Os alunos da escola Massi-Zogbodomé, no Benin, percorrem seus três quilômetros com cartazes e faixas exigindo maior respeito pelos direitos da criança.



Ao completar a sua caminhada de Volta ao Globo, os alunos da Escola Primária Hurungwe, no Zimbábue, vão pela estrada. Por isso, eles pediram ajuda ao policial, que parou todos os carros e os fez passar devagar.



Missão do Agente de Mudança

Todos que participam do programa do WCP podem ser agentes de mudança e difundir os direitos da criança e a igualdade de direitos das meninas! Às vezes, pode ser melhor se vocês forem vários amigos que se ajudam.

Nos 20 anos do programa do WCP, 46 milhões de crianças aprenderam sobre os seus direitos. Mais de meio milhão de professores aprenderam a ensinar sobre os direitos da criança. Quase todas as crianças e professores contaram às suas famílias, amigos, vizinhos e outras pessoas na aldeia e na

vizinhança que os direitos da criança existem e devem ser respeitados. Juntos, eles foram uma grande força de mudança, que alcançou pelo menos meio bilhão de pessoas. E que continuará alcançando cada vez mais!

Missão
direitos



Comece com o seu amigo

Todos podem, como a menina do Nepal, contar aos seus amigos sobre os direitos da criança. Você também pode acompanhar os seus amigos à casa e ajudá-los a contar às suas famílias sobre os direitos da criança e que a igualdade de direitos das meninas deve ser respeitada sempre.



Seja embaixador(a) dos direitos da criança

A partir de 1º de julho, haverá um curso no worldschildrensprize.org/cra para quem deseja se tornar embaixador(a) dos direitos da criança.



↑ A família e os vizinhos

A menina em Moçambique lê a revista O Globo em voz alta para a avó, os irmãos e crianças vizinhas. Muitas meninas contaram como seus pais mudaram de ideia depois de ler a revista O Globo, e as deixaram continuar na escola.



Comece um clube dos direitos da criança

Se você tem vários amigos que acham que os direitos da criança são importantes, vocês podem começar um clube dos direitos da criança. Neste caso, vocês podem aprender mais juntos, e planejar como podem ajudar amigos que estão passando por momentos difíceis em casa e meninas que foram forçadas a abandonar a escola. As crianças têm o direito de fazerem ouvir as suas vozes em questões importantes e, juntas, vocês podem ousar fazê-lo!



Conte aos líderes

Hassan e Kim, no Zimbábue, convidaram os líderes de várias aldeias para falar sobre os direitos da criança, e que meninas e meninos têm os mesmos direitos. Líderes que apoiam os direitos da criança e a igualdade de direitos das meninas são agentes de mudança importantes.





Visite autoridades

Juntos, vocês podem ousar mais. Meninas de muitas escolas em Moçambique se reuniram e solicitaram uma reunião com a autoridade escolar. Elas contaram que era comum os professores exigirem sexo para avaliar bem as meninas, para que elas progredissem para a próxima classe, e exigiram que isso terminasse. Agora, as suas escolas estão livres do abuso!



↑ Fale com a polícia

A polícia tem sempre a obrigação de receber denúncias de violações graves dos direitos da criança. Nem todos os policiais sabem que os direitos da criança existem e que o seu país prometeu respeitá-los. Você pode ensinar a eles, como a menina de Moçambique faz aqui.



Embaixadores dos direitos da criança no Vietname

Em Hanói, no Vietname, nove adolescentes fundaram um clube dos direitos da criança e fizeram treinamento como embaixadores dos direitos da criança, com a ajuda da revista O Globo e do sítio da web do WCP. Depois, eles divulgaram os direitos da criança para suas famílias, o seu ambiente em casa e na escola, além das mídias sociais.

Entre em contacto com jornalistas

Você pode pedir aos jornalistas que façam reportagens sobre os direitos da criança e sobre as violações comuns dos mesmos onde você mora. Sugira-lhes que entrevistem você e seus amigos. As embaixadoras dos direitos da criança Tatiana e Marie-Jurince foram entrevistadas na Royal TV, no Benin:



Marie-Jurince: «Aprendi que os direitos da criança não devem ser violados, especialmente os direitos das meninas. Devemos garantir que as crianças possam se desenvolver e receber uma boa educação escolar. E, para chegar a quem viola os direitos da criança, peço a todos que conscientizem os mais velhos, e que os nossos amigos se juntem a nós por um mundo melhor.»

Tatiana: «Quando é embaixadora dos direitos da criança, você tem que lutar e ensinar aos outros o que aprendeu sobre os direitos da criança. E conversar com os anciãos da sua região sobre permitir que as meninas frequentem a escola.»

GANG

Que turma
pelos direitos
das meninas e
contra a punição
corporal



As meninas se encontram regularmente na escola e depois da igreja no domingo, para conversar sobre os direitos da criança e sobre o que fazer. Elas são a GANG, (Garotas de Uma Nova Geração Ativa, em inglês). São Embaixadoras dos Direitos da Criança do WCP em Bonteheuwel, um subúrbio muito violento na África do Sul. Há muitas gangues envolvidas com drogas e tiroteios. Milhares de pessoas foram mortas, muitas delas crianças inocentes, atingidas por balas perdidas.



Ashlyn, Taylor, Zoe, Tasneem e Bianca são metade das dez garotas da GANG.

Meninas podem apoiar meninas

“ Sou Embaixadora dos Direitos da Criança e tenho a responsabilidade de usar minha voz para dizer a minhas amigas o que elas podem fazer se um adulto as machucar de alguma forma. Somos dez meninas Embaixadoras na nossa escola. Chamamos o nosso grupo de a GANG, que significa ‘Garotas de Uma Nova Geração Ativa’.

As meninas podem denunciar para nós se acharem que os seus direitos foram violados, e iremos com elas à Comissão de Direitos Humanos da nossa região. Às

vezes, contar à polícia não ajuda, embora a lei diga que eles devem investigar qualquer caso de abuso infantil que seja denunciado. Se não quiserem fazê-lo, eles estão infringindo a lei. Temos sorte de ter um director que é gentil conosco e incentiva nosso trabalho como embaixadoras na nossa escola.

Apoia pessoas com problemas

Em Bonteheuwel, temos muitos desempregados que recorrem às drogas e ao álcool para aliviar a dor. É por isso que temos tantas gangues violen-

tas. Consigo me identificar, porque cresci com a minha irmã mais velha, que começou a beber desde o colégio, quando eu era uma garotinha. Moramos com a minha mãe, e as coisas costumam ser muito difíceis, não temos o suficiente para comer e comprar remédios.

Mas eu sou a guardiã da minha irmã. Nós compartilhamos o quarto desde que me lembro, e eu a amo. Não quero perdê-la. Conversamos sobre os seus problemas e ela promete parar. Ela tenta e tenta, mas não consegue.

Amo a minha irmã por

quem ela é, apesar das coisas ruins que as outras pessoas dizem sobre ela. Acho que é por causa da minha irmã que considero meu dever apoiar pessoas que têm problemas.

Eu apoio meninas

Acredito que Meninas podem apoiar Meninas. Como Embaixadora dos Direitos da Criança do WCP, quero estar presente para as meninas que não têm com quem conversar sobre como os seus direitos são abusados aqui em Bonteheuwel.”

Zoe, 17



Reunião da GANG.

PUNIÇÃO CORPORAL E OUTRAS VIOLÊNCIAS NA CONVENÇÃO DOS DIREITOS DA CRIANÇA

ARTIGO 19. Você tem direito à proteção contra toda forma de violência, contra a negligência, os maus-tratos e os abusos. Você não pode ser explorado(a) por seus pais ou outros responsáveis pela sua tutela.

ARTIGO 28. Você deve se desenvolver o máximo que puder na escola, e nenhum professor ou outro adulto pode te punir com violência.

ARTIGO 37. Ninguém pode te punir de forma cruel e humilhante.



GANG

As meninas em O Globo nos fortalecem

“ Como Embaixadora dos Direitos da Criança, eu me importo com os direitos da criança, especialmente das meninas. Na minha comunidade, não é fácil ser uma adolescente, porque você não está segura nem para ir à loja da esquina, à igreja, ou mesmo à escola, porque teme ser assaltada ou molestada. Entristece-me perceber como as meninas não conhecem os direitos que têm.

Uma jovem chamada Keila mora na minha rua. Ela tem doze anos e é a filha mais velha da sua mãe. Keila tem um lugar especial no meu coração, pois vejo o abuso emocional que ela deve passar por causa do álcool. A mãe dela gasta a maior parte do salário comprando bebida alcoólica. Keila precisa comprar comida e pão a crédito na mercearia da esquina, pois não tem dinheiro para com-

prar o que precisa. A minha mãe agora acolheu Keila como sua ‘criança da sopa’, o que significa que todos os dias Keila vem à nossa casa buscar seu desjejum e almoço.

Essas são as coisas que vejo e vivencio na minha comunidade do gueto. Ser Embaixadora dos Direitos da Criança e membro da GANG me fortaleceu, porque posso conversar com as minhas colegas sobre os seus direitos e ajudá-las nas pequenas coisas que consigo. Quando lemos O Globo, também vemos que outras meninas sofrem ainda mais do que nós. Lemos o que as meninas fazem a respeito, e isso nos fortalece.”

Ashlyn, 17

Muitos professores batem nos alunos com a régua de aço e outras coisas.

As habitações em Bonteheuwel são amontoadas, e muitas são pobres.



Ashlyn

Taylor

Batendo na minha amiga

“ Alguns homens roubam meninas, as levam embora e batem nelas. Não ando sozinha na rua. Como Embaixadora dos Direitos da Criança do WCP, quero me posicionar e usar a minha voz para explicar os direitos da criança aos adultos. Quando eu crescer, sonho ser professora para poder ensinar as crianças a se defendarem.

Eu tenho uma amiga cujo pai morreu anos atrás. Sua mãe se casou novamente e ela não gostou do novo padrasto. Quando a mãe se casou com aquele homem, algum tempo passou e aquele homem começou a bater na mãe dela.

Salva por sua Mãe

Quando estava bêbado, o homem batia nela e na sua mãe. Um dia, o homem quis estuprar a minha amiga, mas sua mãe empurrou o homem para longe, para que ela tivesse tempo de fugir.

Um dia depois, ela voltou à casa, mas aquele homem havia espancado a sua mãe, e a esfaqueado até a morte. A minha amiga soube que sua mãe a protegeu para que ela pudesse viver. O homem agora está preso, e a minha amiga mora com sua tia. Ela se juntou a nós na GANG, para também poder fazer parte do nosso grupo de meninas que apoiam meninas.”

Tasneem, 15



Zoe

Tasneem

Bianca

Desculpou-se por fazer o certo

“ Quando alguém ouve a palavra GANG (gangue, em inglês) na nossa comunidade, pensa em pessoas que traficam drogas e praticam violência. Quando alguém vê uma gangue, deve ficar atento e evitá-los para não se machucar, e estar sempre alerta.

Agora, quando as pessoas ouvem a palavra GANG, devem pensar nas Garotas de Uma Nova Geração Ativa. Nossa GANG não vai te machucar ou prejudicar de

forma alguma, mas vai te proteger e fazer você se sentir segura. Você pode falar sobre suas batalhas para nós, ou sobre uma batalha que outra pessoa esteja enfrentando e tenha muito medo de falar, ou não tenha ninguém em quem confiar. A nossa GANG ajuda a conscientizá-la sobre os seus direitos e o que você pode fazer para se proteger.

Nosso professor nos permite colocar cartazes sobre a GANG na biblioteca, para

que todos os alunos possam ler sobre nós. Dizemos:

- Sonhe grande. Não deixe que o álcool e a violência atrapalhem os seus sonhos.
- Mire alto. Não acredite nos outros, que dizem que você não é digna.
- Faça a diferença. Junte-se à GANG e ajude outras meninas.
- Mude. Nós somos agentes de mudança e você também pode ser.”

Taylor, 16



Ouvir e falar conosco

“ Como Embaixadora dos Direitos da Criança, você pode testemunhar muitas crianças e adultos que realmente não sabem o que são os direitos da criança. Portanto, compartilho o meu conhecimento sobre os direitos da criança com as pessoas que me cercam.

Por exemplo, agora sei que os professores não podem bater em nós, porque é contra a lei que protege as crianças. Então, quando o nosso professor bateu no meu colega por chegar atrasado, levantei e disse a ele que aquilo era ilegal. Então o professor tentou me bater, mas eu corri para fora. Meu amigo me seguiu e fomos pedir ajuda a uma professora. Ela voltou à nossa sala de aula e explicou ao nosso professor que era ilegal bater numa criança. O professor ficou com o rosto vermelho-sangue.

As crianças têm direitos, e isso significa que, se você se atrasar, seu professor deve perguntar o motivo e ouvir a sua resposta. Os adultos devem permitir que as crianças falem, e ouvi-las. É isso que os adultos têm que aprender, a nos ouvir e falar conosco, em vez de bater e gritar”.

Bianca, 17



PUNIÇÃO CORPORAL NA ÁFRICA DO SUL

Punição corporal é castigar as crianças com violência, causando dor ou outro desconforto. Isso inclui dar tapas ou socos na criança ou espancá-la, bater na criança com um pedaço de pau, um bastão de apontar, uma régua ou outro objeto, beliscar, chacoalhar ou empurrar a criança. Isso também inclui forçar a criança a

comer coisas, como pimenta forte, ou lavar o interior da boca com sabão.

A punição corporal foi banida nas escolas sul-africanas desde 2007, mas ainda é usada por muitos professores. Uma pesquisa mostrou que pelo menos um milhão de crianças na África do Sul foram submetidas à punição corporal

na escola em 2019.

Quando um professor expõe uma criança à violência, ele deve ser denunciado ao diretor. Se nada for feito, ele deve ser denunciado à polícia e à autoridade escolar mais próxima. A lei diz que eles devem fazer uma investigação completa sobre o caso.

Alguns pais pensam que

estão educando seus filhos quando os espancam. Talvez seus próprios pais também os espancassem quando eles eram crianças, porque nunca aprenderam a criar os filhos sem violência. A punição corporal ensina as crianças a resolver os problemas com violência, e pode transformá-las em agressores.



Desculpou-se por fazer o certo

“ Moro com a minha tia desde os doze anos, porque foi nessa idade que as coisas ficaram difíceis para mim. A minha mãe e o meu pai estavam desempregados e sem renda. Algumas noites, tínhamos que dormir com fome e esperar até depois da escola, no dia seguinte, para comer alguma coisa. Fosse mingau, pão ou o que estivesse disponível, tinha que ser suficiente para mim e meus irmãos.

Uma noite, tiros foram disparados na rua. Rastejamos para debaixo da cama, porque a minha tia disse que os tiros poderiam voar pela janela e nos atingir. No dia seguinte, briguei com o meu professor na escola, pois estava perturbada e não conseguia me concentrar. Continuei chorando, embora fizesse o possível para conter as lágrimas. Ele disse que a sala de aula não era lugar para discutir gangsters, e que



devíamos trabalhar. Eu disse que ele não me respeitava, e então ele jogou o apagador de quadro-negro em mim. Acertou a minha cabeça.

Forçada a se desculpar

Fiquei muito chateada com toda essa violência em Bonteheuwel. Por que o meu professor ficou tão agressivo? Naquela tarde, contei à minha tia o que aconteceu. Ela foi ao director no dia seguinte, para reclamar e dizer que bater numa criança era ilegal. E que isso é proibido pelas legislações de direitos da criança do nosso país. Então, o director discutiu com ela e perguntou se havia alguma testemunha ocular. Meus amigos da escola tinham muito medo de falar contra o professor. Não os culpo, porque há muitas coisas que os adultos podem fazer para machucar as crianças.



Apagador de quadro
Foi um desses que o professor jogou na cabeça de Jody.



Jody e seus irmãos moram na casa da sua tia.



Minha voz por direitos

Fui forçada a me desculpar com o professor, ou seria expulsa. Eu não queria ser expulsa da escola, então me desculpei. Na minha cabeça, eu disse a mim mesma que estava me desculpando por fazer a coisa certa.

Minha voz por direitos

Conheço os meus direitos. Como Embaixadora dos Direitos da Criança, estou

empenhada em usar a minha voz e a minha história para acabar com a violência contra crianças e adultos. Um dia, se Deus me ajudar, quero estudar Direito, para poder tomar medidas legais contra pessoas que machucam as crianças. Eu quero ser uma defensora dos direitos da criança.”

Jody, 16 år





Você e seus amigos querem participar e espalhar conhecimento sobre os direitos da criança? Faça ouvir sua voz pelos meios de comunicação. Essa atenção pressiona os detentores do poder a preocuparem-se mais com as crianças ao tomar decisões.

Todos os anos, quando os votos de milhões de crianças na Votação Mundial são somados, as crianças organizam suas próprias Conferência de Imprensa das Crianças do Mundo no mesmo dia, em todo o mundo. Elas exigem respeito pelos Direitos da Criança e revelam qual dos nomeados recebeu a maioria dos votos e será laureado com o *Prêmio das Crianças do Mundo pelos Direitos da Criança*, e quais deles receberão o *Prêmio Honorário das Crianças do Mundo*. Somente as crianças podem falar e ser entrevistadas pelos jornalistas durante as conferências de imprensa. Vocês querem participar?

Façam assim:

Contem para a pessoa de contato do WCP em seu país que vocês realizarão uma Conferência de Imprensa das Crianças. Há muitas escolas onde vocês moram? Realizem uma conferência de imprensa conjunta, com um representante de cada escola no palco.

Bom local

Se possível, escolham o edifício mais importante do bairro para sua conferência de imprensa, para mostrar que os direitos da criança importam! A escola também é um bom lugar para a conferência. A conferência de imprensa de 2023 será realizada no dia da cerimônia do WCP, em Outubro. A data exata será publicada no site do WCP.

Convidem os meios de comunicação

Entrem em contato com os meios de comunicação locais com antecedência. Pode ser necessário insistir um pouco. Telefونem, enviem correio eletrônico e mensagens para edi-

tores e jornalistas individuais. Infelizmente, nem todos os adultos consideram questões relacionadas aos direitos da criança importantes. Portanto, vocês têm que explicar isso a eles.

Preparem

Escrevam e pratiquem o que vocês querem dizer sobre o WCP, e como as crianças se sentem onde vocês vivem e em seu país. No dia anterior à conferência de imprensa, vocês recebem informações secretas do WCP sobre o resultado da Votação Mundial do Prêmio das Crianças do Mundo.

Realizem a conferência de imprensa

1. Comecem com dança e música e contem que outras crianças estão realizando conferências de imprensa simultâneas em todo o mundo.
2. Forneçam fatos sobre o WCP e mostrem vídeos curtos.
3. Falem como as crianças vivem onde vocês moram e o que vocês sabem sobre violações dos direitos da criança onde vivem e em seu país. Contem quais mudanças vocês querem ver e façam exigências.
4. Contem sobre as grandes contribuições dos heróis dos direitos da criança e revelem o resultado da Votação Mundial.
5. Distribuam o comunicado à imprensa e o folheto informativo sobre os direitos da criança.

Em worldschildrensprize.org/wcpc vocês encontram:

- Data exata da conferência de imprensa.
- Comunicado à imprensa, folheto informativo sobre direitos da criança e rascunho de roteiro.
- Dicas para convidar jornalistas e de perguntas para fazer a políticos.
- Vídeos sobre o WCP, a Votação Mundial e os heróis dos direitos da criança.
- Imagens para a imprensa.



Rainha Silvia
da Suécia



Nelson Mandela



Malala Yousafzai



Desmond Tutu



Graça Machel

Nós apoiamos o Prêmio das Crianças do Mundo

Malala Yousafzai e o saudoso Nelson Mandela escolheram ser patronos do Prêmio das Crianças do Mundo. Eles também foram os únicos a receber tanto o Prêmio Nobel da Paz quanto o que a mídia geralmente chama de "Prêmio Nobel das Crianças", o Prêmio das Crianças do Mundo pelos Direitos da Criança. Ambos também são Heróis dos Direitos da Criança da Década.

Quem fez algo de bom pelos direitos da criança ou pelo Prêmio das Crianças do Mundo pode se tornar Amigo Adulto Honorário e patrono do WCP. A rainha Silvia foi a primeira patrona do WCP. Entre os patronos do WCP, além de Malala e dos saudosos Nelson Mandela e Desmond Tutu, estão Xanana Gusmão, Graça Machel, e ex-primeiros-ministros e ministros da infância suecos.



Viggo e Samra conhecem Malala ...

Samra e Viggo sentam-se nervosos e olham para o tablet. Eles têm uma grande responsabilidade. Daqui a pouco, contarão à convidada, que em breve se juntará à reunião on-line, que cerca de dois milhões de crianças já tomaram a sua decisão ...

— Olá, Malala, chamo-me Viggo.

— E eu chamo-me Samra.

— Olá, Viggo e Samra, diz Malala. Para Viggo e Samra, é surreal ouvir Malala dizer os seus nomes.

— Hoje representamos quase dois milhões de crianças que participaram do último programa do Prêmio das Crianças do Mundo. Todos nós aprendemos sobre nossos direitos e estudamos o trabalho dos heróis e heroínas dos direitos da criança antes de participar da Votação Mundial democrática na qual apenas crianças podem participar, explica Viggo.

— E todos nós aprendemos sobre sua vida e seu trabalho pelos direitos das meninas, diz Samra.

A grande revelação

Viggo se posiciona e se inclina para o tablet...

— Nós, dois milhões de crianças, decidimos em nossa Votação Mundial que você, Malala, é nossa Heroína dos Direitos da Criança da Década!

— Uau! Muito obrigada! exclama Malala, e continua:

— Senti-me honrada em receber o Prêmio das Crianças do Mundo em 2014, e obter o título de Heroína dos Direitos da Criança da Década é uma imensa distinção. Isso me motiva ainda mais para continuar minha luta pela educação das meninas. Minha missão é garantir que todas as meninas possam receber doze anos de educação segura e gratuita de alta qualidade.

— Por favor, Malala, conte-nos mais sobre seus conselhos acerca da igualdade de direitos das meninas, pede Samra.

— Existem 127 milhões de meninas em todo o mundo que não têm permissão para frequentar a escola. Essas meninas têm sonhos, assim como nós! Elas querem se tornar médicas, professoras, especialistas em dados e líderes. Porém, a falta de uma educação torna isso impossível para elas.

— Eu comecei o Fundo Malala para trabalhar por um mundo onde as meninas possam liderar sem medo. Às vezes, o direito à educação é negado às meninas apenas por serem meninas, então esta é uma grande missão, mas podemos fazer acontecer.



— Sabemos que quando as meninas recebem educação, a pobreza é reduzida e aumentamos os esforços contra as mudanças climáticas. Portanto, a educação das meninas traz benefícios para países inteiros tanto quanto para as próprias meninas. É importante que vocês continuem sonhando alto e ajudando na mudança que desejam ver para tornar este mundo melhor, conclui Malala.

— Obrigado, Malala! Conhecê-la foi como a realização de um sonho para nós. Você realmente é uma heroína dos direitos da criança, diz Viggo.



... e falam na cerimônia do WCP

Samra e Viggo estão igualmente nervosos ao subirem no palco na cerimônia do Prêmio das Crianças do Mundo depois de falarem com Malala. Eles se curvam e fazem uma vénia à rainha antes de dar os últimos passos em direcção ao púlpito, onde ficam diante de todas as crianças do júri.

“ Fugimos da Eritreia quando eu tinha seis anos. Tive que deixar minha avó e todos que eu amava.

Gostei muito de trabalhar com o programa do WCP. Aprendi sobre pessoas no mundo que lutam pelos direitos da criança e, ao participar do programa, também aprendi que tenho direitos. Aprendi muito sobre os direitos das meninas. Para mim, é importante que todos ao redor do mundo assegurem que os direitos das meninas estejam no centro. Os líderes devem ter isso como sua questão mais importante.

Me agrada muito que milhões de crianças participem do WCP ao mesmo tempo. O programa garante que nós, crianças, conheçamos nossos direitos.”

Samra, 12, escola Gate, Arvika

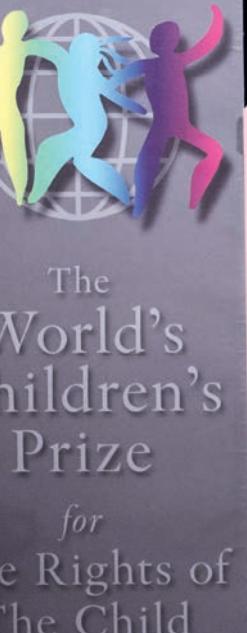
“ Eu realmente acho que os heróis e heroínas dos direitos da criança são melhores e têm mais poder do que todos os super-heróis que vemos no cinema.

O Prêmio das Crianças do Mundo ajudou muitas crianças a conhecerem seus direitos. Algo que, de outra forma, elas não teriam feito. Agora sei mais sobre como as meninas são tratadas e sobre seus direitos. Antes, eu não sabia muito sobre isso.

Realmente acredito que participar do programa do Prêmio das Crianças do Mundo me afectou muito, e mudou a maneira como vejo o mundo em que todos nós vivemos. Tenho certeza de que, se todas as crianças do mundo pudesse participar do programa do Prêmio das Crianças do Mundo, conseguíramos criar um mundo melhor para todos!!”

Viggo, 12, escola Gate, Arvika

Yanga, vencedora do Ídolos na África do Sul, se apresentou com Simthandile e Thato durante a cerimônia do WCP.



Seja delator(a) quando houver algo errado!

Todos os adultos que ajudam você e outras crianças a organizar o programa do WCP devem respeitar os direitos da criança. Se, durante o trabalho com o programa do WCP, você presenciar crianças sendo tratadas incorretamente ou for exposto(a) a isso, você deve denunciar. Geralmente, chama-se quem denuncia algo errado de delator(a). Tente sempre falar com um adulto de sua confiança, em sua escola ou onde mora. Caso isso não seja possível, você pode entrar em contato com o WCP.

Alguns exemplos de coisas que não podem acontecer durante a implementação do programa do WCP são que um adulto, como um(a) professor(a), diretor(a) ou outra pessoa exponha uma criança a:

- Violência, inclusive violência sexual
- Intimidação/assédio moral (*bullying*), discurso de ódio ou outras formas de violência psicológica
- Violação da integridade pessoal das crianças (por exemplo, se alguém tirar uma foto sua ou revelar informações pessoais sobre você, embora você não queira ou sem te perguntar antes)

Se o que deseja relatar não tem nada a ver com o programa do WCP, você sempre deve entrar em contato com um adulto próximo em quem confie. Se você ou outra pessoa precisar de ajuda urgente, entre em contacto com a polícia imediatamente.

A revista O Globo deve ser gratuita!

A revista O Globo é um material educacional gratuito, que é livre para uso por crianças que participam do programa do WCP. Caso veja alguém vendendo a revista O Globo, ou vendendo algo que pertence ao programa do WCP para ganhar dinheiro, isso é errado. Informe ao WCP ou peça a um adulto em quem você confie para entrar em contacto.

Como funciona?

A maneira mais segura de relatar o que aconteceu ao WCP é através do nosso Formulário de Denúncia em [worldschildrensprize.org/whistle](http://worldschildrensprize.org whistle). Neste caso, sua denúncia chegará a uma pessoa de confiança do WCP, que tratará suas informações com segurança.



Malala



“Senti-me honrada ao receber o Prêmio das Crianças do Mundo em 2014, e obter o título de Heroína dos Direitos da Criança da Década é uma imensa distinção. Isso me motiva ainda mais a continuar a minha luta pela educação das meninas. A minha missão, é garantir que todas as meninas possam receber uma educação segura, gratuita e de alta qualidade. Existem 127 milhões de meninas em todo o mundo que não têm permissão de frequentar a escola. Essas meninas têm sonhos, assim como nós!”

Na sua Votação Mundial, 2 milhões de crianças escolheram Malala Yousafzai para ser laureada com o Prêmio das Crianças do Mundo pelos Direitos da Criança em 2014. Quase 2 milhões de outras crianças também escolheram Malala como Heroína dos Direitos da Criança da Década, dentre heróis/heroínas dos direitos da criança que receberam o Prêmio das Crianças do Mundo de 2011 a 2019.